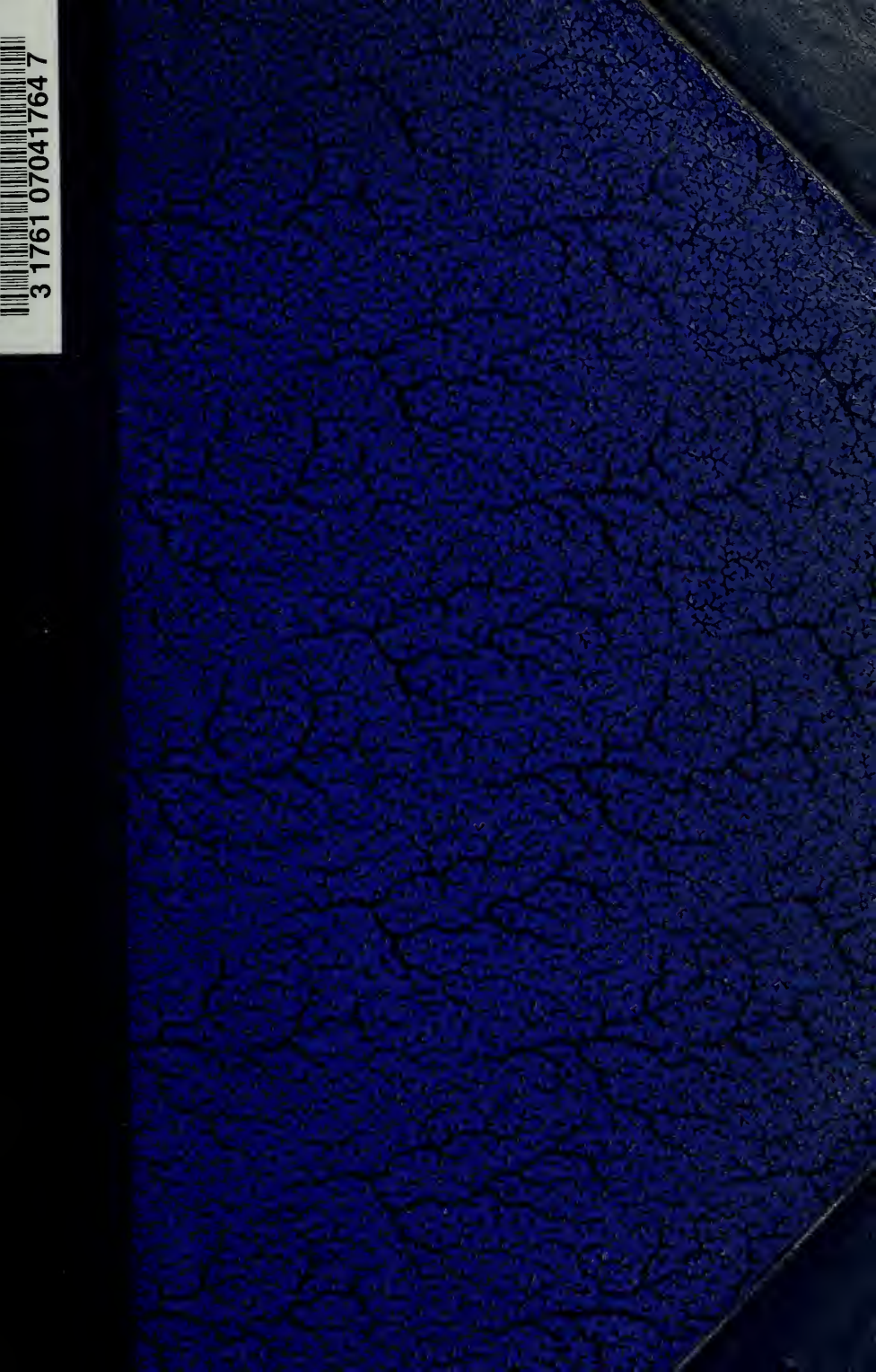



3 1761 07041764 7







ALCS
Compania
de Luz
7-1580A



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

CEM CARTAS DE CAMILLO

D'esta edição se tiraram 24 exemplares em papel couché
todos numerados e destinados a offertas

A PROPRIEDADE D'ESTE LIVRO PERTENCE AO CULTO CAMILIANO,
POR GENEROSA DADIVA DO AUTOR



12/18/82.

UNIÃO

PHOTOGRAPHIA DA CASA REAL

4. Praça de S^{ta} Theresza. 4.

PORTO

CEM CARTAS DE CAMILLO

Coordenadas e anotadas
por L. XAVIER BARBOSA

PER ORBEM PVLGENS



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58-60, RUA GARRETT — RUA DO OURO, 132-138

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PQ

9261

C3 Z 53

1919



PROEMIO

O coordenador das cartas, que adiante se transcrevem, nasceu no penultimo dia de Outubro de 1849. Portanto, toda a sua infancia, adolescencia e mocidade decorreu na segunda metade do seculo XIX.

Em 1857, com pouco mais de 7 annos, estava accidentalmente em Vianna do Castello; e ainda se lembra de, ahi, ter visto um homem alto e feio, picado das bexigas, de bigode hirsuto, transitar pausadamente pelas ruas da cidade, parecendo ser figura de prestigio, pela firmesa da marcha e pelo aprumo do porte; e, de feito, os que com elle se cruzavam, não resistiam a voltarem-se e a olharem-n'o com persistente curiosidade.

Este homem era Camillo Castello Branco, a esse tempo já popularisado por alguns romances seus que corriam com geral apreço.

Camillo, que então habitava uma pittoresca vivenda no arrabalde de S. João d'Arge, passava o mais do tempo na redacção da *Aurora do Lima*, ou em casa dos irmãos Barbosas, de quem elle era intimo, principalmente do José, mais novo 3 annos, e do Luiz, que orçava pela idade do romancista, pois ambos haviam nascido em 1825.

O que, porem, mais prendia a criança, não era o homem alto de bigode hirsuto, mas um corpulento cão, o *Martyrio*, que continuamente acompanhava o escriptor, e que, muito manso, acceitava as festas infantis com todos os indicios de grande satisfação canina.

Em casa dos Barbosas, havia uma governante, entrada de poucos mezes, por inculca da D. Eufrazia, hospedeira de Camillo no Porto. Era uma senhora já avançada em annos, viuva de um official obscuro, morto no cerco da referida cidade, senhora bem educada e de tal ou qual illustração, muito pratica no desempenho do seu mistér, e do mais escrupuloso e correcto procedimento.

Camillo, seu intermediario na collocação, em antes de se retirar, mostrava sempre o desejo de *vêr a snr.^a D. Anna*, como elle respeitosamente dizia. Procurava-a, pois, na copa, abeirava-se da governante, que o recebia sorridente e agradeida, tentando levantar-se, ao que Camillo vivamente obstava, apressando-se a apertar-lhe a mão, e cumprimentando:

— Então, snr.^a D. Anna, está contente? Tem boa saude? Deseja alguma coisa do Porto?...

— Que se sentia muito bem, respondia a pobre velha.

Que estava muito satisfeita. Que Deus pagasse a sua Ex.^{cia} tanta bondade e carinho!

Camillo, findos os cumprimentos, retirava-se; e a boa senhora, virando-se para mim, que a não comprehendia, monoïogava em voz baixa:

— Este senhor... este senhor!... Que pena! Que pena!...

E com as pontas dos dedos batia leves pancadinhas na testa, como que rematando assim a phrase apenas esboçada.

É que a velha D. Anna não era estranha ao grande mérito do escriptor, e muito bem sabia a bondade ingenua d'aquelle character phantasista e irrequieto que deu brado na bohemia portuense do tempo, character excepcionalissimo, em que, no proprio conceito do romancista, «havia sempre um pensamento bom que o escravizava ao mal». (Veja-se a carta ix da Parte primeira).

*

* *

Em 1862, já o coordenador d'estas cartas se não lembrava do homem alto e feio, dono d'aquelle pacifico canzarrão que tantos afagos lhe merecêra 5 annos antes.

Entrou elle, então, aos seus primeiros exames no lyceu do Porto; e, muito dado a leituras e propenso a livros, eram-lhe guias nas suas aquisições habituaes os compendios adoptados n'esse tempo para o estudo da lingua patria: os *Logares selectos* do Padre Cardoso e as *Poesias selectas*, de Paulo Midosi. Reduzia-se, portanto, a sua leitura a Almeida Garrett, a Herculano, a Castilho, a Rebello da Silva e a poucos mais, porque o Padre Cardoso era intransigente e pedantesco, negando logar no seu pantheon litterario aos bons espiritos da geração que despontava.

N'esse anno de 1862, houve, porem, em Portugal um successo de livraria, successo retumbante, que difficilmente se tornará a repetir. Refiro-me á publicação do *Amor de Perdição*.

Apenas apparecido este romance de Camillo, empolgou elle como por magia todas as classes do paiz, que o devoravam entre o applauso e a commoção, sendo geraes e sem discrepancia os louvores e as lagrimas. Todos choraram sobre os infortunios de Thereza de Albuquerque e de Simão Botelho; e o escuso mirante de Monchique, que até ahi se conservara solitario e desmantelado, passou a ser uma instancia de sentimental reparo para quem quer, que, no Porto,

descesse ou subisse pela rua da Restauração. O extraordinario apreço com que esse romance de paixão foi unanimemente recebido, acha-se tão pormenorizado, quanto brilhantemente descripto, no interessante livro do Snr. Alberto Pimentel — *Notas sobre o Amor de Perdição*, Lisboa, 1915. — E, com effeito, o excepcional romance “foi como scintilla que incendiasse todos os corações, penetrando até n’aquelles austeros domicilios onde o nome do autor era pronunciado com azedume. Muitas lagrimas enternecidas refrigeraram o ardor d’essas paginas esbraseadas. Chorou-se, sonhou-se sobre o *Amor de Perdição*, como sobre um poema de infinda amargura, que não tinha rival nas letras portuguezas.” (Livro citado, pag. 30).

Camillo obteve assim a suprema consagração como romancista. E, nos annos posteriores, quasi por trez decadas successivas, a sua producção litteraria continuou abundante, varia e esmerada. Os seus romances, mal sahidos dos prelos, eram lidos com summo interesse e avidez, palpitando sempre n’elles os typos, os usos, os costumes e as tradições da nossa vida nacional; e, pelo que ao scenario concerna, tambem n’elles se esbatem os harmoniosos matizes das nos-

sas veigas, os longes esfumados dos nossos calvos e dene-
gridos serros, os nossos pinheirões verde-negros e gemen-
tes, os invernos floridos das nossas bouças e montados, e,
enfim, todos os característicos acessórios da nossa surpre-
hendente paisagem, rica de suaves accidentes e bella de
saudosissimos horisontes. E, por sobre isto, romances escri-
ptos em lidima prosa vernacula, abundante de locuções e de
vocalos, linguagem mascula, elegante e castiça, que raras
vezes será igualada, e, por certo, nunca logrará ser excedida.

*

* *

Todos esses romances, pois, foram-me encanto na minha
já longinqua mocidade. E, quando definitivamente comecei
a sentir a algidez da velhice, cada um d'elles, pela myste-
riosa associação das ideas, me despertava doces lembranças
da minha vida passada. Assim, fiz-me *Camillianista*, isto é,
appliquei-me a colleccionar todas as obras originaes do
insigne escriptor, e todas as especies litterarias que com
o mesmo collidem ou a elle se refiram, tarefa leve e

paciente, que tem a dupla virtude de me amortecer os achaques da idade e de me attenuar os desfallecimentos do espirito.

Ora, de entre as cartas authographas de Camillo que eu possuo, todas muito dignas de apreço, algumas ha, que, sem inconfidencia, podem ser publicadas, constituindo elementos de valor para o estudo da vida, do temperamento e da actividade litteraria do genial romancista. Essas, portanto, irei eu transcrevendo e coordenando em partes successivas, tomando para assumpto d'estas a idéa fundamental que predomina em cada grupo de cartas, e que, por bem dizer, consegue facultar-lhes uma methodica ligação. Assim, o livro que segue compor-se-ha de trez partes, a saber:

A primeira, que exclusivamente haverá de referir-se á collaboração e redacção da *Aurora do Lima* por Camillo, entrando em curiosos pormenores sobre este assumpto, e abrangendo 48 cartas do primoroso escriptor: 47 a José Barbosa e Silva, e 1 a Luiz Barbosa.

A segunda, que particularisarás as diversas visitas de

Camillo a Vianna do Castello, com individuação dos motivos, das datas e das demoras d'essas visitas. Documentarão esta parte 10 cartas do illustre romancista, sendo 3 dirigidas a José Barbosa, 1 a Matheus Barbosa, e 6 a Luiz Barbosa.

A terceira, finalmente, onde se transcreverão 42 cartas de Camillo a José Barbosa e Silva, versando assumptos variados e sobremaneira interessantes.

Na transcripção de todas estas cartas, escrupulosamente se respeitou a orthographia constante das originaes, que, evidentemente, não foram escriptas com a intenção de virem a ser publicadas; e, assim, se alguma cousa perdem em esmero litterario, demasiadamente o resgatam pela ausencia de affectação e pela espontaneidade que revelam. Todas ellas vão cuidadosamente datadas: umas com as datas expressas nos originaes; e outras, cujos originaes as não exararam, deduzidas essas datas quer do registo da recepção, quer dos carimbos do correio impressos nos sobrescriptos. Para evitar duvidas, comtudo, as datas d'esta ultima especie vão indicadas entre parenthesis.

Tal é o plano do livro que segue, sem qualquer pretensão ao menor relevo litterario, mas como util repositorio de documentos flagrantes, todos attinentes á extraordinaria personalidade de Camillo. E, por conseguinte, se algum merecimento litterario n'esta publicação subsiste, cifra-se elle tão somente nas cartas que adiante vão transcriptas, das quaes, ainda hoje, como que resaltam os multiplos estados d'alma, que se succederam no portentoso escriptor que as traçou.

Vianna do Castello — Maio de 1919.

Luiz Xavier Barbosa.

PARTE PRIMEIRA



José Barbosa e Silva
(1828-1865)

PARTE PRIMEIRA

CAMILLO COLLABORADOR E REDACTOR DA "AURORA DO LIMA".

(Fim de 1855 a meados de 1859)

No sabbado, 15 de Dezembro de 1855, sahiu em Vianna do Castello o primeiro numero da *Aurora do Lima*, jornal fundado por José Barbosa e Silva ¹ e um grupo de amigos seus.

Não obstante, já em 17 de Setembro havia Camillo remettido a José Barbosa um artigo e um folhetim para serem publicados na *Aurora*, acrescentando que «breve receberia correspondencia, de modo a não ficar o jornal sem o subsidio d'elle, Camillo. Que José Barbosa dissesse em duas linhas se a coisa agradava.» D'onde claramente se infere

¹ José Barbosa e Silva, devotado amigo de Camillo que largamente se lhe refere a pags. 73, 74 e 75 das *Duas horas de leitura* (1.^a ed. Porto, 1857). Nascera J. Barbosa em 30 de Outubro de 1823, sendo, portanto, mais novo que o grande romancista pouco mais de trez annos.

De aptidões accentuadamente litterarias, José Barbosa collaborou em muitos jornaes, semanarios e outras publicações tanto de prosa como de verso que então sahiam a lume. Tambem escreveu o romance "Viver para soffrer.", que, com um extenso e encomiastico prefacio de Camillo, foi impresso no Porto, na Typographia de J. J. Gonçalves Basto, em 1855. Este romance, composto no estylo imaginoso e predilecto da epoca em

que o jornal estivera para sahir a lume coisa de trez mezes antes, o que não lograra realisar-se por quaesquer motivos hoje ignorados.

Em 18 de Dezembro escreve Camillo :

I

MEU CARO BARBOSA.

Reccebi a tua presada carta.

Não tens já o Album em teu poder, p.^r q̄ m'o pediu para vê-lo D. Izabel Candida ². Irá dep.^s de ámanhan. Faz-me

que foi publicado, nunca foi posto á venda, e os exemplares que apparecem representam offertas.

Entrado definitivamente para a politica n'uma idade que supponho entre os 28 e 30 annos, filiou-se José Barbosa no partido Progressista Historico, que, a esse tempo, tinha por chefe o nobre Duque de Loulé.

O circulo da sua naturalidade, Vianna do Castello, por trez vezes lhe conferiu o mandato de seu representante em côrtes, elegendo-o pela primeira vez em 1858, e reelegendo-o com enthusiasmo em 1864. Depois, em 1865, quando José Barbosa se achava enfermo, quasi moribundo, sendo publico e notorio que poucas semanas de vida lhe restavam, ainda assim, comovente demonstração de reconhecimento e affecto, foi pela ultima vez eleito e por opposição ao ministerio de então, fallecendo pouco depois sem chegar a occupar o seu logar no parlamento.

N'umas quaesquer complicações que haviam surgido com a Porta Ottomana, tambem José Barbosa, por decreto de 9 de Junho de 1862, fôra nomeado representante de Portugal em Constantinopla, não chegando, porem, a partir para a sua missão na capital da Turquia.

² D. Izabel Candida Vaz Mourão, a freira do convento de S. Bento da Ave-Maria que tão romanescamente se dedicára a Camillo e que, sobre si, tinha tomado o generoso encargo de olhar pela educação da filha do illustre escriptor. (Veja-se o *Romance do Romancista* do snr. Alberto Pimentel — Lisboa, 1890, — Pags. 102 e 103). D. Izabel Candida, muito provavelmente historica, possuia uma invulgar illustração; a sua con-

a assignatura da *Aurora do L.* visto que não é cousa tua. Quero por ella compulsar as intelligencias de Vianna, em disponibilid.º

.....

O primeiro vol. das *Memorias* deve sahir em fim de Janeiro. A cousa hade ser bonita! Já p.ºr ahi se talham carapuças... o pano ainda está no tear...

Abraça os am.ºs do teu

(Porto, 18 de Dezembro de 1855).

C. C. Branco.

Em 11 de Janeiro de 1856, ainda convalescente de uma qualquer doença, de novo escreve Camillo:

II

MEU CARO BARBOSA.

Tenho aturado uma grave doença do estomago. Ha 15 dias que entrei na cama, e principio agora uma aborrecida convalescença. O tempo concorre, adoentando-me o espirito. E' incrivel e insuportavel tanta chuva.

Tenho recebido 2 n.ºs da *Aurora do Lima* — os ultimos.

versa sobremaneira atrahia e deleitava, sendo voz corrente, sem que, contudo, possa garantir-se, que era ella quem segredava ao eximio romancista curiosos informes sobre particularidades internas dos mosteiros femininos, confidencias que elle depois assimilava nas flagrantes descrições dos seus romances.

Lembrava-me dizer-te que, se me pagassem, escreveria para esse jornal 4 correspondencias-folhetins por mez, sobre cousas do Porto, tudo o q̃ pode e deve ser folhitinizado. Gratuitam.^{te} não posso; bem sabes que não escrevo por prazer nem p. gloria. As correspond.^{ias} podem interessar ca e la, e o jornal, se me não engana a vaid.^e, lucrará algumas assignaturas. Não sei. O caso é que as 4 correspond.^{ias} escrevo-as por 14:400 rs. mensaes — enchendo os 3 lados. Como o jornal recebe de ti, se não collaboração, influencia de qualq.^r modo, propõe, e dá p.^{te} do resultado. Ca vou indo (isto é — heide ir indo q.^{do} poder) com as memorias do juiz eleito. A *Aurora* não publicou o prospecto?

Ad.^{es} meu caro

(Porto, 11 de Janeiro de 1856).

Teu do C.
Camillo Cast.^o Br.^o

E, em 10 de Julho de mesmo anno, da Foz:

III

MEU CARO BARBOSA.

Não me sinto peor á beira mar; mas melhor tambem não. Os banhos só em Agosto os tomarei, porque os temo agora. Comecei comendo m.^{to}; e quando antevia o glorioso abdomen d'um Vitellio, foge o appetite, e volvo ao *statu quo* da transparencia usual. Falta-me o ar; já ves que não basta o ambiente do oceano p.^{ra} os meus pulmoes. São como a alma. Se não fossem umas doses vulgarm.^{te} osteocopias de-

clarava-me excentricid.^{de}. Assim o mais que farei é espreitar os mysterios do caranguejo na fuga do rochedo.

A «Aurora» parece-me bem. As cartas do Novaes ³ revellam ingenho vêsgo, mas remedeiam. Os art.^{os} são substanciosos; e, se me permittes a graça, o de 3.^a feira era *substancioso* de mais. Offerece as ignarias que menciona ao Viscondê ⁴. Se Vianna tivesse um bom estatuto de pustras municipaes seria elle o primeiro entulho removido.

Os folhetins, como verás, vão entrar regularm.^{te} Não tem sido m.^a a culpa. Eu hoje acabo o q̃ principio. Não te deixarei ficar mal em q.^{to} á quantidade. Estou a largar a «Verdade» por dias. Tenho um trabalho (em latim!) coisa m.^{to} seria. E' nada menos que um subsidio p.^a a traducção dos 5 primeiros livros de T. Livio. Cruzes, Canhôto! No que se atufa um romancista vaporoso! Agora é que eu vou usar oculos de prata, chinelo d'ourêlo, e barrete de sêda. Ainda me has de ver escrever os segredos do dythongo! Dá um abraço no Luiz ⁵, outro no Ma-

³ Faustino Xavier de Novaes, o conhecido poeta satyrico portuense, tambem collaborador da *Aurora do Lima*. (Veja-se o *Romance do Romancista* do snr. Alberto Pimentel — Lisboa, 1890 — Pag. 179) — Os escriptos de Faustino X. de Novaes na *Aurora* são firmados pelas iniciaes J. G.

⁴ Gaspar de Azevedo d'Araujo e Gama. Foi por duas vezes governador civil do districto de Vianna do Castello: a primeira, desde 6 de Janeiro de 1831 até 4 de Junho do mesmo anno; a segunda, quando já Visconde de Sam Paio dos Arcos de Val de Vez, desde 6 de Outubro de 1851 até 8 de Agosto de 1857.

⁵ Luiz Barbosa e Silva, irmão de José Barbosa e mais velho que elle passante de trez annos. De trato affavel e sem os excessos de sentimentalismo tanto do gosto d'aquella epoca de affectadas melancolias, era de constituição robusta e de franco e jovial character. Camillo presava-o

theus ⁶. "O Ant.^o não é homem de abraços ⁷, mas é de não ser insensível á estima em q̃ o tenho. O S.^{am} de Sousa ⁸ é um modêlo de bons moços: dá-lhe um apertão d'amigo pelas suas linhas. A ti dou-te um beijo, e uma esperança de envelhecermos juntos a recordar esta vida que

do coração e sinceramente se comprazia com as cartas de Luiz Barbosa, sempre muito simples, correctas e positivas, não excluindo graça natural e perspicacia nos conceitos. Nas *Duas horas de leitura* (1.^a ed. — Porto, 1857) a pags. 69, 70 e 71, allude Camillo a L. Barbosa, fazendo d'elle uma primorosa descripção, que tanto se recommenda pelas galas do estylo como pela justeza dos traços.

⁶ Matheus José Barbosa e Silva, o mais velho dos irmãos Barbosas. Nascera em Junho de 1821; e, aos 22 annos e meio de idade, ficou sendo o chefe da familia, dirigindo a educação do irmão mais novo, José, a quem fez cursar aulas no collegio da Formiga, então o mais afamado collegio do norte do paiz, situado nos arrabaldes do Porto. A esse irmão dedicou elle sempre uma entranhada affeição, mais de pai estremoso que de irmão exemplar. Matheus Barbosa — "o Matheus como toda a gente lhe chamava — tinha uma fisionomia de linhas energicas, o gesto decisivo e curto, as palavras sobrias e precisas." (Snr. João da Rocha, no notavel artigo editorial que inseriu no n.^o 549 da *Fôlha de Viana* correspondente a terça feira 1 de Fevereiro de 1916).

Camillo, que muito de perto o conhecia e apreciava, tratava-o sempre com extrema deferencia, mixto de consideração, de cordealidade e de sympathia.

⁷ Antonio Barboça e Silva, outro irmão de José Barbosa e mais velho que elle cinco annos. Em moço fôra alegre e expansivo; mas, regressando de uma segunda viagem pela Europa, tornou-se concentrado de genio e sentiu-se invadir por uma irresistivel misanthropia, fugindo á convivencia social. Isto explica o gracejo de Camillo.

⁸ Sebastião Maria d'Andrade e Sousa, então professor de francez no lyceu de Vianna. Redactor e um dos principaes collaboradores da *Aurora do Lima* desde o seu começo, até 9 de Março de 1877, dia em que Sebastião Sousa falleceu.

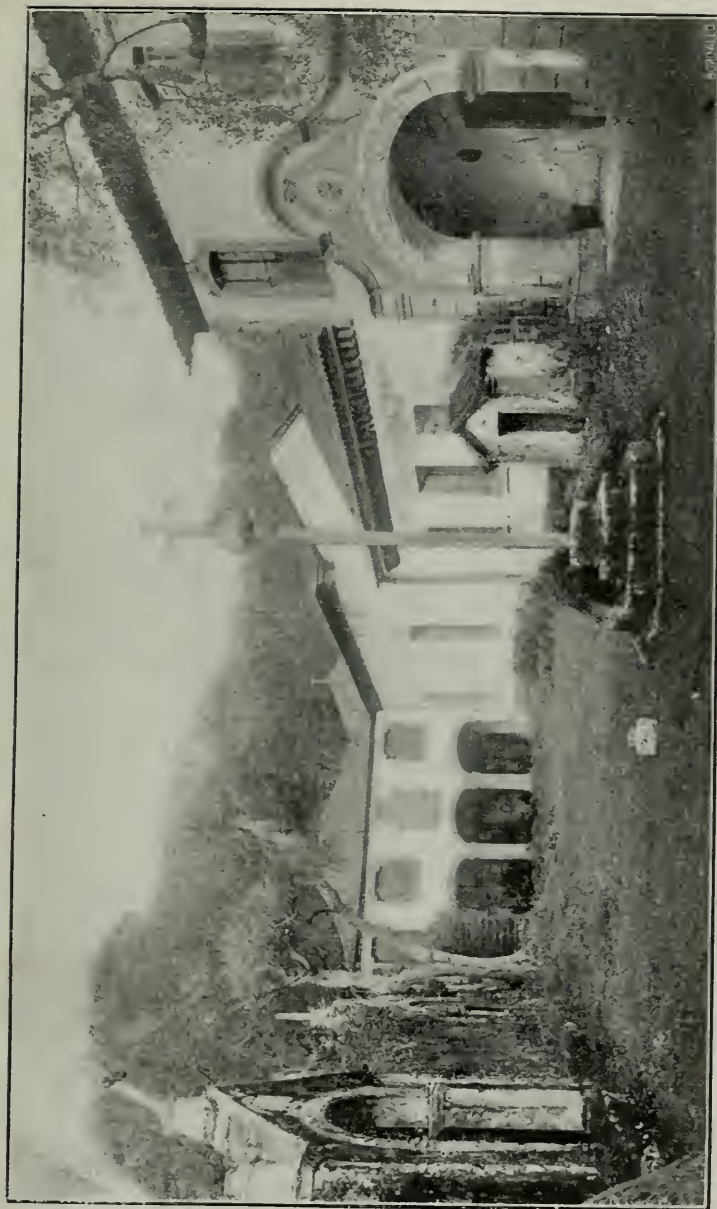
No proprio conceito de Camillo era elle "um coração de ouro e uma intelligencia brilhante, mas modesta."



Sebastião Maria d'Andrade e Sousa
(1825-1877)



VIANNA DO CASTELLO — S. FRANCISCO DO MONTE
Portão de acesso ao terreiro do Convento



VIANNA DO CASTELLO — S. FRANCISCO DO MONTE
Terreiro á entrada do Convento

nos foge no conventinho dos franciscanos ⁹. Havemos de ser importantes com as recordações e o reumathismo!

Ad. teu do C.
C. C. Branco.

Foz 10 de
Julho de 1856

N. B. — M.^{tos} recados da D. Eufrasia ¹⁰.

A 19 d'este mesmo mez, sempre a respeito da *Aurora*, escreve Camillo:

IV

MEU CARO BARBOSA.

Não tive resposta a uma carta que te escrevi. É verdade q̃ ella não a reclama, mas queria eu que me falasses de ti e dos teus.

Não me tenho dado bem no mar. Ainda não comecei os banhos; mas já que aqui estou aqui ficarei até fim de 7^{bro}.

Olha que os folhetins tem vindo m.^{to} errados; e al-

⁹ Allusão ao convento de S. Francisco do Monte, que, "todo rodeado de arvoredo sombrio, que facilmente nos inclina ao profundo esquecimento das vaidades do mundo, foi posto na volta da meia lua que alli fazem os montes para a banda do Sueste, onde ficou tão escondido que, tendo a vista larga para descobrir o ceo, de poucas partes da cerca se vêem as praias do mar, ou as ribeiras do Lima." (Fr. Manoel da Esperança. — Hist. Serafica — Segunda parte — Pags. 422 a 424). Este pequeno convento Viannense, que tanto impressionou a viva imaginação de Camillo, está situado na freguesia de S.^{ta} Maria Maior, no alto da encosta, á distancia de 3 kilometros da sede.

¹⁰ D. Eufrasia era a hospedeira de Camillo.

gumas asneiras, salidas na 1.^a edição, bem puderas tu emendal-as. Tem m.^s cuidado, ou manda ter com os futuros.

Estou escrevendo na «Verd.^e» uns art.^{os} intitulados Economia politica. Se o teu jornal os comportasse (o q̃ duvido) bom é que se fosse dessiminando o gosto p.^r estas leituras, visto que o nosso forte na Aurora devem ser questões d'esta ordem q̃ prendem sempre com especialidad.^{es} locaes — Caso os transcrevesses, não se me dá que os declares meus, posto que p.^a cá se persuadam que anda ali uma *notabili.^e economica* ¹¹. Parvos! Eu sou capaz de lhes escrever até sobre *folhamentos e irrigações*, sobre *reguengos e fateuzins!* Recados aos teus manos do teu m.^{to} aff.

(Foz, 19 de Julho de 1856).

C. C. Br.^{co}

Ora na «Verdade», jornal diario que começou a publicar-se no Porto desde segunda feira 17 de Setembro de 1855, em que sahiu o 1.^o numero, até ao ultimo, o 387, que sahiu em 31 de Dezembro de 1856, sendo alguns numeros impressos em papel de côr, publicou effectivamente Camillo varios folhetins, taes como «A Neta do Arcediago», «Onde está a felicidade?», «Justiça», «Lagrimas abençoadas», etc., etc. Quanto aos artigos sob o titulo «Economia politica» a que Camillo na sua carta se refere, são elles oito, não trazendo de feito assignatura explicita: — simplesmente * * * Sahiram nos numeros 247, 249, 251, 253, 256, 258, 260 e 262 respectivamente de 15, 17, 19, 22, 25, 28 e 30 de Julho e 1 d'Agosto de 1856.

¹¹ Por esse tempo, de entre as competencias economicas do Porto, saientavam-se os abalisados publicistas Pedro de Amorim Vianna e D.^{or} Antonio Ribeiro da Costa e Almeida. Veja-se adiante a carta xx.

A 24 d'este mesmo mez, de novo escreve Camillo

V

MEU CARO BARBOSA.

Sinto os duplicados desgostos que te affligem. Oxalá que tua mana não tenha de chorar um bom marido; mas, se Deus lh'o tira, deixa-lhe irmãos, e pais para seus filhos. Os teus soffrim.^{tos} fysicos penalizam-me. Queria, a optar por algum padecimento, que não fosse o que soffres. Tu és imaginativo, e incommodos de cabeça hão de impressionar-te m.^{to} mais. Tomara-me eu ao pé de ti, para te obrigar ao movim.^{to}, de ã has de tirar grande proveito. Essa vida sedentaria é terrível coisa.

Eu vou sentindo algumas melhoras, por qué me familiariso com o clima. Nada tenho gosado com o estudo de ferro que faço em coisas novas, e indispensaveis n'esta *materialissima* epoca. A proposito de art.^{os} industriaes, sou de opinião que os não transcrevas, por que me despedi da *Verdade*, e tenciono não escrever senão mais quatro. Os *folhetins* vão ser completados no *Clamor Publico*, jornal que principia a sua *ephemera* carreira no mez proximo, e p.^{ra} o qual fui *escripturado*, até fim de 7.^{bro}. A rasão da m.^a sahida da *Verd.^{de}* foi quererem-me mutilar o romance «Lagrimas...» em coisas orthodoxas p.^r que estes corrup.^{tos} entendem que Deus e progresso são entid.^{es} incompativeis. Tem-me feito cabellos brancos estes alarves!

Hoje veio E. Basto ¹² jantar comigo, e fiz-lhe as tuas recomendações, q̃ elle, grato e saudoso, retribue, fazendo-as ostensivas ao Luiz.

Veio aqui hontem a governante engajada, perguntar se de lá viera alguma noticia. Eu disse-lhe que esperasse descançada. Aqui está o cão foragido. Apareceu tão magro que não t'o mando assim. E' uma lastima.

M.^a filha ¹³ está no Collegio. D. Izabel está boa. Dir-lhe-hei que te lembraste d'ella. Recommenda-me a teus manos.

Teu
Camillo.

Foz 24 de
Julho de 1856.

Em carta de 14 d'Agosto seguinte, diz Camillo:

VI

MEU CARO BARBOSA.

O Cruz Coutinho manda para a imprensa, ou escriptorio da *Aurora*, alguns exemplares do romance, de que elle é editor, "onde está a felicid.ª?," Lê-o, e se o achares melhor

¹² Evaristo Basto, publicista de valor, muito original e excentrico; um dos mais intimos amigos de Camillo e seu inseparavel companheiro na bohemia portuense. A elle se refere o illustre romancista a pags. 71, 72 e 73 das *Duas horas de leitura* — 1.^a ed. — Porto, 1857.

¹³ D. Bernardina Amelia Castello Branco, filha de Camillo e de Patricia Emilia do Carmo. Nasceu a 25 de Junho de 1848 em Villa Real de Traz os Montes e foi educanda no mosteiro de S. Bento da Ave-Maria no Porto. (Sur. Alberto Pimentel — Romance do Romancista — Pags 97 a 104).

q̃ todos os outros, como penso que é ¹¹, recomenda-o. A remessa do dinheiro liquidado deve ser feita a elle Coutinho. Quaesquer despezas que se façam diz elle que sejam deduzidas da importancia dos livros, posto q̃ elle ca pagou a conducção. Faz que seja annuciado algumas vezes p.^r q̃ me convem m.^{to} que se venda este p.^a o ter certo na compra dos ulteriores romances, indo eu p.^a ahi.

A m.^a saude é uma coisa muito incerta. Não sei o q̃ é um dia sem algum incommodo. Estou velho no corpo, ainda mais q̃ na alma. O peor, se é peor, é a tristeza inconsolavel em que vou indo cada vez mais. Nada, nada, me tira d'estas penas indefiniveis em que me vejo. O que me vale é a esperanza de melhores dias, não sei quando, nem aonde. Vá esta carta triste, em desforço de outras alegres, q̃ escrevo sobre-posse. Ad.^s Recados a teus manos, e ao Sebastião de Sz.^a,

(Foz, 14 d'Agosto de 1856.)

Teu certo am.^o

C. C. Branco.

¹¹ No prologo da segunda edição das *Lendas e Narrativas* (Lisboa, 1858) escreveu Alexandre Herculano :

“N'estes quinze ou vinte annos, creou-se uma litteratura e pôde “dizer-se que não ha anno que não lhe traga um progresso. Desde as *“Lendas e Narrativas* até ao livro *Onde está a felicidade?* que vasto “espaço transposto?”

Ora, pela carta acima transcripta, vê-se que Camillo tambem considerava o seu romance *Onde está a felicidade?* melhor que todos os que anteriormente havia publicado; e, assim, a sagaz apreciação litteraria do illustre romancista, antecipando-se dous annos ao ponderado asserto critico do eminente historiador, d'elle recebeu a sua inteira confirmação.

E, ainda da Foz, 2 dias depois :

VII

MEU CARO BARBOSA.

Tenho estado e continuo doente. E' um mal de intestinos, provocado por uma penosa indigestão. Não sahi de eaza ha 8 dias, e não sei quando recomçarei os banhos. Tambem soffres. Acho que estamos m.^{to} velhos da materia, e a alma não pode ja galvanizal-a.

Agradeço as lisongeiras linhas ao romance. Talvez se venda toda a edição, p.^r q. está livellado p.^a todas as capacidades.^{es}

O cão não foi, p.^r que fugiu. O Neves ¹⁵, q.^{do} se lhe levou não o quiz conduzir. Que leve o deabo o cão e o Neves.

Vi, ha pouco, um art.^o "Duas palavras," bem escripto. Tinha visto o do *Timbre* ¹⁶ e estive quasi a saltar da cama para receber com uma girandola de epigrammas o asno! Dá-lhe p'ra baixo.

Agradeço os teus cuid.^{os} e os dos teus manos aos quaes m.^{to} se recommenda o teu am.^o

(Foz, 16 d'Agosto de, 1856.)

C. Cast.^{lo} Br.^{co}

¹⁵ O recoveiro João das Neves.

¹⁶ O *Timbre*, jornal catholico de Vianna do Castello. Redactor e proprietario o Bacharel em Direito Francisco L. de Castro da Cunha Rego. — Typ. de André Joaquim Pereira. — Rua da Picota, n.^o 3. — Publicava-se ás Terças e Sextas de tarde. O primeiro n.^o do *Timbre* sahi em 3.^a-feira 1 de Julho de 1856. Teve, porem, o alludido jornal uma existencia ephemera, pois só d'elle chegaram a publicar-se uns 30 numeros.

De uma expressão da carta de 14 — “indo eu para ahi,” — deprehende-se que José Barbosa instara com Camillo no sentido d’este se passar a Vianna para tomar a redacção da *Aurora*, ao que Camillo annuiria; assim, em carta de 7 de Setembro, escreve elle:

VIII

MEU CARO BARBOSA

Estou restabelecido dos meus novos incommodos; mas, ao fazer d’esta, receio m.^{to} uma indigestão de sardinha com ã hoje arqueei ao jantar. Sou um grande asno.

A minha resolução definitiva em q.^{to} á ida para Vianna é feita desde ã t’a dei. Sou menos versatil do que me conceituas. Os annos tem-me dado persistencia nas tenções, e o enjojo d’esta gente cresce de dia p.^{ra} dia.

Em q.^{to} á casa devo consultar-te: será máo gosto e terei de me aborrecer na aldea? Convirá melhor passar o inverno na cidade? Uma caza de campo terá as commodidades precisas p.^a um homem *emplasmado* (frase eufrasina)? ¹⁷ As distancias serão incompatíveis com a m.^a saude?

Vê tu isto. Entra no amago das m.^{as} necessidades, e diz-me de la alguma coisa ã. seja uma resolução. Estou pela tua.

Designada a casa, tenho de te incumbir de certas coisas pequenas, que me são indispensaveis.

A minha filha está boa; e D. Izabel soffre. . . parece ã prophetisa. Ha de ser-lhe m.^{to} penosa a m.^a sahida; mas é força transigir. Eu aqui asfixio.

¹⁷ Allusão á D. Eufrasia, hospedeira de Camillo.

Despreza essa villanagem do "Timbre". Organize-se, se é necessario combatê-lo, um jornal de boleeiros, e depois la se avenham. Na escrivanhia do escriptor grave é ás vezes indispensavel o chicote; mas é preciso que as vergoadas encontrem *uma cara* onde assentem. Eu se la estivesse, tinha dito isto, e mais nada. D'aqui em diante, lia o jornal na cluaca. ¹⁸

Estás disposto a augmentar a "Aurora"? Seria bom — dal-o barato — bem cheio — e acabar com essa farrapagem provincial.

Prepara-se uma revolta militar a favor da Regeneração. Deve haver pancada de cego. O general Ferreira não transige com ella. Espera-se o Saldanha para commandar. Isto é positivo; mas nada de o annunciar no jornal.

A.^{ds} Recados a teus manos do

(Foz, 7 de Setembro de 1856.)

teu *Camillo*.

E, em carta de 11, tambem da Foz, escreve Camillo:

IX

MEU CARO BARBOSA.

Cauza-te espanto uma carta m.^a depois de outra q̄ hontem receberias? Tamb.^m a mim me maravilha escrever-t'a. São 11 horas da noite, e chego do Porto, com estes

¹⁸ Por esta carta e pela anterior, vê-se que o entusiasmo da lucta já por esse tempo escandecia o animo combativo do futuro polemista.

restos de coração atravessados n'uma roda de navalhas.
É o caso :

Eu nunca disse a Izabel Candida as m.^{as} intenções a resp.^{to} de ir p.^a Vianna, p.^r que previa o abalo, e receava os efeitos p.^r ella e p.^r mim, que sou um imbecil, quando sou cauza e ao m.^{mo} tempo testeiunha d'uma grande dor. Era m.^a tenção deixal-a recolher ao convento, e depois ca de fora escrever-lhe uma carta, longam.^{te} meditada, de modo que o golpe fosse dado com punhal d'um só gume: isto é — tencionava mentir-lhe, dizendo q̃ a minha hida era simplesmente uma tentativa p.^a o melhoram.^{to} da m.^a saude.

Hoje, indo eu levar-lhe m.^a filha, que se achava aqui ha 3 dias, recebeu-a chorando, sem querer dizer-me a razão p.^r que. Muito instada, prorompeu n'uma accusação quase virolenta á m.^a ingratidão, e acabou p.^r me dizer q̃ sendo ella a m.^a amiga era a ultima q̃ devia saber que eu sahia do Porto. Da violencia passou para a mansidão das lagrimas supplicantes, e por fim acabou por ser assaltada d'um terrivel incommodo que me assustou. N'este estado, foi-me impossivel dizer-lhe uma so palavra de consolação. M.^a filha chorava, e o medico Ferr.^{ra} ¹⁹ que eventualmente occorreu n'este ensejo, fez-me sentir que a organização enfraquecida

¹⁹ Joaquim José Ferreira, intimo amigo de Camillo. Nascido em Coimbra, lá concluiu o curso em 1846, tomando pouco depois o partido médico de Celorico de Basto. Em 1854, transferiu-se para o Porto, onde teve justa nomeada de habilissimo clinico e de impudente namorador. De excessivo esmero no vestuario, era conhecido pelo Ferreira janota. A seu respeito póde consultar-se o interessante artigo do Snr. Maximiano de Lemos *Camilo e os medicos*, inserto no fasciculo dos *Arquivos da Medicina Portuguesa* correspondente a 10 de Outubro de 1917; e os *Amores de Camillo* do Snr. Alberto Pimentel, pgs. 323 e 324.

da pobre m.^{er} podia facil.^{te} succumbir a semelhante choque. Eu estava parvo, e parvo sahi quando a noite já adiantada me obrigou.

Aqui tens uma situação bem especial — uma das m.^{as} deabolicas situações, em q̃ o coração revive em toda a compaixão q̃ as m.^{as} proprias desgraças não tem podido desvanecer p.^a com os outros. Isto é uma fatalid.^e de q̃ não ha partido a tirar. E'-me impossivel, já agora, *ser meu*. Ha de haver sempre em mim um pensam.^{to} bom q̃ me escravise ao mal. Sou como aquelle que mede a profundid.^e do abysmo, e não tem a resolução de recuar.

Vamos remediar d'algum modo isto meu caro Barbosa. Eu adivinho q̃ a tua boa alma não é estranha aos sentimentos.^{os} da minha. D'estes sabes tu sentil-os melhor q̃ eu. Penso até que m'os louvas, e serias o primeiro a dizer-me «não desampares essa pobre m.^{er}, que tem contra ella a id.^e a dizer-lhe que os seus annos já não podem vencer os calculos d'um homem» Isto é duro, e chora-me o coração figurando-me a alma de I. Candida, q̃. não tem em si recursos p.^a a defeza d'uma ingratição. Como poderemos remediar isto? Ha um modo q̃ tu recuzarás, mas eu não deixo p.^r isso de t'o propor. Eu serei d'aqui redactor do teu jornal. Uma simples carta tua com poucas palavras será sufficiente inspiração p.^a artigos especialmen.^{te} consagrados ao Destricto. Mandarei regularm.^{te} 3 artigos politicos-economicos p.^a o jornal, e 3 correspondencias que devem substituir as do Novaes, que eu acho m.^{to} inferiores a uma patacoada. Alguns extractos e correspondencias bastarão p.^a encher dignam.^{te} a folha. Se, todavia, p.^r qalq.^r consideração, não queres apear o Novaes, eu escreverei m.^s q̃ os 3 artigos, e forjaria uma apparente correspondencia de Lx.^a Convencido

estou de q̃ a m.^a assistencia ao pe do jornal não o tornaria p.^r isso mais lido nem m.^s em dia, n'uma terra onde é re-flexiva a politica, e donde d'um dia p.^a o outro tu me avisas dos pontos em q̃ convem tocar.

Não sinto precisão de te dizer m.^s Tu é que me deves escrever logo q̃ resolves, na certeza de q̃, p.^r um motivo m.^{to} nobre, terei grande pezar q̃ recuzes. Devo dizer-te q̃ me contento, em paga, com a q̃ darias a qual.^r redactor que p.^a ahi fosse. Pareceu-me dever notar isto como *uma circumstancia* que te faria pensar alguns instantes.

(Foz, 11 de Setembro de 1856.)

Teu *Camillo*.

O incidente a que n'esta carta se allude, visa D. Izabel Candida Vaz Mourão, aquella interessante figura camilliana a que já muito particularmente nos referimos em nota á Carta I. O caso foi que, d'esta feita, Camillo não entrou para a redacção da *Aurora*, continuando, não obstante, a colaborar assiduamente no jornal. Assim, em carta datada de 10 de Outubro seguinte, ainda da Foz, communica elle:

X

MEU CARO BARBOSA.

Tenho soffrido m.^{to} da cabeça. Estou ancioso p.^r deixar a Foz; mas não tenho podido entrar na casa q̃ aluguei no Porto sem q̃ se façam obras. Até ao dia 15 retiro.

Mando-te hoje um art.^o em stylo comesinho, p.^r q̃ de-sejo fazer, n'esta conjunctura, linguagem popular. Com q.^{to} eu conheça a esterilid.^e da semente, acho q̃ é preciso habituar o torrão a produzir.

Diz-me como passas e teus manos.

A m.^a filha está em Lessa a banhos. Recados da D. Eufrasia e do Gama.²⁰

Foz, 10 de Outubro de 1856.

Teu do c.

Camillo.

Dous dias depois, sendo de crer que José Barbosa tivesse insistido com Camillo para elle arranjar um redactor para a *Aurora*, havendo-lhe até indicado um tal Luiz de Lemos, responde Camillo:

XI

MEU PRESADO BARBOSA

Pelo bilhete que te escrevi no corr.^o ultimo já sabes ã ainda estou na Foz. Os meus incommodos de cabeça continuam; mas hão de obedecer ao tempo, ã é, de combinação com a morte, o grande medico.

A resp.^{to} de Luiz de Lemos, p.^a te fallar franca verdade, dir-te-hei que não está habil seq.^r p.^a traduzir do francez. Foi meu collega *nominal*. Tudo estava aos meus hombros, e elle m.^{mo} reconhece ã não póde desenvolver uma idea. Entretanto se o queres educar, é outro caso.

Mas eu não sei p.^a que tu queres mais redactores! O auxilio de ca, e o teu trabalho em horas de m.^{ta} disposição p.^a elle, não basta? Salvo, se te queres retirar de Vianna,

²⁰ Talvez o notavel romancista portuense Arnaldo de Sousa Dantas da Gama.

mas n'esse caso tamb.^m não podes substabelecer os teus serviços em L. de Lemos. Se queres augmentar o jornal, eu farei todo o esforço por augmentar o trabalho com ã te auxilio; não ponhas, porem, o jornal n'um pé de orçamento que te entre m.^{to} dentro na bolça, p.^r que não concebo como na provincia se possa manter uma folha com 600 assignaturas.

Logo que termine os folhetins da *Peregrinação*²¹ na *Aurora*, começo as grutescas *Scenas da Foz*, as quaes, se o jornal estivesse habilitado para tiral-as em livro, seria cousa de dar dinheiro á Empresa, e a mim alguma insignificancia pela propried.^e E' cedo talvez p.^a propostas destas; mas no principio é que está tentar a fortuna. Tens que soffrer com as enfermidades dos teus contraparentes. Queira D.^s ã não entrem no m.^s intimo da tua casa. Manhan receberás artigo.

(Foz, 12 de Outubro de 1856.)

Teu *Camillo*.

Em carta de 16 d'este mesmo mez, desenvolve Camillo a sua proposta sobre a tiragem em livro das *Scenas da Foz*, entrando em curiosos pormenores, respeito a preços e ao numero de exemplares das suas producções por esse tempo.

²¹ A narrativa do passeio a Braga com tão bom humor descripto nas *Duas horas de leitura*, cuja 1.^a edição, hoje rarissima, é de 1857, sahiu primeiro em folhetins sob o titulo de *Peregrinação sobre a face do globo*, começando essa publicação no jornal "A Verdade", e vindo a concluir-se no "Clamor Publico". D'esses jornaes portuenses a transcreveu a "Aurora do Lima" nos seus n.^{os} 81, 82, 84, 85, 87, 88, 121, 122, 123 e 124 respectivam.^{te} de 5, 8, 12, 15, 19 e 22 de Julho e 7, 9, 11 e 14 de Outubro de 1856.

Escreve elle :

XII

MEU CARO BARBOSA.

Recebi a tua carta a que não respondo por partes visto que a deixei na Foz e escrevo-te do Porto.

Parece-me que não entendeste bem a minha lembrança da tiragem do Romance á parte. Eu não queria tiral-o p.^a ficar a meu cargo a venda. E' coisa em q̃ me não metto, e hoje não publico uma linha sem editor. O que eu queria era vender a empresa da Aurora a propried.^e — assim como cá vendo a dos romances q̃ sahem em folhetim primeiro. O livro terá 250 a 300 paginas — e convinha-me receber 12 moedas pela propriedade, visto que na retribuição mensal q̃ me dessem ficava encontrado o que vae de 12 a 25 moedas, o menos preço por q̃ pode vender um author que tem o pessimo costume de comer como qualquer imbecil. Penso que a empresa não perderá, p.^r q̃ bem sabes q̃ tem a composição gratuita — p.^a ganhar basta-lhe vender 200 exemplares — e eu tenho sempre vendido, ou os editores, de 400 p.^a cima. Convindo isto, meu Barbosa, era esta a m.^a intenção ; não convindo, publica os folhetins somente. Responde, por que eu hei de no caso de tirar-se em livro, fazer um traçado m.^s amplo. — Recados a teus manos do teu am.^o

(Porto, 16 de Outubro de 1856.)

Camillo.

Em 20, de novo escreve Camillo:

XIII

MEU CARO BARBOSA.

Fico sciente do que me explicas na tua ultima carta. Ainda hoje não recibes folhetim e a continuação das *colonias* p.^r que não tenho onde escreva, ha trez dias. Andase em mudança da Foz p.^a a rua do Sol n.^o 8. Vai aqui um inferno de inçabladores e borradores de parede, que me fez fugir p.^a Mathosinhos, e volto de la hoje encontrando tudo no m.^{mo} estado. Tudo que é meu é assim! De m.^s a m.^s furtaram á D. Eufrasia o cão pequeno, e a mulher chora como Dido o seu Eneas felpudo. Eu tambem tenho saud.^{es} do cão, mas não posso fazer com a pobre mulher um dueto de Jeremias. A D. Izabel pediu-me, instou q̃ te fizesse mil saudosas recommendações, e ao teu Luiz. Nota que no romance *Scenas da Foz*— ha de imprimir-se a dedicatoria. O titulo ha de ser o q̃ foi impresso n'um dos folhetins, visto q̃ ja se sabe q.^m é João Junior. Se te parecer que é melhor por-lhe o meu nome, diz-m'o p.^a se reformar o frontescipio com m.^s seriedade. E n'esse caso preciso dar um cavaco como editor das asneiras de J. Junior. Ad.^s meu caro Barbosa.

Amanhan receberás originaes

(Foz, 20 de Outubro, de 1856.)

Teu Camillo.

Em 6 de Novembro immediato :

XIV

MEU CARO BARBOSA

Não tem sido m.^{tas} : tem sido duas cartas q̄ recebi tuas, e, se ellas exigissem uma promp.^{ta} resposta, ter-me-hia mortificado o teu reparo.

A respeito das tuas recommendações sobre Bab... p.^a o Gama, está certo na sua descrição e até bons serviços.

Remetto o art.^o *bombastico* p.^a sabbado — Irá p.^a o dia 15 o *funebre*. Irei remettendo folhetins p.^a todos os n.^{os} Não posso, porem, escrever sem ver o q̄ escrevi já publicado. Não me lembra o q̄ disse. Com o S.^{am} fallamos e concordamos a resp.^{to} do frontispicio. Podes contar com a m.^a assiduidade, posto que estou cançado de escrever, vendo de m.^s a m.^s deante de mim uma velhice pêça de meios e de imaginação. Prevejo um triste futuro, se não morrer a tempo de bater á porta do coração e achal-o convertido inteiramente a cabeça. Com cabeça som.^{te} não se escreve.

Não ha, pois, espèranças de salvar-se teu cunhado? Vai um pouco adiante de nós... Pensa assim e terás e darás coragem. Recados a todos, e um abraço no Seb.^{am}

Teu do c.

(Porto, 6 de Novembro de 1856.)

C. Cast.^{lo} Br.^{oo}

Na carta seguinte, de 14 do mesmo mez, expõe Camillo com franquesa a rasão do seu desalento. Esta carta, muito pormenorizada, mostra bem o trabalho fatigante que o grande escriptor por esse tempo já experimentava, e as difficuldades de vida que de continuo o amarguravam, visto os escassos meios, que, pela penna, seu unico recurso, conseguia angariar.

XV

MEU CARO BARBOSA.

Uma franqueza paga-se com outra.

Tens notado arrefecimento na m.^a collaboração para a Aurora do Lima. Não tem sido arrefecim.^{to}: é necessidade, e necessidade das mais villans e prosaicas — a dos meios — a subsistencia que depende do trabalho, e nao tem outra fonte, como sabes.

Eu tenho entre mãos um romance principiado na *Verdade*, ainda em meio, e já vendido. Tenho uma versão dos 5 primeiros l.^{os} de Tito Livio, incomenda de 7 mezes, e apenas principiada. Tenho os folhetins do *C. Publico*, que me escripturou 3 vezes p.^r semana, e que me obriga a escrever diariamente.

E' necessario renunciar a uma d'estas cousas, por que ha incompatibilid.^e de tempo, não posso tanto, e ainda ã podesse não estou resolvido a suicidar-me d'este modo. Antes trôlha.

Renunciando, p.^r exemplo, á versão latina para escrever com m.^{to} mais prazer na «Aurora do Lima» é vergonha confessal-o, mas eu estou como os operarios que precisam ser pagos em dia. Quando te propuz a venda do romance, estive p.^a pedir-te que m'o fizesses logo pagar, para eu dar

ao Cruz Cout.^o 50\$ rs. q̃ tinha recebido adiantados p.^r conta do Tito Livio, e dizer-lhe q̃ me era impossivel escrever a obra. Yê tu como em Portugal está illaqueado um dos escriptores q̃ m.^s trabalha.

Vendo que a empresa da *Aurora* não julgava urgente a m.^a paga, vi-me forçado a desviar a attenção para outras cousas, por q̃ as minhas precisões são d'aquellas q̃ se sentem todos os dias, e não podem espaçar-se. As m.^{as} despesas triplicaram. Alluguei caza, mobilei-a, tenho a pequena n'um collegio, etc., etc. E' franqueza de m.^s, mas tu exististe-m'a.

Acceito a paga dos 20\$ rs. mensaes. Escreverei o m.^s e m.^s variadamente que possa. (Antes que me esqueça o A. Ferr.^a ficou contente com a remessa do jornal — e faz a assinatura)

Se é possivel adiantarem-me o preço do romance p.^a eu me desquitar com o Cout.^o, é um grande auxilio; se não, esperarei.

Tens entendido bem esta carta? So a tua amisade me provocaria a revellar-te cousas que vexam a m.^a vaidade. Quando me dizem cousas e lousas do *meu talento*. . . e me vejo obrigado a escrever cartas d'estas. . .

Ad.^s Recados a teus manos e ao S.^{am} de Sz.^a

N. B.

Amanhan receberás originaes.

(Porto, 14 de Novembro de 1856)

Teu *Camillo*.

Pobre homem de genio!

*

* *

Entrado o anno de 1857, logo a 4 de Janeiro, escreve Camillo:

XVI

MEU CARO BARBOSA:

Estou pouco melhor. Escrevo sem posses, mas *il faut ecrire*, dizia Chatterton. E' uma excellente vida esta!

Podes, depois de annunciar a obra pelo seu titulo e author, dizer que eu sou o editor. No fim do volume escreverei uma qualq.^r coisa assignada p.^r mim.

.....
Eu penso que deixo o paiz. Não posso trabalhar sem nenhum futuro. Sê sempre meu am.^o, e recommenda-me aos teus.

(Porto, 4 de Janeiro de 1857.)

C. Cast. Br.^{co}

E, no dia seguinte:

XVII

MEU CARO BARBOSA.

Agradeço as tuas consolações, por que são ellas de q.^m precisa ser consolado. Dous infelizes (parece um paradoxo) são os que podem e sabem melhor consolar-se. E' verdade:

eu creio que o meu desalento poderia cobrar forças, se me dessem um horisonte mais largo. Aqui morre-se sem gloria, curtindo dores inconsolaveis, insultados, injuriados todos os dias.

Este eterno *Fausto*, meu caro Barbosa! Que tremendas solidões as da alma que ergueu em bronze eterno a estatua, onde se devem rever todos os desgraçados! Eu tenho inscripto o Goethe no cathalogo dos meus santos.

.....
Poderei eu desempenhar o que tu queres? Saberei escrever industria, commercio, e não sei que outras idealidades Osseanicas? Veremos, trabalharei, lerei, p.^r q̃. em fim, la torna o Chatterton — *é preciso escrever.*

O quartinho é bastante, é até de mais, attendendo ao pouco cabedal de estudo que tenho gasto na especialidade. Vou comprar alguns livros, e farei o que fazem as illustrações financeiras e economicas. Ora diz-me: os folhetins «Scenas da Foz» tamb.^m entram no numero dos escriptos contemplados? Como fallas em folhetins... Eu tenho trabalhado m.^{to} pouco; tem sido causa a m.^a doença *utroque juris*. O *Clamor* queixa-se, clama, e não é mais feliz que S. João Bapt.^{ta}. Sinto-me em certos dias *besta*, prodigiosamente burro! Que fazer então? tomo pilulas opiadas, durmo, e desperto com uma dor de estomago, mas com o corte de 12 horas na vida!

Deve-se ser bem infeliz quando assim se incurta o pequeno prazo d'ella.

Vou principiar a olhar com mais cuidado p.^{ra} a *Aurora*.

Se eu fosse a Lisboa, como já me lembrou, no mez q̃ vem, p.^{ra}, segundo a indicação do A. Herculano, negociar ali um editor certo d'algum livro — podia de la mandar-te

importantes correspondencias. Veremos. Ainda que vá, não me apeies da tribuna da *Aurora*. Isto p.^r ora é um projecto, que não terá melhor realisação q̃ os outros.

Teu agradecido am.º

(Porto, 5 de Janeiro de 1857.)

C. Cast. Branco.

A 8 do mesmo mez:

XVIII

MEU PRESADO BARBOSA.

Vou sentindo mais vida no espirito com a deminuição dos padecimentos do corpo.

Creio que sabes que o estafeta não me procurou: mas, na incerteza, devo avisar-te d'isto.

Parte o correio. Diz-me se as *Scenas* agradam. Eu parece-me q̃ os ultimos capitulos se ressentem do meu desgraçado estado moral. E' o q̃ succede a q.^m escreve m.^{to}, e não pode dar treguas ao espirito.

Ad.^s

8 de Jan.^{ro}
de 57

Teu amigo m.^{to} agradecido

Camillo C. B.

A 19, entre outras cousas intimas, escreve Camillo:

XIX

MEU CARO BARBOSA

.....

Por ca leem m.^{tos} as Scenas da Foz, e capitulam-nas *superiores a tudo q̃ tenho escripto*. Que gente! Não ha remedio se não ser o Faustino da proza. No Brazil vendes 150\$ mil exemplares, e pelo 2.^o volume decerto me das uma independencia... de oito dias! Da-me saudades a teus manos.
Ad.^s

P. S. Manda-me as folhas sahidas das Scenas.

(Porto, 19 de Janeiro de 1857.)

Teu C.

E n'um pequeno bilhete, em separado:

Estou outra vez de cama. Receio m.^{to} um novo incommodo de olhos. Vou, quando poder, apressar o romance, para q̃ não haja depois um máo embarço. Esta m.^a vida vai mal. Irei mandando alguns art.^{os}. Vejo que não publicaste um *politico*. Fizeste bem, se o rasgaste. Seria inconveniente?

Teu C.

E, a 26:

XX

MEU CARO B.

Não penses em congestão. Precizas alternar a tua vida com sensações diversas. Vai até Lisboa, vai até Madrid, vence o aborrecimento com a actividade, ou vem até ao Porto, e encherás as medidas do tédio p.^a fugires desespe-
rado de Portugal. Eu decerto, vivendo, deixo isto, na certeza de q̃ não serei mais infeliz n'outra qualq.^r parte.

Poucos momentos estou fora da cama. Estou *materialm.^{te}* doente. Não é imaginação.

O art.^o que não recebeste hia junto ao que publicaste assignado Nunes de Carv.^o. Perdeu-se la p.^r consequencia. Fallava dos rumores politicos que grassavam n'essa occasião. Agora seria intempestiva a publicação.

Soube q̃ escreveste ao Novaes perguntando-lhe se haveria q.^m de ca te mandasse alguns art.^{os} economicos. — Eu m.^{mo} trabalhei alguma coisa p.^a alcansal-os, por q̃, *realm.^{te}* te digo, e tu conheces, que não tenho geito algum para a tal especialid.^{de} nem paciencia nem tempo p.^a estudal-a. Não acho q.^m queira escrever, por que os q̃ podem, como Costa e Almeida e Amorim Vianna, e mais nada, ²², recebem mais alto prêço do *Clamor Publico*, e vão escrever no *Paiz* jornal do A. Gama.

Eu tinha lido algumas horas sobre *instrucção publica*, com o sentido de escrever uma serie de art.^{os} Preciso mais

²² Veja-se a nota 11 á Carta IV.

saude, poder escrever fora da cama, e mais paz no espirito. Os meus olhos não aturam m.^{to} tempo. São symptomas percussores da diplopia. Veremos o q̃ Deus me manda para que eu não possa chamar-me infeliz sem motivo grande.

Faço-te uma pergunta á qual me darás uma resposta pensada, com a Empreza da Aurora. Indo eu p.^a Vianna, tomando conta do jornal todo, escrevendo, revendo, censurando os escriptos enviados á redacção, traduzindo, organisando uma correspondencia *soit-disante* de Lisboa, quanto me dariam annualmente? A tua resposta virá guiar-me em tres projectos (nada menos) q̃ tenho na pasta governamental desta cahotica cabeça. Não tomes o caso em facecia. Pensa n'isto, e responde-me, por q̃, se a proposta me convier, na primavera estou em Vianna.

Porto 26
de Janeiro de
1857

Teu do C.

Camillo C. B.

A 30:

XXI

MEU CARO BARBOSA

Escrevo-te bem doente. Em 4 dias tive uma bronchite, uma indigestão, uma ameaça de gonorrhœa inveterada, e uma febre que vaticina sezão. Não tenho cabeça p.^a escrever; mas na semana proxima suprirei com a assiduid.^{de} as faltas d'esta.

Está decidida a m.^a hida p.^{ra} Vianna. A Eufrazia não vai. Resolvo ir p.^a uma hospedaria. É' onde se está mais com-

modo, e m.^s livre de cuidados. No estio talvez retire para o campo. No mez que vem, dá-me parte quando d'ahi sahir algum hiate, para me conduzir de antecipação alguns caixoens de livros, aos quaes se limitta a minha bagagem.

Ahi vae um chato art.^o. Não posso mais.

(Porto, 30 de Janeiro de 1857.)

Teu do C.

C. C. Br.^{co}

No dia seguinte:

XXII

MEU CARO BARBOSA.

Continuo doente. Por fim todos os meus padecim.^{tos} são effeitos d'um grande ataque hemorroidhal, que me matou o espirito! Este Porto é terrivel em taes molestias.

Remetto 2 folhetins — farei todas as deligencias por ser m.^{to} assiduo, nesta semana, se poder restaurar o tino.

Quero ver se vou p.^a Viana na Quaresma — Diz-me se te parece boa a m.^a idea de ir p.^a uma hospedaria —

Manda-me dizer quem hei de mencionar como futuros redactores e collaboradores da Aurora do Lima.

Falla-me da tua saude, e do nosso futuro ahi. Eu prometto-te, não distrahir-te, mas roubar-te alguns instantes á tua melancolia. Havemos de ler, e pensar m.^{to} Em trez annos, vamos defender theses *de omni scibili* a Caminha e Espozende.

Recados aos teus, e ao S.^{am} de Sousa, do teu

(Porto, 31 de Janeiro de 1857.)

Camillo.

E, em 3 de Fevereiro seguinte:

XXIII

MEU CARO BARBOSA.

Em quanto ao pedido do J. A. Loureiro, faço o que tu farias. Treguas á impudencia e á infamia! Haja sempre um homem honrado que estenda a bandeira da misericordia sobre os velhacos. Rasga, p.^r tanto, a 2.^a correspondencia allusiva ao Palheiro, mas lê-a primeiro a um ou dois apaixonados do comico. Tenho pena de a não ver em letra redonda! ²³

Convinha-me que o meu aposento em hospedaria tivesse uma saleta e uma alcova. Talvez seja caro, mas attendendo á demora será possivel fazeres la um ajuste commodo.

Antes de lavar o prospecto p.^a o novo mundo, convem dizer-te m.^{to} confidencialmente que o F. Novaes planisa ir p.^a o Rlo em Junho. Não convirá annuncial-o no prospecto, sem que elle t'o authorise, Seria m.^{to} bom q̃ elle de la nos mandasse uma correspond.^{cia} mensal; mas o homem vai fintado em tamanhos interesses que naturalm.^{te} não quererá accuitar as migalhas da patria, unica recompensa q̃ de ca

²³ Parece tratar-se de João Loureiro Affonso, um dos mais importantes e considerados commerciantes de Vianna, por esse tempo. Mantinha João Loureiro intimas relações com muitas das principaes familias do Porto; não sendo, portanto, de estranhar o interesse com que elle, porventura, diligenciaria conseguir que a *Aurora* não publicasse qualquer artigo mordaz (talvez inconveniente ou injusto) sobre particularidades d'aquella cidade.



Camillo Castello Branco
(1857)

podemos dar-lhe nós os descendentes de Pedro Alvares Cabral.

O Luiz não me appareceu ainda. Ai d'elle, se me não procura! Se eu soubesse onde elle está!

Estou escrevendo art.^{os} p.^a a Aurora. Deves la ter um art.^o, 2 folhetins, e uma correspond.^{cia} a do *Palheiro*. Os folhetins, se couberem, junta-os n'um só, ainda q̃ passe p.^a a 3.^a pag. Pedi-te as folhas publicadas. Se poderes, manda-m'as pelo estafeta. Estou morto p.^r sahir d'aqui. Nunca passei tão mal de corpo e alma! Havemos d'ir *ao nosso* templo das Carmelitas ouvir os hymnos da Paixão.²⁴ Que saudades, e que poesia me faz a esperanza! Os meus enlevos já se não prendem a outras inspiraçoens. Sou no intimo da alma religioso; mas de cabeça como homem do mundo e do seculo.

Ad.^s

(Porto, 3 de Fevereiro de 1857.)

Teu *Camillo*.

Em 8 do mesmo mez:

XXIV

MEU CARO BARBOSA.

Eu vou passando melhor. Hoje mais q̃ nunca preciso restaurar-me para levantar a tenda. Tu não queres que eu vá para a hospedaria?

²⁴ Allude aos hymnos sagrados entoados pelas freiras no templo das Carmelitas em quinta feira santa de 1853, cantos que muito fundamente haviam impressionado o espirito de Camillo, quando da sua visita de

Amanhan tenciono escrever o Programma, coisa p.^a q̃ sinto soberana repugnancia. Nunca soube fazer d'estes carthazes. Mas ha de ir gordo e pollulante de asneiras tumidas. Recados aos teus.

(Porto, 8 de Fevereiro de 1857.)

Teu C.

E, em 10:

XXV

MEU CARO BARBOSA

Vão duas correspondencias, e o prospecto. Vai publicando promiscuamente art.^{os} e folhetins, por que eu agora trabalho com mais assiduidade.

Teu *Camillo*.

P. S.

Como o Faustino vai p.^a o Brazil combinei com elle ser de la o nosso correspond.^{te} de Julho em diante. Diz elle q̃ talvez faça gratuïta a correspondencia. E' um grande achado.

(Porto, 10 de Fevereiro de 1857.)

então a Vianna do Castello. (Veja-se o trecho de proza ultra romantica escripto por Camillo no album de José Barbosa, trecho que vae transcripto logo no começo da parte segunda.)

Em 17:

XXVI

MEU CARO BARBOSA

Terás visto nos jornaes que o drama ²⁵enthusiasmou o mulhero, e os lorpas respectivos. Fiz uma cebôla p.^a os olhos rebeldes desta gente. Choraram a valer. Mando-te o 1.^o art.^o da secção historica. Havemos de ter secções de tudo, e de m.^s algumas coisas desconhecidas. A *historia* acho-a m.^{to} util. Bom é dar-mos á nossa *Aurora* um semi-caracter litterario. Quem sabe se virá a ser o primeiro jornal... da rua de D. Luiz? Se houverem alguns cobres em caixa manda-mos, que tenho consummido 1:500\$ rs. em papas de linhaça.

Recados aos teus — e adeus. —

Teu do c.

(Porto, 17 de Fevereiro de 1857.)

Camillo.

Em 3 de Março seguinte, entre outras cousas, refere-se Camillo á sua ida para Vianna:

XXVII

MEU CARO BARBOSA

Estou ancioso por sahir d'aqui. Vamos a tractar isto definitivamente. Disseste-me que a *Aurora* podia dar-me

²⁵ Provavelmente allude ao drama *Espinhas e Flores*, que, effectivamente, teve a 1.^a e 2.^a edição em 1857.

30\$ rs. mensaes. E era escusado dizeres-me q̃ um dia poderia dar mais. Tu pezas na tua intelligencia o trabalho intellectual dos outros. Sabes que nojos se curtem ás vezes p.^a escrever uma linha. Eu espero que o Brazil nos deixe colher d'um jornal soffrivel proveitos sensiveis. Far-lhe-hemos a diligencia. Um individuo, nosso conhecido, deu-me alguns art.^{os} p.^a eu ahi fazer publicar por dinheiro na secção de historia. Li-os, pareceram-me m.^{to} bons, bons de mais. A m.^a reminiscencia tem segredos maravilhosos! Deu-me hoje na venêta p.^a imaginar que eram um plagiato. Tenho um palpite do *ubi*, e vou incontral-os, na 1.^a edição — no 4.^o volume do Panorama, e eram nada menos q̃ do A. Herculano. O patusco não bebe em fonte suja. Olha se t'os eu mando!... Um q̃ hoje recibes sobre *Artes* é emendado, e copiado por mim: pertence a um pintor, e paguei-lh'o. Eu puz esta gente em máo costume: já ning.^m quer escrever gratuitamente. Hei de ver se arranjo algumas coisas sagradas para a Semana Sancta. Vamos ao principio. Dizia eu que me queria d'aqui fora o m.^s breve possivel. Para isso são necessarios os cumprim.^{tos} de deveres que a m.^a sahida me faz pezados. Queria desquitar-me de dividas pequenas. Lembro-te se é possivel adiantar-me dinheiro que será abatido nas prestações a 10\$ rs. por mez. De maneira q̃ recebendo eu cem mil reis, venho a receber vinte mil reis mensaes da Aurora durante dez mezes. Isto pode fazer-se? E la heide ter m.^{to} dinheiro, por que tambem escrevo para o Paiz do A. Gama — 3 vezes p.^r semana, e quando o Brazil nos consummir 1000 volumes será esse o manancial mais productivo. Vou tractar de encaixar os livros, e encarregar a carregação n'um hiate. Ha de ser derigido até o frete. Se quizeres, manda-me fazer uma estante onde caibam appro-

ximadamente 500 volumes. Já combinaste na hospedaria alguma coisa?

Eu não tenho escripto nada *em dia* porque não leio jornaes, não conheço as necessid.^{es} do districto, e so lá poderei dar ao jornal uma côr local. Tenho admirado a tua indolencia! Se vivesses de escrever, a tua subsistencia deveria ser bem arriscada, e as tuas botas bem rotas! Tu és como o homem da parabola q̃ enterrou os talentos. Eu ca te pucharei as orelhas á alma, e farei, que escrevas um livro. Hei de dar-te uma idea: ou dou-t'a já: has de escrever a historia dos 4 *duques*: o de Coimbra, o d'Aveiro, o de Bragança, o de Vizeu — todos mortos tragicam.^{te}. E' um livro que não temos, e q̃ se caza ao teu genio pensador. São historias feitas, em q̃ não ha myster gastar cabedal de imaginação. Vai pensando n'isto. ²⁶

Responde ao teu presente e futuro massador

(Porto, 3 de Março de 1857.)

Camillo C. Bran.^{co}

²⁶ São historias feitas, em que não ha mister gastar cabedal de imaginação, escreveu Camillo. Precisamente o abundante veio, que, 34 annos depois, facultou a Oliveira Martins as suas mais bellas produções. E' contudo de sentir que, Camillo, não desenvolvesse em livro a idea que de momento lhe relampagueara no cerebro, para tão somente a aconselhar ao amigo; pois, pelas incisivas paginas onde se descreve o supplicio dos Tavoras e do Duque d'Aveiro no *Perfil do Marquez de Pombal*, facil é hoje de conjecturar a maravilha litteraria que nos legaria o prodigioso estylista.

Em 8 do mesmo mez, versando principalmente a sua ida para Vianna:

XXVIII

MEU CARO BARBOSA.

Pensas bem a respeito do dinheiro. Será como dizes; mas a tua ida a Lisboa será um adeus a Vianna p.^r m.^{to} tempo? Nesse caso, olha ã eu piro-me tambem. Pego na trouxa e vou fundar um jornal em Espozende.

O meu pensamento, Barbosa, se elle fôr compativel com os trabalhos jornalisticos, é sahir de Vianna p.^a o campo, nas margens do Lima, logo que o tempo o permita; por tanto, será desperdicio alugar uma casa por mez e meio, o maximo. Irei aturando o cudilho da hospedaria; mas queria, ao menos, ter os meus livros em ordem, e que o quarto tivesse vista p.^a longe, e ficasse affastado do ruido da estalagem. Se isto não é possivel, acceito o ã houver por ã depois la combinaremos onde eu heide fundar a minha deliciosa residencia, o meu sonho bucolico. Se o *cubiculo* fronteiro não é realmente *cubiculo*, e é barato, alluga-o; mas eu não posso, nem quero, tomar sobre mim incargos de casa em Vianna. Quando fôr para o campo, mando ir a Eufrazia, e então vão d'aqui os utensilios de caza. Ora aqui está. Depois d'isto, o que tu fizeres será bem feito.

Ad.^s

Teu do c.

(Porto, 8 de Março de 1857.)

Camillo C. Br.^{co}

Em 21 :

XXIX

MEU CARO BARBOSA.

Fallei ao Fonseca. Aceita a commissão, com o lucro de 10 por cento. Diz elle ser essa a tarifa do uso.

Eu vou d'aqui logo que o tempo convide a sahir de casa.

Tenho escripto m.^{to} pouco, óu nada por que me doem os olhos, e receio um ataque. Faz agora um anno ã eu soffri m.^{to}

Por ã não publicaste em cada n.^o da Aurora uma correspondencia e um folhetim? As correspond.^{as} podem passar para o corpo da folha. O papel d'este ultimo n.^o é pessimo! Convinha m.^{to} augmentarmos este formato. O Brazil é ã nos ha de valler. Tu terás por la alguns livros de economia rural, adm.^{am}, etc.? Se os tivesses, escusava eu de os levar.

O estafeta ainda ca não veio, e eu queria perguntar-lhe se elle poderia conduzir dous bahus, p.^{ra} não ir tudo pelo hiate

Recados a teus manos

(Porto, 21 de Março de 1857.)

do teu *Camillo*.

Em 26 :

XXX

MEU BARBOSA.

So depois que recebi a tua ultima carta, me foi entregue o dinheiro. O Neves, a q.^m eu queria incumbir o transporte dos bahus, não veio. Tenho prompta a carregaçã dos

livros; mas não ha hiate por emq.¹⁰ Se o não houver antes da m.^a partida, deixo-os entregues ao sujeito q̃ me indicaste; porem, eu não queria estar m.¹⁰ tempo separado d'elles, porque, supposto q̃ leio pouco, são a minha familia. Aprovo, como aprovo tudo o q̃ fazes, a tal casinha.²⁷ Não te esmeres em mobilia. Viver como homem de lettras, no desalinhamto em q̃ tenho vivido sempre, é o que me basta, nem eu sou para mais.

As duas semanas proximas são respeitaveis. Não devemos publicar profanidades em folhetins. Mandarei escriptos compativeis. Eu soffro dos olhos. Não tenho a vista dupla; mas sinto uma dôr q̃ me não consente trabalho demorado. E' a explicação dos poucos art.^{os} que recibes. Depois, este tempo esterilisa, e irrita os nervos! E' impossivel ser-se supportavel escriptor debaixo d'esta athmosphera nebrinoza q̃ pesa ha 5 dias sobre o Porto.

Estou em duvida se levarei o *Martyrio*.²⁸ Veremos.

Ad.^s

(Porto, 26 de Março de 1857.)

Teu *Camillo*.

²⁷ A, já agora, celebre vivenda, situada no formoso arrabalde de S. João d'Arga, e com magnifica vista para a bacia do Lima. (Veja-se na Parte segunda, a visita de Camillo a Vianna, pela Pascoa de 1857).

²⁸ E' geralmente sabida a predilecção que Camillo tinha pelos cães; e, de feito, nunca elle deixava de possuir algum d'estes leaes companheiros, que por toda a parte o seguia humilde e dedicado, correspondendo ás caricias do dono com a mais calorosa affeição. Por esse tempo, o *Martyrio*, um corpulento animal muito manso e pachorrento, era o *inseparavel confidente* do illustre escriptor. (Veja-se adiante a Carta XXXIII e a nota respectiva).

Em 28:

XXXI

MEU BARBOSA.

Já te disse que estou morto por sahir d'aqui, e será em um dos dias da semana proxima. Hei de la estar, querendo D.^s, na semana sancta.

Eu vi a poesia transcripta no *Doze d'Agosto* e designava a *Aurora*; na *Civilisação*, e creio q̃ tamb.^m o *Nacional* transcreveu-a do *Tribuno popular*, e eu, bem sabes, q̃ não conheço o tal *tribuno*, nem sei donde é. Devias dar-lhe uma lição d'urbanidade. E' a *Aurora* que deve dar-lh'a.

Não tenho ainda trabalho prompto q̃ possa mandar-tê. Na 2.^a feira publica o capitulo das *Scenas*, e depois já tens q̃ publicar na 4.^a Em q.^{to} não estiver socegado não posso escrever. Estou morto por sahir d'este estado d'alvoroço. Lá é que terei tempo p.^a tudo, e vontade, q̃ é o essencial.

Ad.^s, meu Barbosa.

M.^{tos} abraços e recommendações aos teus do teu

(Porto, 28 de Março de 1857.)

Camillo.

Em 1 d'Abril immediato:

XXXII

MEU CARO BARBOSA.

Estou curando uma constipação. Estou burro quadrado. Tenho blasphemado contra o máo tempo. Estou desesperado de me ver d'aqui fora. Que tenhas tu paciencia, e mais

a *Aurora*, mas, parece-me que d'aqui até á m.^a installação na minha casinhola, não posso escrever.

Eu queria d'aqui partir na proxima 2.^a feira; para isso convem que tu recommendes ao estafeta que traga uma cavalgadura p.^a dois bahus, que não deixo atraz de mim. Se elle vier para conduzil-os, vou na 2.^a feira, permittindo-o o tempo. Se não, Deus me livre de sahir de caza, que começava logo por odiar a aldeia. No dia em que sahir vou ficar a Barcellos, por q̃ tenho cavallo, e o cão, se fôr, não poderá fazer maior jornada. Não te incommodes, e m.^s os teus amigos. Lá irei abraçal-os.

A m.^a filha por em q.^{to} fica em casa de D. Eufrazia. Depois, veremos.

Ad.^s, meu caro am.^o

Teu *Camillo*.

1 d'Abril de 1857.

E, em P. S.:

Penso q̃ o melhor é não fallares ao estafeta, por q̃ pode o tempo estar como agora. O melhor é eu arranjar por ca uma besta de carga. Se partir na 2.^a, escrevo-te no sabbado.

E, em 4 do mesmo mez:

XXXIII

MEU CARO BARBOSA

Se vires que o dia de 2.^a feira alvorece supportavel, conta comigo ahi na 3.^a feira. Penso q̃ me acompanha até Vianna o abbade de S. Mart.^o (Sant'Anna)

Estou triste. Approxima-se a hora de deixar *para sempre* uma terra, onde a par de m.^{tos} dissabores experimentei alegrias instantaneas. Não é da gente q̃ levo saudades, não. E' de não sei quê... O meu pobre *Martyrio* fica, por q̃ de certo m'o não tractavam la bem. A m.^{ta} amisade q̃ lhe tenho faz q̃ eu o deixe. Era o meu inseparavel confidente de 7 annos! ²⁹ A Eufrazia chora ha uns poucos de dias constantemente. São bem tristes estas despedidas! O q̃ me conforta e ampara é a esperança de achar ahi em ti um amigo verdade.^{ro}, e n'essa bella terra alguma paz de que tão faminta sinto a alma.

.....

Este triste dia innegrece-me todos os quadros de esperança que eu imagino para meu alivio. Posso dizer, sem affectação de poeta, que me passa o coração uma grande dôr. Ainda assim, eu espero que Deus me conceda alguns dias felizes, pelos m.^{tos} acerbos que tenho devorado.

Até la, meu Barbosa. Se me la vires abatido d'alma, não te impressione o meu estado. Eu creio que me comprehendes.

(Porto, 4 d'Abrill de 1857.)

Teu *Camillo*.

*

* *

Finalmente, depois de tantos adiamentos, de multiplicadas hesitações e de numerosas contrariedades, chegou Ca-

²⁹ E' curioso que, no caso sujeito, apesar da categorica resolução de deixar ficar o *Martyrio*, como se lê na carta acima, Camillo não teve coragem de se separar do seu cão; e trouxe-o para Vianna, ou mandou-o vir depois, o que tenho de segurissima informação.

millo a Vianna do Castello na tarde de 3.^a feira, 7 d'Abril de 1857.

Tomou logo sobre si a redacção da *Aurora* em que persistiu até 28 de Maio seguinte, quasi dous mezes.

Na manhã de sexta feira, 29 d'esse mez, já Camillo, porem, regressa ao Porto, escrevendo mesmo de Vianna as duas cartas seguintes: a primeira (sem data, sabendo-se contudo que é de 25 de Maio) a José Barbosa; e a segunda (esta datada de 27 do mesmo mez) despedindo-se do seu amigo Luiz Barbosa e Silva.

Eis as cartas a que venho de alludir :

XXXIV

MEU CARO BARBOSA.

Podes taxar esta carta de puerilidade, podendo eu annunciar-t'a de viva voz. Prefiro este expediente.

Não posso aqui viver. Falta-me tudo, por que o tudo para mim é a paz do espirito, sem a qual me é doloroso, se não impossivel o trabalho.

Vim procurar saude, e estou peor. Esperava, ao menos, as delicias da natureza, e isto aqui é terrivel, não ha refugio nenhum para um homem sem relações.

Vou para o Porto brevemente: vou trabalhar p.^a ressarcir o que me tem custado estas evolucoens tão nocivas ao espirito como á magra algibeira.

Continuarei a collaborar na *Aurora* o tempo que quizeres, e acceitarei o jornal quando elle produza o necessario para eu poder aqui ter as commodidades que deixei no Porto. Virá então essa especie de fam.^a que não posso hoje

amputar da m.^a alma affeita e agradecida. Fallo da Eufrazia e de m.^a filha.

Os objectos, comprados p.^r tua via, e allugados, não sei o que custam. Seja o q̃ fôr, não estou em circumstancias de os pagar, por que apenas tenho (honra ás lettras!) o necessario p.^a transportar-me.

A pertinacia com que o infortunio me persegue é horrivelm.^{te} incrível.

Ad.^s ·

(Vianna, 25 de Maio de 1857.)

Teu *Camillo C. Br.^{co}*

XXXV

MEU CARO LUIZ B.

Recebe o meu saudoso *adeus*.

Parto n'esta semana p.^a o Porto.

Ali me tens ancioso das tuas ordens.

Não pude vencer a saudade, picada pelas incommodid.^{es} em q̃ vivo aqui. Isto ainda não está para mim, meu caro Luiz. O coração, ou o habito podem muito.

Adeus.

27 de Maio

57.

Teu do c.

Camillo Castello Br.^{co}

Na carta a José Barbosa, caracteristica pela versatilidade que traduz, promete Camillo continuar a sua collaboração na *Aurora*.

E, apreciado hoje o incidente á distancia dos 62 annos que d'elle nos separam, reconhece-se que o eminente e irrequieto escriptor, vendo-se circumscripto ao acanhado ambito d'uma pequena cidade de provincia, forçosamente se havia de sentir nostalgico da convivencia e do movimento de mais importantes centros. Para mim, tenho como indubitavel que o sentimento da enternecida amisade que Camillo nutria por José Barbosa ainda foi bastante resistente para o fazer prolongar o sacrificio por dous mezes. E' provavel que José Barbosa pensasse da mesma forma. Pelo menos, o resentimento, se é que algum sobreveio na occasião, foi muito pouco profundo e sem a menor consistencia.

De resto, na parte segunda d'este livro, ao tratar-se da visita de Camillo a Vianna do Castello pela Pascoa de 1857, algumas outras minudencias se referem, que concernem a esta curta residencia do grande escriptor na formosa cidade do Lima.

*

* *

Chegado ao Porto em 30 de Maio, logo, a 2 de Junho, dá Camillo noticias suas:

XXXVI

MEU CARO BARBOSA.

Cheguei aqui sentindo uma nova commoção — a do contentamto que nos leva aos desejos d'uma fam.^a A corda, que assim vibrava, cansou depressa, por q̃ era violento o toque. Vinte e quatro horas depois, estou lethargico outra vez. Reçañi na doença chronica. Vamos assim vivendo. Não devo esperar mais nada. Digo isto com resignação, pondo o meu espirito em Deus. E'-se bem infeliz, quando se vem a este desengano.

Não sei se estás em Vianna. Se estiveres, recommenda-me aos nossos amigos, sem excepção, nem esquecim.^{to}.

Lembra-me se valerá a pena mandares-me para aqui a meza que lá ficou. Não mandes, não; é uma tolice, p.^r q̃ naturalm.^{te} se fará aqui uma pelo preço do transporte. Eu, quando p.^a ahi fui, vendi todos os meus moveis, e hoje tracto de refazer uma casinhola tal ou qual.

Esteve aqui hontem o Evaristo Basto. Fallamos m.^{to} de ti. Envia-te um abraço.

A Izaura principia a flagellar-me. Logo hontem me pediu a apparição no theatro. Não fui la, nem tenciono sahir de casa tão cedo.

Podendo ahi estar algumas cartas para mim, tem o trabalho de m'as dirigir p.^a aqui.

Teu *Camillo*.

2 de Junho
de 1857.

E no dia seguinte, 3:

XXXVII

MEU CARO BARBOSA.

Tenho estado continuam.^{te} adoentado. As noites passo-as m.^{to} mal.

Remetto um folhetim, e recommendo-te a revisão de provas, por q̃ o anterior vinha cheio de erros grosseiros.

Vi hontem o Sebastião de Sousa, e fez-me saudades de todos os amigos.

Recommendá-me m.^{to} aos Espargueiras, e a todos. Da

um abraço no Matheus; e, como estás em Caminha, dá dois no Luiz.

(Porto, 3 de Junho de 1857.)

Teu *Camillo*.

Recados do Gama, e da D. Eufrazia.

A 6 do mesmo mez, escreve ainda Camillo:

XXXVIII

MEU CARO BARBOSA.

Logo q̃ vi aqui o S.^{am} de Sz.^a entendi q̃ não podias desemperrar o jornal, por q̃ é elle o unico que *em parte* te poderia substituir. O Candido é um caranguejo que des-sipa o tempo entre o sorvo d'uma pitada e a averiguação d'um *il y n'était pas*.

As *boas esperanças* do Brazil vem alfim a converter-se na desillusão de emprezas litterarias em Portugal. Eu creio q̃, passados dois mezes, a *A. do Lima*, sem o teu sacrificio, acabará. Tu decerto não aturas p.^r mais tempo. Queres, e deves sair. Receio m.^{to} que a tua longa demora ahi te leve a uma inercia intellectual de q̃ mais tarde terás pena.

O Goncalves Basto ³⁰ vai augmentar o Nacional. Pediu-

³⁰ José Joaquim Gonçalves Basto, proprietario e collaborador do *Nacional*. Em 1828, quando moço, esbelto de formas e de indole alegre e generosa, dispondo, por sobre isto, de avultados recursos de fortuna, emigrara, fixando residencia em Londres, onde casou com M.^{elle} Elise Loeve-Weimar, de quem, adiante, em nota á Carta XLVI se fará particular menção. Por ultimo, decadente de meios e sem paz no seu viver

me a m.^a effectiva collaboração desde Julho em diante. Eu não decedi, por ã não queria decedir sem ver o ã o Brazil decide. Se a *Aurora* augmentasse, e podesse pagar, um jornal é de m.^s para mim, pois queria ver se escreviã dois livros cada anno. Talvez que possamos haver alguma decisão até Julho ou Agosto. O *Nacional* conseguiu no Rio de Janeiro cem assignaturas. E' com este subsidio que elle vai fazer os melhoramentos, dando-lhe o formato da *Nação*.

Admira-me o ar desdenhoso com ã tu dizes que de pouco me servem a mim as sympathias que deixei em Vianna. Se não disias uma coisa não sentida, estás enganado. Eu hoje sinto-me melhor quando alcanço um amigo, ainda ã elle seja *nominal*, como quase todos, os meus.

Tambem os de ca me perguntam por ti, e esperam-te a banhos na Foz.

A Izaura tem-me irritado a paciencia. Está importuna, e louca: porem isto vai terminar.

Não mandes as taes meza e estante. Já ca arranjei um remedio, e assim ficará.

A tua carta, incluindo uma do Gomes d'Amorim, recebi-a. O ratão pedia-me as m.^{as} obras completas. Está servido... Eu não tenho um só livro dos meus.

M.^{tas} lembranças a todos, e se vires aquelle Freitas, com o seu ar de rainha de Sabá, dá-lhe um beijo nas nedias bel-

domestico, teve uma existencia atribulada que elle supportou com estoica resignação. Camillo circumstanciadamente se occupa de Gonçalves Basto no opusculo *Suicida*—Porto, 1880. Tambem se lhe refere o Snr. Alberto Pimentel a pg.^s 173 e 174 do *Romance do Romancista*, lembrando-se ainda de o ver passar pelas ruas do Porto "alto, elegante, cabellos brancos, faces sanguineas."

fas. Não te esqueça uma recomendação ao nosso pobre *coisas e tal, etc.^a*. Faz-me saudade as eloquencia do homem.

Teu do C.

N. B.

No correio de terça feira
recebes 2 artigos, e talvez
uma correspondencia

Camillo C. B.^{co}

(Porto, 6 de Julho de 1857.)

A 12, de certo em face de quaesquer difficuldades sobrevindas na publicação da *Aurora* :

XXXIX

MEU CARO BARBOSA.

Então a pobre *Aurora* fina-se? *Mais elle etait du monde...* E creio que nunca mais resurgirá do atahude. E que destino dás aos typographos? Irão ingrossar as fileiras da *Razão*? Olha, parece-me uma impensada decizão essa tua suspendêl-o. Das duas uma: conserval-o até ver o que o Brazil promette, ou matal-o de vez. Por que dir-se-ha q̃ a empreza estava exhaurida de vida, ou de esperanças de recobrar o alento. Desculpa a reflexão. Tu costumás ser maduro em tuas deliberações, e, se assim decidiste, é que te sobejam bons motivos.

A Izaura accitou com mais resignação q̃ eu suppunha as gemonias. Fallou em veneno, que penso seria *pós-di-*

rasão bastantem.^{te} illustrada para continuar a viver. Estou contente com o desfecho.

.....
 Sebastião de Souza vive como tu vivias no Porto. Dorme de dia, come em casa dos Vitellios, e passeia de noute, como os heroes de Macpherson. Todavia, é sempre o m.^{mo} bom moço.

Recados a todos.

(Porto, 12 de Junho de 1857.)

Teu do coração

Camillo

P. S.

Podes publicar os originaes sem receio de falta. Nota. Um tal ***, que está em Lisboa, é parvo. Manda-me perguntar que habilitações são necessarias para ser addido!...

A 16:

XL

MEU CARO BARBOSA.

Não recebi resposta á minha carta de 13. Haveria desvio, ou causa forte para ã me não respondesses. Deem-se todos os motivos, menos o da falta de saude tua, posto ã o teu Luiz me disse hontem que ficavas bom.

Dep.^s dessa carta receberias duas cartas? uma com um art.^o e outra com a conclusão do folhetim.

Remetto o prefacio d'outro, que não excederá a 3 capitulos.

16 de Junho de 1857.

Teu do C.

Camillo

A 18:

XLI

MEU BARBOSA.

R.^{bi} 5 libras d'aquelle sugeito do Laranjal. M.^{to} obrigado, e sinceram.^{te} muito. Eu estava para me rifar.

Ouvi ca fallar na conservação da *Aurora*. O S.^{am} quer, e convem-lhe. Pelo menos convem sustental-a até á queda do V.³¹.

Acharás n'um bocado de tira o frontespicio das Scenas. Dá activid.^e á vinda do livro.

Fizeste bem em adossar a tunda, e faz sempre assim. Tenho estado bem doente do estomago e bronchios.

Adeus. Teu C.

(Porto, 18 de Junho de 1857.)

A 22:

XLII

MEU PRESADO BARBOSA.

Dizem-me que sahe hoje no Porto e Carta uma toza ã me dá um dos homens d'*Almeida*. Manda-me o n.^o da *Aurora* em ã eu os saudei, p.^a os fins convenientes. Parece-me ã os vou aleijar. O Sanctos do Porto e Carta veio pedir-me licença para não perder os 40 rs. por linha. Quiz mostrar-me a coisa, mas eu prefiro lêl-a em lettra redonda.

³¹ Visconde de Sam Paio dos Arcos de Val de Vez. Veja-se a nota 4 á Carta III d'esta Parte primeira.

O Tigre ³² está-se fazendo bravo; mas antes assim.

Então a *Aurora* cahe nas trevas? Faz ao menos uma despedida lamentosa em verso saphico. Os *Homens illustres* vão p.^a outra p.^{te}; mas será bom não pôres o frontispicio (*Bibliotheca da Aurora*) nas *Scenas da Foz*.

Ad.^s meu Barbosa. Recados aos am.^{os}

(Porto, 22 de Junho de 1857.)

Teu C.

A 29, como José Barbosa estivesse em Caminha, para lá escreve Camillo:

XLIII

MEU BARBOSA

Que viver será o teu em Caminha? Aborrido e inerte: não m'o digas, ã t'o sei adivinhar melhor do que tu m'o dirás.

Estou afflicto; penso ã o meu tigre morre de esgana. Coitadinho: era tão meu am.^o! Coisas minhas...

La foi p.^a Vianna uma carta com um art.^o e dois folhetins. Está descansado por m.^a p.^{te}, posto ã vou escrivinhar no *Nacional*. Trabalharei q.^{to} poder.

Recados ao Luiz do teu saudoso

29 de Junho de 1857.

Camillo.

Sobreveio uma sensível interrupção na correspondencia, por Camillo se dedicar com enthusiasmo ao *Nacional*, des-

³² Novo cão de Camillo. Provavelmente, algum successor do *Martyrio*. Veja-se a nota 28 á carta XXX.

leixando-se, portanto, da sua collaboraçaõ na *Aurora*; isto se depreheude da carta seguinte, datada de 14 de Julho:

XLIV

MEU CARO BARBOSA

Deves ter admirado o meu silencio d'estes quinze dias, silencio para ti, e silencio para o jornal. Tem uma explicaçaõ, como tudo n'este mundo. Tenho soffrido constantemente, mais da alma, que do corpo, e m.^{to} da alma por q̃ a m.^a vida é um tecido de contraried.^{des} q me fazem a mim mesmo pasmar. Sou sem questãõ o homem que a desfortuna mais persegue n'este mundo.

O germen, ou causa principal d'este soffrimento, é verme pelas circumstancias obrigado a escrever politica no *Nacional*, como terás visto, porque a collaboraçaõ unicamente litteraria era-me miseravelmente paga. O esforço que faço para torcer a alma no potro da politica é indisivel. Estou entre o dilemma que faz os apostatas, e os volantins politicos — escrever assim, ou experimentar a miseria.

N'esta lucta, travada comigo só, sem respiral-a na amizade d'alguem, sinto-me incapaz para o trabalho de qualquer genero, não tenho idéas, vou-me imbrutecendo de tal modo q̃ me desconheço. A respeito, porém, da suspensãõ do pequeno romance, começado na *Aurora*, ha uma historia singular. Manuel Negrão ³³ contou-me um epysodio

³³ Manuel Nicolau Osorio Pereira Negrão, Senhor da Quinta de Mosteirô (Baião). A respeito d'este intimo amigo de Camillo, que muito particularmente se lhe refere na *Maria da Fonte* (Porto, 1885) de pgs. 248 a 251, pode consultar-se o livro do sr. Antonio Cabral *Camillo de*

passado ha pouco com elle, e uma m.^{er} nossa conhecida. Auctorisou-me a escrevêl-o com reservas, mas com severidade p.^a os vicios d'ella. Depois é elle o q̃ me vem pedir q̃ não continue, porque a *Aurora* lhe está fazendo grave mal. Suspendi, inutilizando o q̃ estava já fechado p.^a ir p.^a o corr.^o ³⁴

Com amargura te digo q̃ não posso continuar a escrever p.^a a *Aurora*; é-me impossivel. Podel-o hei fazer quando esta crise passar, se passar, e então so d'um modo: fazendo um romance completo, que lá publicarão como quizerem, visto q̃ elle será propried.^{de} do jornal. O Seb.^{am} de S.^{za} disse-me q̃ isto lhe convinha; mas eu suspeito que o jornal termina, quando cahir o Visconde, ³⁵ q̃ talvez a esta hora tenha cahido: sei-o de bom canal.

Ad.^s meu caro Barbosa

(Porto, 14 de Julho de 1857.)

Teu *Camillo*.

Perfil — Lisboa, 1914 — Cap.^o IV; e um artigo do sr. Alexandre Cabral, no *Archeologo Português*, vol. I. — Tambem o menciona o sr. Alberto Pimentel a pgs. 164 e 165 do *Romance do Romancista* — Lisboa, 1890.

³¹ O pequeno romance a que n'esta carta se allude, é innegavelmente o que se intitula *Aventuras d'um surdo*, cuja publicação começou no n.^o 227 da *Aurora do Lima*, correspondente a 1 de Julho de 1857, proseguindo depois nos n.^{os} 228 e 229, respectivamente de 3 e 6 do mesmo mez: ahí, effectivamente, a meio do cap. II, ficou o romance interrompido, sem que nos numeros subseqüentes da *Aurora* apparecesse a sua regular continuação. João Junior é quem assignava o escripto a que venho de referir-me; como é sabido, era esse um dos pseudonimos de Camillo.

³⁵ Veja-se a nota 4 á carta III d'esta primeira parte.

Depois de nova interrupção, em 8 de Outubro seguinte, escreve Camillo:

XLV

MEU CARO BARBOSA

Que longa interrupção na nossa convivencia epistolar! Frieza de estima não é decerto; por ti não o receio, p.^r mim, prezo-te como amigo incansavel em me dar provas.

Já te disse que vou para Lisboa. Se a molestia tiver desaparecido em novembro, não guardo para mais tarde a minha ida.

Por que se não vendem no Porto as "Scenas da Foz"? Procuram-se com desejo. Raro é o meu livro que não morra trez mezes desconhecido, para não sei que fins. Sorte das coisas litterarias em Portugal. São as ultimas de q̃ se cuida. Devêra-se d'ahi ter mandado alguns exemplares aos escriptores de Lx.^a Os q̃ fizeste favor mandar-me p.^a lá foram.

Se me mandasses um exemplar de Espinhos e Flores, era m.^{to} bom. Não ha um só á venda, e sou mortificado p.^r uma mulher, que quer ler.

Está-se fazendo 2.^a edição do «Um livro» correcto e augmentado. As m.^{as} obras são agora m.^{to} procuradas.

Se algum dia quizeres um romance p.^{ra} a *Aurora* falla, que eu queria la escrever os *Homens illustres*. Escrevel-o-hia antes da m.^a ida para Lisboa, mandando-t'ó somente depois de completo. Com perda, porem, não compres. As *Scenas da Foz* é que te hão de resolver, caso se vendam; mas de la poucas diligencias se fazem p.^a isso.

Vejo que a mudança das coisas districtaes não deu impulso ao formato do jornal. Era digno disso, por q̃ está bom, e tem nome, como sabes.

Recommenda-me aos am.^{os} todos, com especiaes lembranças a teus manos

do teu do c.

(Porto, 8 de Outubro de 1857.)

Camillo C. B.

E, a 31 de Dezembro do mesmo anno:

XLVI

MEU BARBOSA.

Que lindos dias! como é donoso o sol, meu Barbosa! O sol e as mulheres não é o mais lindo q̃ o mundo tem? Eu sinto-me outro quando vejo ao pé da minha mesa um raio de sol.

Começo a carta com o enthusiasmo d'um lavrador que corre á eira a assoalhar o grão aguado das invernadas; e até me parece q̃ estou hoje classico como uma carta de frei Antonio das Chagas.

Vou rever 60 tiras que estão escriptas do meu mimoso romance «Carlota Angela». Tu me dirás se as lá queres, as tiras feitas, antes de sahires. Eu cuidei que querias principiar com o folhetim o novo anno; mas, como nada tens dito, não me appressei a mandar-t'o.

Naturalm.^{te} mandas tirar á parte p.^{ra} livro. Aconselho-t'o q̃ o faças porque só assim reembolçarás o dispendio. As *Scenas da Foz*, q̃ vieram p.^a o Cout.^o, tem tido boa venda. Augmentar o jornal? Creio q̃ assim m'o disseste; mas não

sei em quem te abonas la para que a tua ausencia se não faça sentir m.^{to} Valer-lhe-ha m.^{to} ao jornal as tuas correspondencias de Lx.^a

Transcreveste do *Pobres* uma noticia inexacta. A mulher do Glv.^{es} Basto está de perfeita saude physica. Fez *uma scena* com um fogareiro, e mais nada. E' uma mulher original! ³⁶

Recommenda-me a todos os amigos.

31 de Dezembro de 1857.

Teu *Camillo*.

*

* * *

Findo o anno de 1857, logo a 1 de Janeiro, referindo-se Camillo á *Carlota Angela*, cuja publicação estava prestes a começar na *Aurora*, escreve elle:

XLVII

MEU BARBOSA.

Respondeste, sem o pensar, á pergunta que te fiz ácerca do romance. Hoje te mando algumas tiras. Como vês, ha

³⁶ Como se disse em nota á carta xxxviii d'esta primeira parte, Gonçalves Basto casára em Londres com M.^{elle} Elise Loeve-Weimar, nascida em Pariz em 1805, e a qual, em 1836, na força da juventude e da formosura, tanto havia excitado a imaginação do celebre Julio Janin, ao que se deprehende do primoroso folhetim, que este, em Março de 1863, consagrou no *Jornal dos Debates* a essa longinqua impressão. De um character phantasiado e romanesco, Elisa Basto era, de feito, uma mulher original, como Camillo a conceituava. Posteriormente, porem, com as faculdades perturbadas pela morte do filho primogenito, cahiu ella,

m.tas entrelinhas, e deve la haver m.ta vigilancia nas provas. Como a lettra é clara, um bocadinho de attenção basta.

O frontespicio vae na primeira tira.

Convem que haja algum methodo na quebra do capitulo, quando elle não couber inteiro n'um folhetim. Podes pôr o meu nome no começo, ou no fim de cada folhetim. Parece q̃ no começo infeita mais a disposição typographica.

N'esta casa (visto q̃ mostraste desejo de p.^a ca vir, e esse é tambem o meu) ha um quarto pequeno; mas o Alm.^{da} tem uma salla q̃ faz commum contigo p.^a as tuas visitas. Creio q̃ ficarás remediavelm.^{te} aposentado. A rua chrismada de D. Pedro, é a antiga rua do Bispo, ao pé da Praça nova, parallela com a do Laranjal — Casa n.º 13. ³⁷ — Temos um quarto companheiro Miguel da Cunha, digno môço.

Parece que ha ainda coisa de febre em Lx.^a; pelo menos o conselho *de doença* reconsiderou a limpeza do Porto, como terás visto.

Hoje estou adoentado. Suspeito que a syphilis, *alter ego*,

pouco a pouco, em completo desarranjo mental; e, havendo enviuvado por fins de 1874, acabou por suicidar-se com um tiro no dia 30 de setembro do anno seguinte. Pelo que cabe ao folhetim de Janin, foi elle desde logo admiravelmente commentado por Camillo, sob o titulo *A Formosa das violetas*, a pgs. 14-162 das *Noites de Lamego* — Lisboa, 1863. Este artigo, depois do suicidio de Elisa Basto, sahio devidamente ampliado com o titulo *Elisa Loeve-Weimar*, a pgs. 54-58 — 4.^a serie das *Artes e Lettras* — 1875, sendo por ultimo reproduzido no opusculo *Suicida* — Porto, 1881.

³⁷ O Snr Alberto Pimentel no *Romance do Romancista*, de pgs. 280 a 283, faz uma curiosa resenha das casas onde Camillo morou no Porto, de 1864 a 1873. Ora, quanto a 1850, na carta datada de 20 d'Outubro d'esse anno (a XIII d'esta primeira parte) participa Camillo achar-se em mudançã da Foz, para a rua do Sol, n.º 8. E, pelo que respeita a fins de 1857, começos de 1858, póde affirmar-se que Camillo habitou a casa a que tão explicitamente se refere na carta acima transcripta.

quer dar um estrondoso signal da sua existencia. Tem boas festas, e

Lembra-me aos amigos
do teu

1 de Janeiro de 1858.

Camillo.

N. B.

Escrevo esta data com não sei que vago pressentim.^{to} de quẽ não chegarei ao 9. A vida é triste, meu Barbosa; e eu estou cansado d'este fardo.

Depois, em Março e Junho de 1858, tambem a *Aurora* publicou alguns folhetins de Camillo. Por meado d'esse anno, porem, afrouxou sensivelmente a collaboração de Camillo na *Aurora do Lima*. Esta collaboração, é claro, não terminou de subito; mas, no decorrer dos doze mezes seguintes, foi-se ella mais a mais espaçando, e o illustre escriptor, provavelmente todo entregue a outras emprezas e aventuras, por certo não se manteve, quanto á *Aurora*, com o interesse e a diligencia dos annos anteriores.

Assim, na segunda metade de 1858, continuou a *Aurora* a publicar em folhetins o romance *Carlota Angela*, a que Camillo se refere na sua última carta atraz transcripta; mas isso foi resultado de contrato anterior que não era bem fosse invalidado. Tambem é certo que, em Agosto d'esse mesmo anno, mandou Camillo para a *Aurora* dous folhetins, como claramente se depreheende da carta seguinte, escripta da Foz:

XLVIII

MEU CARO BARBOSA

Eu não tenho so tenção de ir estar contigo um dia. Tenciono demorar-me em q.^{to} por ahi estanceares. Resolverá para breve a m.^a ida; mas como agora me dizes que

vens para a Foz, convem me digas se a tua demora aqui é *segundo o costume* no Porto.

Se vens por pouco tempo, espero-te, e iremos juntos. Se prolongas a residencia n'esta tediosa terra, balda-se o meu intento. Responde a isto.

Mandei hontem p.^{ra} a *Aurora* dois folhetins que hão de dar agua pela barba a m.^{to} leitor amante da clareza e do intelligivel. Cheiram a coisa d'Alemanha, e de la são hauridos em hora de philosophica pachorra. O teu jornal assim acarea renome de condimentoso e succulento, não achas? ³⁸

.....

Como terás visto, anda tudo em polvorosa contra os moedeiros falsos, e elíes, fortes da sua innocencia, vão sahindo para a rua. O pobre M.^{el} Moraes é quem está em peores lençoes. Tenho-o visitado, e contrista-me o futuro do pobre moço. Ha de pagar os seis centos contos paternos. Todavia não ha que jurar nas palavras truculentas do codigo. Reparei um d'estes dias que a estatua da justiça erecta no terraço da Relação, tem o nariz quebrado. Obrigaram-na a partir as ventas no sedeiro, ou nos varões dos *balancés*,

³⁸ Os taes folhetins *que haviam de dar agua pela barba a muito leitor amante da clareza e do intelligivel* parece que não lograram sahir na *Aurora*. Esta, pelo menos, no seu n.º 396, de 4.^a feira 11 d'Agosto de 1858, deu em folhetim uma simples poesia de Camillo, intitulada *Eras tu*. E, nos n.ºs 403 e 415, respectivamente de 8 e 24 de Setembro do mesmo anno, publicou tambem a *Aurora*, em folhetins, duas cartas, especie de satyras em verso sobre cousas do Porto e da Foz, a primeira datada de 2 e a segunda de 15, ambas de Setembro de 1858. Estas cartas eram assignadas por *João Junior-filho* (Camillo?)—Fosse, porem, como fosse, todas estas composições *não cheiravam a coisa d'Alemanha nem acareavam para o jornal renome de condimentoso e succulento*.

que é o m.^{mo} em quanto ao choque. Eu sou tão asno que nem seq.^r apprendi a raspar a serrilha aos pintos!

Dá um abraço no nosso Luiz, e nos mais e bons amigos q̃ te acompanham.

(Foz, 10 d'Agosto de 1858.)

Teu do c.

Camillo.

A remessa que consta d'esta carta, comtudo, talvez mais deva attribuir-se a um espontaneo capricho d'amigo, no intuito de ser agradavel a José Barbosa, do que a qualquer directo proposito de collaboração.

O mesmo succede em 1859, em cuja primeira metade ainda a *Aurora*, por ultimo, publicou alguns originaes de Camillo; sendo verosimil que, pelo menos, parte d'esses escriptos representasse disponibilidades de antigas remessas.

O que é indubitavel é que, por esse tempo, já os outros collaboradores da *Aurora*, corridos os indispensaveis mezes de tirocinio, se achavam sufficientemente trenados nos pormenores da imprensa, para proseguirem a sós na tarefa apprehendida.

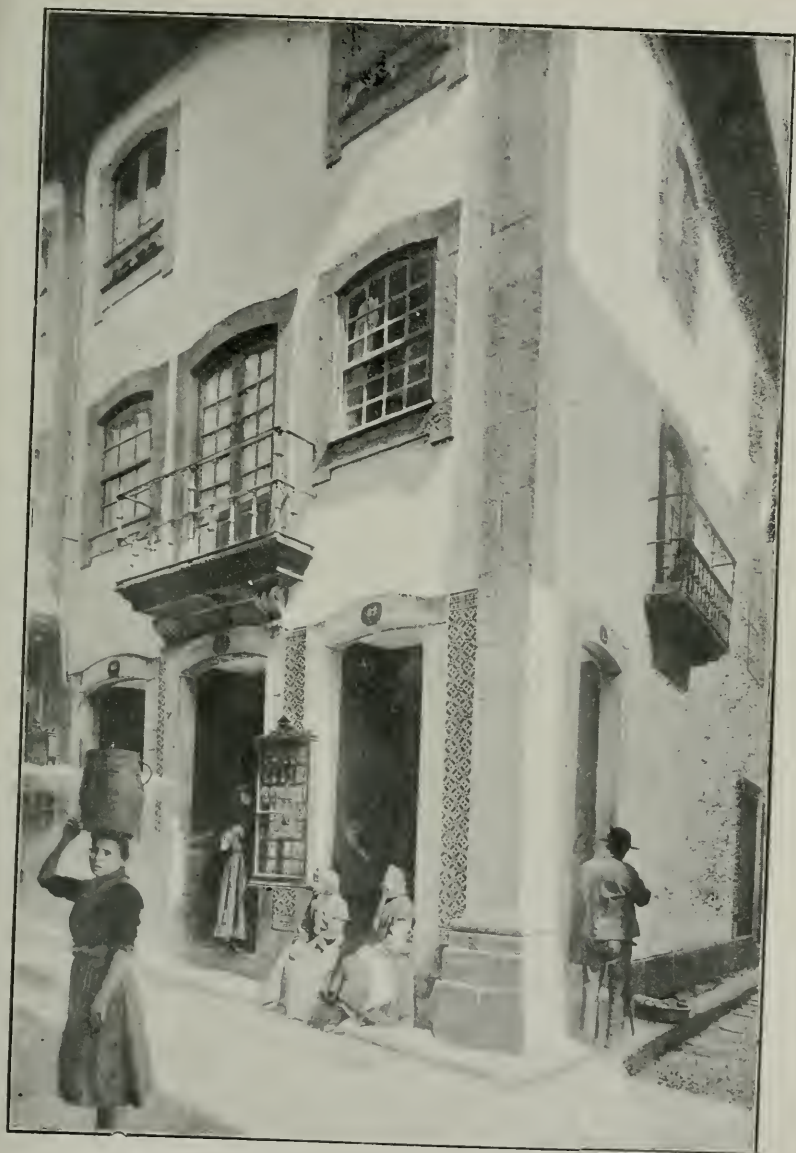
A *Aurora do Lima* não se finou, pois; em contrario ao vaticinio de Camillo, francamente expresso em suas cartas de 6 e 12 de Junho de 1857, chegando até n'esta ultima, o eximio romancista, a entoar-lhe, como funebre responsorio, o celebre verso de Malherbe.

Em 9 de Março de 1877, por morte de Sebastião Maria de Andrade e Sousa, que, desde a fundação da *Aurora* até essa data, continuamente se devotára com inexcedivel zelo ao seu serviço, passou a direcção do referido periodico para cargo do D.^{or} José Affonso de Espergueira, conservando-se n'elle até 28 de Março de 1884, dia do fallecimento d'este illustre e benemerito Viannense.

Outros redactores se foram depois succedendo; e, assim, a modesta folha, longe de haver tido a ephemera vida das



José Affonso de Espargueira
(1832-1884)



VIANNA DO CASTELLO

*Casa com frente para a rua de D. Luiz e entrada pela rua do Villarinho,
onde se conservou a redacção da Aurora do Lima,
desde a sua fundação (Dezembro de 1855) até Abril de 1904.*

rosas, ainda hoje subsiste, estando no seu sexagessimo quarto anno. O que, porem, a envaidece, não é a excepcional longevidade que desfructa, mas a gloria que lhe cabe pelo convivio intimo que logrou nos seus primeiros tempos com o prodigioso escriptor que, por quasi meio seculo, opulentou sem descanso as lettras portuguezas, e n'ellas ficará sempre fulgindo como astro de primacial grandesa.

PARTE SEGUNDA

PARTE SEGUNDA

VISITAS DE CAMILLO A VIANNA DO CASTELLO:
ALGUMAS POSITIVAMENTE EFFECTUADAS (1853, 1857, 1878 e 1882)
UMA DUVIDOSA (1856) E OUTRAS QUE NÃO PASSARAM
DE PROJECTO (1855 e 1858)

Na pascoa de 1853 achava-se Camillo em Vianna do Castello de visita a José Barbosa e Silva. Por essa occasião em 5.^a feira santa, escreveu elle no album do amigo:

«Pedis-te-me uma poesia no teu album. Não posso, amigo, e tu não duvidas que não posso. Pedir ao coração concentrado n'uma agonia surda, um hymno festival, é dizer aos labios d'um cadaver, que se descerrem, e chamem, uma por uma, as illusões da vida, q̃ o abandonaram no leito da morte.

Tu sabes que eu soffro m.^{to}; e a linguagem da dôr suprema é o silencio. Não creias nas angustias que os poetas te contam. Não creias nas m.^{as} que eu tambem não creio nas tuas.

Na minha vida, não é esta a primeira vez que tento embalde arrancar do coração um poema de lagrimas. Como Job, o typo sublime da mortificação, eu, quando soffro, in-

terrogo Deus audaciosam.^{te}, pesso-lhe a causa das m.^{as} turturas; mas pesso-lha gemendo e chorando no intimo silencio de abatimento moral.

E não posso — a um amigo como tu, a um anjo de consolações como tens sido p.^{ra} mim — não posso, Barbosa, revelar o inferno, q̃ sinto aqui neste coração fadado para o infinito dos supplicios.

Recolhi-me á solidão do meu quarto, quando me convidavas para uma reunião d'amigos teus, que deviam distrahir-me da prostração profunda em q̃ me deixaste. Não podiam conseguil-o. Eu sei q̃ é esteril a palavra do hómem, e impotente a consolação do amigo.

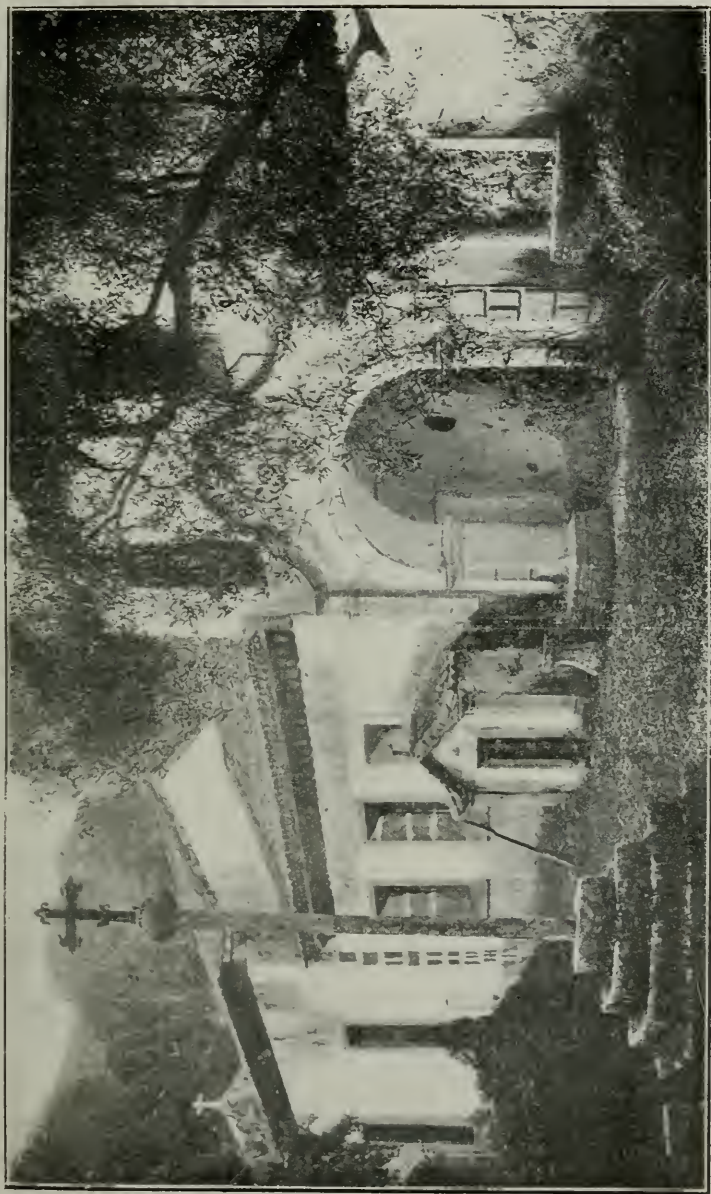
Aquellas *Lamentaçoens* dos anjos do claustro — aquellas elegias choradas no tumulto de Christo — aquellas vozes moduladas por labios que nunca tocaram o fel da taça mundana, accordaram-me no espirito um desejo de abandonar o corpo, um sabor anticipado da morte, um enojo de mim proprio, que nunca eu saberei explicar. E, desde esse momento, sinto-me m.^s infeliz que nunca...

Barbosa! Deixa-me escrever-te uma profecia no teu album: — Irás abraçar, um dia, um monge á portaria do Claustro, e não poderás dar-lhe o nome, que lhe deste, no mundo, quando lhe chamavas,

Camillo Castello-Branco»

5.^a feira da Semana sancta —
Vianna — 1853.

D'este trecho de prosa ultra-romantica, claramente se depreheende que a viva imaginação de Camillo se sentira fundamente enlevada por aquellas «lamentações dos anjos do claustro — aquellas elegias choradas no tumulto de Christo — aquellas vozes moduladas por labios que nunca tocaram



VIANNA DO CASTELLO — S. FRANCISCO DO MONTE
Cruzeiro na portaria do Convento



VIANNA DO CASTELO — S. FRANCISCO DO MONTE
Um trecho da mata

o fel da taça mundana» — cantos sagrados entoados pelas freiras no templo das Carmelitas. E tanto assim, que, quasi 4 annos depois, em 3 de Fevereiro de 1857, quando Camillo escreve a José Barbosa como que esboçando o seu futuro viver em Vianna, para onde, então, contava partir breve, a tomar a direcção da *Aurora do Lima*, não se esquece elle de incluir no programma a seguinte clausula: «Havemos de ir ao *nosso* templo das Carmelitas ouvir os hymnos da Paixão.»¹

Durante esta sua visita, é natural que Camillo e José Barbosa se recreassem em mutuas confidencias e em longos passeios pelos mais apraziveis sitios dos arredores, unica diversão, que, por esse tempo, podia offerecer um pequena cidade de provincia; e, de feito, por cartas posteriores de Camillo, reconhece-se que alguns d'esses logares o impressionaram devéras e lograram fixar-se perduraveis e saudosos na memoria do grande escriptor.

Foi assim que o pequeno convento de S. Francisco do Monte, situado no alto da encosta fronteira pelo norte á bacia do rio Lima, e ahi escondido n'um reconcavo da serrania, sobremaneira excitou a inflammavel phantasia de Camillo, a ponto d'este, 3 annos depois, em sua carta de 10 de Julho de 1856, acenar a José Barbosa com «a esperanza de envelhecerem juntos a recordar aquella vida que lhes fugia, no conventinho dos franciscanos.»²

Tambem o impressionou a quinta da Costa em S. Miguel de Perre, ridente prediosinho rustico a 5 kilometros de Vianna, onde José Barbosa costumava passar alguns mezes de verão. E' até provavel que Camillo, n'esta sua visita de 1853, tambem lá passasse algum dia. Como quer que fosse, a ella se refere o illustre romancista em varias cartas suas, principalmente na de 10 de Março de 1858, escripta para Lisboa, em que Camillo espirituosamente recommenda a José Barbosa «que não se embriague n'aquella Papua das organisações bem aventuradas para os prazeres frivolos. Que

¹ A carta a que se allude é a XXIII da Parte primeira. Veja-se tambem a respectiva nota 24.

² Veja-se a Carta III da Parte primeira e a respectiva nota 9.

se lembre de Perre, onde ha ceo azul, moitas de madre-silva, taboleiros de relva, fontes argentinas, murmurios de floresta e cantares de calhandra.»³

Outro pormenor do arrabalde Viannense que se gravou fundo na lembrança de Camillo, foi a chamada *Quinta Fresca*, situada meia legua acima da cidade, na margem direita do rio Lima, precisamente no ponto em que n'este vem desaguar o pittoresco ribeiro de Portuzello. No capitulo I das *Estrellas propicias*, «aquella casa apalaçada, em parte cantaria que os seculos denegriram, em parte edificação moderna, caiada, tingida, variegada»; e aquella «vereda relvosa, ladeada de alamos, e outras arvores e arbustos, que conduzia da margem do rio ao edificio»; não são simples ficções do romancista, mas verdadeiras impressões do natural, que elle, desde a sua visita a Vianna em 1853, conservara intactas na memoria, e com as quaes, dez annos depois, enfeitou as primeiras paginas do seu formoso livro.⁴

³ A carta a que se allude é a XXII da Parte terceira.

⁴ A casa apalaçada que em 1853 prendeu a attenção de Camillo, não era de remota antiguidade; fôra mandada construir em principios do seculo XIX pelo Capitão General dos Açores, Francisco Antonio d'Araujo e Azevedo, em terrenos marginaes do ribeiro de Portuzello, que emprazou e reuniu a outros tomados ao rio Lima. Francisco d'Araujo era irmão do abbade de Lobrigos, Inspector de Obras Publicas, e do Conde da Barca, o notavel diplomata e ministro do então principe-regente, depois rei D. João VI; sendo assim que o referido abbade parece haver dirigido a execução da obra, cuja traça geral, aliás sem grande valor architectonico, a trouxera do estrangeiro o Conde da Barca, segundo a crença d'alguns.

O edificio, rigorosamente quadrado em planta, constava de um só pavimento, elevado este à alguma cousa sobre o nivel do solo, e tendo na porta central de entrada os respectivos 4 degraus de acesso. Nas fachadas, em que ainda se vislumbrava o vermelho desbotado do primitivo reboco, erguia-se a cada canto um outro andar simulando torre, que, vistas as quatro a distancia e em conjunto, muito concorriam para que a vivenda aparentasse um certo realce de distincção e de nobresa.

D'esta casa campestre, nada, porem, resta actualmente; no seu logar está hoje um incaracteristico casebre, que, é de suppor, fosse construido com materias das anteriores ruinas.

A 21 de Março, á despedida, escreveu Camillo no album de José Barbosa uma poesia intitulada *A' ultima hora*, poesia inferior, e, a meu ver, rapidamente improvisada; mas que, por fixar com precisão a data em que terminou a sua primeira visita a Vianna do Castello, aqui a deixo transcripta:

«Á ULTIMA HORA

Bem sabes, amigo, que prisma d'encantos
Eu tinha, se em sonhos Vianna antevia!
O prisma era o modo de ver d'um poeta,
Que esconde na alma sentida poesia.

Com pranto nos olhos, Barbosa me viste,
Mendigo d'alivios, refugio buscar
Na terra, que eu vira tão linda sorrir-me,
Na terra, que encina a sentir e callar.

E a mão da amisade enchugou-me este pranto!
Barbosa, qual anjo me deste a bonança!
Bem sabes que grito de magua profunda
Fizeste callar com palavras d'esperança...

Amigos me deste dos muitos que tinhas
Amigos, que prendem, quaes outros não vi,
Que inspiram saudades, e crenças formosas
Na terna amisade, que eu levo d'aqui.

28 de Março de 1853.

Camillo Castello Branco.»

Vê-se, pois, que Camillo retirou na madrugada de 29 de Março. E, de facto, a 31 d'esse mez participa Camillo "ter dormido no primeiro dia em Villa Nova (Famalicão) e no segundo já jantado no Porto, não se resentindo da jornada, mas vendo-se em grande fadiga para arranjar o *comfortable* domestico." E termina:

"Vai ao correio, e atira-me para cá com uma carta, que la deve estar em meu nome. Dá-me m.^{tas} saud.^{des} a teus irmãos e aos nossos amigos, que me deram a liberd.^{de} de

lhes dar este nome sinceram.^{te} do coração. Adeus, meu caro.
Teu Camillo.»

*

* *

Dous annos depois, em 1855, pretendeu Camillo effectuar o seu veraneio em Vianna do Castello; e, n'este proposito, escreve a José Barbosa em 17 d'Agosto do referido anno:

I

MEU BARBOSA

Será possivel o seguinte?

D. Izabel Candida (a freira) ³ com quem me congregatei por uma celebre eventualidade, quer passar um mez nas visinhanças de Vianna, e d'ahi faser ao Minho algumas excursões. Segundo os estatutos monasticos, não pode estanciar se não de passagem em estalagens, e não pode residir. Quer ella, portanto, uma casa de quinta mobilada simplesm.^{te} do q̃ é propriamente mobilia: paga tudo, acceita todas as condições monetarias. (Estas bravatas pecuniarias estão em harmonia com o genio e as posses da dita). Uma vez me disseste tu q̃ era possivel arranjar-se para mim uma casa como a deseja a D. Izabel. Eu vou para a hospedaria; mas bem quizera que ella por ahi estivesse, por q̃ verás q̃ passaremos algumas horas de *nonchalante* convivencia. Tomaremos banhos, cysnes derrabados, e depois do almoço confortavel como convem a dous Antonys de estomago,

³ A respeito de D. Izabel Candida Vaz Mourão (a freira) veja-se o que fica exposto na nota 2 á Carta I da Parte primeira.

recordaremos, poetas *poitrinaires*, as decepções da infancia, a pouca vergonha das ilusões *mentidas como a onça* (vide Shakespeare). Pelo q̃:

Muito importa q̃ lances as tuas diligentes medidas, e me digas se se pode contar com a caza nos dias 1 ou 2 de Setembro. Nota, meu caro José, que eu não vou se ella não vai, e ella não vai se tu lhe não preparas la (com a simplicid.^{de} que ja te disse) uma aposentadoria m.^s ou menos romantica. A fam.^a d'ella são trez creados, onde domina o sexo femenino com duas soffríveis faxadas. Tive um abraço teu transmittido p.^r Ant.^o Bernardo. Nas azas da briza da tarde mandei-te um bejo em retribuição. Responde, q.^{do} possas, ao teu

Recados a teus manos

17 de Agosto
- de 1855.

Camillo.

Volvidos, porem, alguns dias, alastrando pelo paiz a invasão da colera, constou a Camillo que Vianna já se achava contaminada; e, em 21, pressurosamente desabona o pedido feito na sua carta anterior:

II

MEU CARO BARBOSA

Queira Deus que o incommodo do teu Luiz tenha pesado ⁶. O nome que dás á molestia, ao menos na termina-

⁶ Vê-se que enfermára de uma qualquer doença vulgar o irmão de José Barbosa.

ção, faz-me crêr q̃ a estas horas o doente está em ligeira convalescença.

E, portanto, Vianna está tocada! Já se não pode dizer que a virgem do Lima rirá das impurezas das cidades corruptas. Assim o esperei. A bafaragem da Asia passará mais ou menos atravez de todos os ceos.

Ja agora não ponhas diligencias na aquisição da casa p.^a D. Izabel. O que ella queria era fugir á colera: se lhe consta o mais pequeno incidente ahi, redobam os sustos porque lhe falta la a assistencia dos medicos em q̃ ella tem m.^{ta} fé. Eu estou em identicas circumstancias. Decerto não irei, como tanto queria, a banhos. Serei aqui testemunha (se não fôr parte no formidavel processo) da espantosa destruição, cujo incremento ha trez dias ameaça um formal assalto dos q̃ ultimam.^{te} soffre a Espanha. Lembrou-me ir p.^a Lx.^a, e tomar banhos em Cascaes; mas a estas horas Lisboa reconhece a invalidade das prevençoens do Moacho ⁷.

Hontem fiz entregar 2 exemplares do teu romance ⁸ na

⁷ Moacho (Matheus Cezario Rodrigues) Doutor em medicina pela Universidade e antigo fisico-mor da India, era pôr aquelle tempo Fiscal do Conselho de Saude Publica do Reino. Como tal, consoante o art. 4.º da lei de saude de 3 de Janeiro de 1837, competia-lhe ser o executor das deliberações do referido Conselho, e assignar a correspondencia pelo mesmo expedida; e assim, sem que elle tivesse qualquer preponderancia sobre os seus outros collegas, só por Moacho apparecem assignados os editaes destinados ao publico e as instrucções e conselhos dirigidos ás auctoridades e corporações administrativas a proposito da colera morbus que então assolava o Reino, sendo provavelmente estas medidas de prophylaxia official as taes *prevenções* a que Camillo na sua carta allude. Estes interessantes esclarecim.^{tos} devo eu á reconhecida competencia e inexcedivel amabilidade do eruditissimo homem de sciencia e pesquisador de historia e bibliographia, o Snr. Dr. Silva Carvalho.

⁸ O romance "Viver para soffrer".

Concordia e Braz Tizana. Espero q̃ os redactores digam a respeito d'elle o que deve dizer-se de um bom romance. Quando queiras mandar alguns exemplares p.^a os rapazes, já sabes q̃ serão pontualm.^{te} entregues.

Ha duas noutes q̃ o Ferrei^a (medico) me visitou ás 2 horas da noute. Suppuz q̃ tinha a colera: mas era imaginação, resultado de una visita imprudente q̃ fiz ao hospital. Vivo mal. Sinto um torpor de corpo, um abatimento de alma q̃ parece uma profecia m.^{to} funebre...

Ad.^s Deixa-me sentir os teus cuid.^{dos} por teu mano, e abraça-o da minha parte logo que elle se levante. Poupa-te. Tem m.^{tos} cuid.^{dos} hygienicos, e alapa-te em Perre ⁹ logo q̃ a invasão não seja equivocada.

Teu do coração

21 d'Agosto de 1855

Camillo C. Bran.^{co}

A expansão da epidemia fez, pois, com que abortasse o projecto de Camillo, quanto á sua nova visita a Vianna; e, em consequencia, que caducasse o plano de vida temporaria tão entusiasticamente idealizado pelo illustre romancista na sua carta de 17 d'Agosto.

*

* * *

Nenhum indicio se me depara de qualquer visita de Camillo a Vianna no anno de 1856. Todavia, em uma commovente carta que o eximio escriptor dirigiu em Fevereiro

⁹ Quinta da Costa em S. Miguel de Perre; o mesmo prediosinho rustico que prendera a attenção de Camillo, quando da sua estada em Vianna pela pascoa de 1853.

de 1882 a Luiz Barbosa e Silva, pelo fallecimento do irmão mais velho d'este, Matheus José Barbosa e Silva, refere-se elle a uma sua estada em Vianna no domingo de Pascoa de 1856: "Lá estão todos os teus irmãos que eu d'aqui estou vendo no domingo de Pascoa de 1856, á tua mesa, cheios de vida e de contentamento," ¹⁰.

Tenho como certo, que na conjunctura, a reminiscencia atraçouo o prestigioso romancista. Se elle, effectivamente, tivesse estado em Vianna na Pascoa de 1856, a *Aurora do Lima* que recebia d'elle, por esse tempo, assidua collaboração, de certo não deixaria de dar noticia da sua chegada; e tal noticia se não encontra no citado jornal. Julgo, pois, provavel que Camillo, á distancia de 26 annos, se equivocasse, desejando muito naturalmente referir-se a qualquer das suas antigas visitas a Vianna, á de 1853, ou, antes, á de 1857, porque ambas estas se haviam effectuado pela Pascoa: a de 1853, como atraz fica registado; e a de 1857, como em seguida direi.

Fosse como fosse, a visita de 1856, quando menos, tenho-a como duvidosa.

*

* *

Em 1857, depois de varios adiamentos e de reiteradas instancias, como se acha minuciosamente consignado na Parte primeira, desde a transcripção da Carta VIII até á da XXXIII, veio Camillo fixar residencia em Vianna, tomando a seu cargo a redacção da *Aurora do Lima*.

No numero 195 d'este jornal, correspondente a 4.^a feira, 8 d'Abril de 1857, sahiu publicada a seguinte local:

"Chegou hontem de tarde a esta cidade, vindo do Porto, o nosso particular amigo e collega, o Snr. Camillo Castello Branco, que conta, por motivos de saude residir temporariamente nas amenas e risonhas margens do Lima. Este.

¹⁰ Esta carta, na sua integra, vai adiante transcripta. É a VII d'esta Parte segunda.

VIANNA DO CASTELLO — S. JOÃO D'ARGA



Casa habitada por Camillo na primavera de 1857.

Lado Sul



Lado Norte

cavalheiro distinguirá com a sua collaboração as columnas d'este jornal.

Seria suspeito á amisade expansiva, tributar como era devido, as boas vindas ao abalisado e primoroso escriptor. A Vianna, á sua illustração, e ao seu nome nas lettras portuguezas, damos nós cordialissimos emboras, pela distincção de tão honrosa visita.

O Snr. Camillo Castello Branco era esperado no caminho por muitos dos seus amigos. Conjunctamente com elle, vinha tambem o nosso estimavel amigo o Snr. Sant'Anna e Silva, abbade de S. Martinho da Barca, vocação muito esperançosa da eloquencia sagrada, e um dos primeiros ornamentos do pulpito portuense."

E', portanto, indubitavel haver Camillo passado a pascoa de 1857 em Vianna, aposentando-se n'uma pittoresca vivenda, que, José Barbosa, muito ao corrente das predilecções do amigo, lhe havia arranjado no deleitoso arrabalde de S. João d'Arga, a meia encosta, sobranceiro á cidade, e com magnifica vista para a ampla e donairoza bacia do rio Lima. ⁴¹

E' tambem certo que o grande escriptor alli traçou alguns capitulos das *Scenas da Foz* e da *Carlota Angela*, romances que então trazia em execução, e que, de feito, sahiram na *Aurora do Lima*, primeiro em folhetins, e depois reeditados em volume.

Camillo, porem, contava por esse tempo 32 annos. Era irrequieto e impresente nos seus propósitos. Vieram-lhe

⁴¹ A casa do arrabalde de S. João d'Arga, que Camillo temporariamente habitou em 1857, ainda subsiste sem que qualquer modificação a haja essencialmente alterado, pelo menos no exterior. A pequena vivenda, situada na visinhança da Capella do referido santo, tem, pelo norte, o seu pavimento de entrada ao rez do caminho; e, pelo sul, para onde a encosta decliva, apresenta a modesta habitação um outro pavimento inferior, correndo este ao nivel do exiguo logradouro adjacente. D'este lado se descobre o vastissimo horisonte, que abrange toda a bacía salgada do rio Lima desde a sua foz até Cardiellos, onde o rio, por mudança de direcção, esconde toda a parte de montante, dando-nos a illusão de um remançoso lago deslumbrante de amenidade e de belleza.

saudades da bohemia do Porto e dos companheiros da sua faina litteraria. O monotono viver d'uma pequena cidade de provincia, como que o estrangulava, não se coadunando com a ardente imaginação do eximio romancista. E assim, quasi dous mezes contados desde a sua vinda, resolveu Camillo voltar para o Porto.

E, a *Aurora do Lima*, no seu numero 216, correspondente a sexta-feira 29 de Março de 1857, noticiava:

«*Partida.*—Regressou esta manhã para o Porto o nosso estimavel amigo e collega, o snr. Camillo Castello Branco, que por espaço de dous mezes honrou esta terra com a sua convivencia comprazedora, affavel e realçada pelos muitos recursos de um subido talento.

O snr. Castello Branco, ausentando-se sem a devida premeditação, encarregou-nos de apresentar, em seu nome, as expressões do seu reconhecimento e respeito, a todas as pessoas que o distinguiram com obsequiosas provas de consideração, deferencia e estima, offerecendo-lhes cordialmente os seus serviços no Porto.

Este cavalheiro, retirando-se de Vianna, deixa saudades condignas do seu merecimento. Soube grangear dos seus admiradores o titulo de amigos, e deixa larga roda de affeiçoados que guardarão sempre d'elle sentidas lembranças.»

Apenas chegado ao Porto, logo em 2 de Junho, Camillo, como que em desculpa da sua retirada, escreve a José Barbosa, participando-lhe que, "no seu regresso, sentira uma nova commoção — a do contentamento que o levava ao desejo d'uma familia; mas que a corda que assim vibrava cansára depressa, porque o toque era violento, e, vinte e quatro horas depois, estava lethargico, recahindo na doença chronica." E acrescentava: «Vamos assim vivendo. Não devo esperar mais nada. Digo isto com resignação, pondo o meu espirito em Deus. E'-se bem infeliz, quando se vem a este desengano.»¹²

¹² Esta carta, na sua integra, já se acha transcripta na Parte primeira. E' a XXXVI. E, quanto á despedida de Camillo, vejam-se tambem na mesma parte as duas cartas immediatamente anteriores, isto é a XXXIV e a XXXV.

Pobre Camillo! Talvez já elle sentisse o pungir da saudade pela casinha que abandonara no formoso suburbio Viannense.

*

* . *

Em Maio de 1858 projecta Camillo visitar de novo a cidade do Lima e passar alguns dias com o seu amigo José Barbosa. N'este intuito parte do Porto; e, ao chegar a Famalicão, resolve retroceder, dando por finda a digressão. Sempre a mesma versatilidade. A nevrose escravisa-o e leva-o a não persistir nas resoluções tomadas. Tudo isto manifestamente transparece da seguinte carta, datada de 11 do referido mez:

III

MEU BARBOSA.

Sahi do Porto um d'estes dias com tenção de ir dar-te um abraço, e estar ahí dous dias. Cheguei a Villa Nova de Famalicão á noite, passei a noute mal, receei maior incommodo, e voltei para o Porto. No excesso da m.^a zanga, fui ao theatro, e vendo um actor pessimo fiz la desordem. Vim para caza, deitei-me, dormi, e ergui-me um pouco melhor.

O Almeida ¹³ partindo para Liverpool, disse-me que te transmittisse um abraço de despedida, e que, a todo o tem-

¹³ Antonio d'Almeida Campos, então consul de Portugal em Liverpool, e depois no Rio de Janeiro. Era um dos intimos de Camillo e amigo de José Barbosa. Almeida Campos, elegante e bem parecido, verdadeira figura de destaque no seu tempo, veio a casar-se em 1864 com D. Margarida Fladgate, filha mais velha do Barão de Roeda (John Alexander Fladgate).

po, tivesses na lembrança os negocios d'elle. Nada me dis-
seste á cerca da bibliotheca. Vejo que ainda é cedo, e estou
segurissimo da tua tenção a meu respeito. ¹⁴

Ad.s meu bom am.º

(Porto, 11 de Maio de 1853.)

Teu do c.

Camillo.

*

* *

Passado o anno de 1858, como que começa para o ge-
nial escriptor uma outra existencia. Novos sentimentos e
novas aventuras o impulsionam, fazendo-o attingir o fastigio
das letras e a culminancia da desgraça. Os seus amores
levam-n'o á cadeia da Relação do Porto (1.º de Outubro
de 1860) e a sua prodigiosa actividade mental, alanciada
pela dôr e incitada pela necessidade, exerce-se n'uma as-
sombrosa producção litteraria de immenso brilho e de ex-
cepcional realce.

Mais tarde, já distanciado o ruidoso incidente, em 1885,
a 16 de Setembro, falleceu em Vianna do Castello, quasi
aos 37 annos de idade, o dilecto amigo de Camillo e «seu
irmão pela bondade do coração», ¹⁵ José Barbosa e Silva.

¹⁴ Supponho que, na conjunctura, tanto Camillo como José Barbosa
se ativessem á criação de uma bibliotheca regional em Vianna do Cas-
tello, servindo-lhe certamente de nucleo os numerosos livros e alguns
importantes codices, que se haviam recolhido dos diversos conventos do
Districto, e que, então, demoravam, sem catalogo organizado e sem qual-
quer ordem regular, amontoados em compartimentos do governo civil.
Resolvida a bibliotheca, seria Camillo nomeado para o logar de seu bi-
bliothecario; e, sendo provavel que o vencimento não fosse muito im-
portante, accumularia Camillo esse vencimento com os proventos de
redactor da *Aurora*. Em outras cartas suas, de 2 d'Abril e 4 de Maio de
1858, (a XXVI e a XXIX da Parte terceira) tambem Camillo se refere a
esta pretensão.

¹⁵ Frase textual da carta IV, que adiante vae transcripta.



José Barbosa e Silva
(1828-1865)

José Barbosa era de estatura elegante, de feições gentilíssimas e attrahentes; reunindo a estas vantagens physicas um character bondoso e delicado, que a todos prendia e encantava. Na sua conversa illustrada sobressahiam a amaviosa urbanidade que captiva e uma espontanea indulgencia para as leves faltas com que os outros, porventura, magoavam a sua alma de sensitiva. Demais, o seu espirito, naturalmente serio e perspicaz, achava-se cultivado em alto grao pelo estudo, pela leitura, pelas viagens, pela precoce experiencia e pelo assiduo contacto com os mais selectos vultos seus contemporaneos dos salões, das letras e da politica. De resto, a affabilidade de José Barbosa, a bondosa natureza da sua indole privilegiada e a inalteravel correcção do seu trato, em toda a escala social lhe grangearam amigos dedicadissimos que sinceramente o prantearam quando falleceu. «José Barbosa é um homem que se não esquece nunca.» Tal foi o remate da sentida noticia que Ramalho Ortigão inseriu no *Jornal do Porto*, no dia seguinte ao do passamento do distincto e bemquisto Viannense.¹⁶

Camillo votava-lhe uma amisade enternecida e fanatica; tinha por elle uma como que idolatria que jamais se sentira entibiar, não obstante a ingenita incónstancia do illustre romancista. O fallecimento de José Barbosa profundamente o affectou, como se deprehende da seguinte carta, datada de 11 de Outubro de 1865, que enviou a Luiz Barbosa:

IV

MEU CARO BARBOSA

Não fui quando foram todas as consolaçoens. Para a tua angustia e para a dos teus irmãos todas ellas deviam ser frivolas. E' necessario deixar correr as lagrimas, e quando o coração apenas tem sangue que dar a uma saudade, en-

¹⁶ Veja-se tambem a nota 1, logo no começo da Parte primeira, onde se resumem alguns traços biographicos relativos a José Barbosa e Silva.

tão é chegada a hora de dizer aos que soffrem a perda de um homem como José Barbosa: "Não choreis, que se abriu o ceu áquella alma immaculada.". Elle era tão vosso irmão pelo sangue como meu pela bond.^{de} do coração. Quando aqui passou pela derradeira vez, escreveu ao Ramalho Ortigão, e dizia-lhe: «dê um abraço no Camillo» Lembrou-se do mais infeliz homem q̃ elle tinha conhecido. Guardo as minhas dores para um livro, com que heide ajuntar mais uma pagina ás m.^{tas} q̃ o choram.

Coragem, meu amigo. Amanhan nos encontraremos todos álem desta lama em q̃ estão as cinzas das pessoas que amamos. Diz isto aos teus queridos irmãos; dil-o tamb.^m ao Seb.^{am} de Sousa, cujas lagrimas reviam n'aquellas sentidissimas linhas q̃ escreveu. Quantos amigos a chorarem um homem de bem! A virtude não é uma mentira. As saudades do virtuoso são um testemunho da feliz immortalid.^{de} da alma d'elle.

Lessa da Palm.^{ra}
11 de 8.^{bro} de 1865.

Teu velho amigo

Camillo Castello Br.^{co}

Ainda, em Outubro de 1869, a memoria de José Barbosa se conservava inalteravelmente viva e saudosa na mente do genial escriptor, que, da quinta de Seide, onde temporariamente se achava convalescendo, escreveu a Luiz Barbosa a seguinte carta:

V

MEU PRESADO LUIZ BARBOSA

Estou escrevendo um livro em q̃ ha referencias ao nosso chorado José Barbosa. Necessito que me mandes, se o tive-

res, o necrologio que se escrevesse mais circunstanciado, ou que pelo menos tenha datas de nascim.^{to}, obito, etc. Parece-me q̃ um foi publicado na *Aurora*, mais extenso; mas melhor tu me favorecerás com a memoria d'esse infausto successo que é sempre recente á m.^a saudade. ⁴⁷

Padeço m.^{to} ha anno e meio. Vim de Lx.^a quase morto, e aqui me tenho convalescido um pouco. Melhoras illusorias. Como estás tu e teu mano Matheus?

Recorda-te alguma hora do teu velho am.^o do coração

Camillo C. Cast. Br.^{co}

Q.^{ta} de Seide
16 de S.^{bro} de 1869.

*

* * *

Alguns annos volvidos, recolhe-se definitivamente Camillo á sua thebaida de S. Miguel de Seide; e ahi, retemperando o seu estylo e refundindo os seus processos, evoluciona dos antigos moldes romanticos, e enriquece as letras patrias com as mais fulgurantes joias da modelar prosa portugueza. ⁴⁸

¹⁷ Pelo que respeita ao livro a que Camillo n'esta sua carta se refere, presumo ser *A Mulher Fatal*, cuja primeira edição é de 1870, e onde, effectivamente, ha algumas pequenas referencias a José Barbosa. A ser assim, é provavel que a composição d'este livro, talvez começada em 1868 (veja-se a referencia de pag. 14 — "José Barbosa e Silva morreu ha tres annos.") soffresse qualquer alteração quanto ao seu primitivo plano, motivada essa alteração pela deficiencia dos dados colhidos pelo illustre romancista; tanto mais que o necrologio a que elle allude (publicado no n.^o 1464 da *Aurora do Lima*, de segunda feira, 18 de Setembro de 1865) sendõ na verdade extenso e muito sentido, é escasso em pormenores biographicos e em traços positivos.

¹⁸ As *Novellas do Minho* e *A Braziléira de Prazins*: as primeiras sahidas de 1875 a 1877; e a segunda dada á estampa em 1882.

A supremacia litteraria de Camillo, porem, pareceu desenvolver-se á compita com o malefico destino que sempre perseguiu o desventurado escriptor; sendo assim que, em S. Miguel de Seide, mais e mais se lhe accentuaram os pronuncios da cegueira, e lhe veio a cruel convicção da irremediavel loucura do seu mais querido filho, o Jorge.

No decurso d'estes 20 annos, todos de intensa produção litteraria, é claro que nenhuma visita fez Camillo á cidade do Lima. Em 1878, comtudo, já bem picado pela desgraça e dilacerado pelas garras da neurasthenia, o inditoso escriptor, no auge do desespero, recordou-se dos antigos tempos passados em Vianna e dos amigos Barbosas: o José, de ha 13 annos fallecido no vigor da idade, e o Luiz, ainda vivo. Presa de uma agitação indescriptivel, desorientado, o attribulado romancista parte de Seide, caminho de Vianna, onde chegou já noute adiantada.

Luiz Barbosa achava-se então n'uma reunião preparatoria para a proxima eleição municipal, reunião que, casualmente, tinha logar na redacção da *Aurora do Lima*; assistindo tambem a ella seu irmão Matheus, Silva Campos, o mimoso auctor das «Noutes de Vianna», e o Dr. Antonio Augusto Arriscado de Lacerda, hoje desembargador na Relação do Porto.

Silva Campos, impressionado pela extranha visita de Camillo e testemunha ocular do seu atroz desespero, fixou o acontecimento n'uma interessantissima narrativa, que, sob o titulo de «Uma surpresa», sahiu publicada no numero 7926 da *Aurora do Lima*, correspondente a 4.^a feira, 16 de Dezembro de 1908.

Essa narrativa, por pouco conhecida, textualmente a transcrevo aqui, devidamente corrigida pelo seu auctor de alguns lapsos importantes com que sahiu na primeira edição; substituindo assim, com immensa vantagem para o leitor, a minlia desbotada prosa pela flagrante descripção do distincto jornalista:

«UMA SURPRESA»

«Em a noite de 2 de Agosto de 1878, já tarde, nas salas da redacção da «Aurora do Lima», no antigo predio, á rua do Villarinho, onde durante largos annos se manteve com tamanho luzimento a velha folha progressista, achavam-se reunidos varios cavalheiros, entregues a uma trabalhosa faina eleitoral, que n'esse tempo interessou profundamente a opinião publica pela vehemencia das paixões politicas e pelo inusitado ardor com que, de lado a lado, se esforçaram rijamente os combatentes.

Em derredor da grande mesa, testemunha muda de tão interessantes acontecimentos sentavam-se n'essa noite, Rocha Paris, o prestigioso chefe do partido n'este districto, Matheus José Barbosa e seu irmão Luiz Barbosa e Silva, dous grandes homens de bem, de tamanho coração como caracter, dr. Arriscado de Lacerda, então politico terrivel e hoje integerrimo juiz de direito da comarca de Braga, Ernesto Julio Goes Pinto, candidato victorioso nas eleições d'esse anno, o infeliz a quem a sorte reservava bem amargas provações, e, finalmente, o obscuro auctor d'estas linhas, que n'essa epoca vinha collaborando activamente n'este jornal, no qual passou os melhores dias da sua já longinqua mocidade.

N'essa noite, como nas anteriores, a discussão era viva. O governo guerreava ferozmente o partido progressista e a lucta era brava, sem treguas, cheia de surpresas e, não raro, das mais frequentes e extraordinarias violencias.

Quando todos estavam mais embebidos na conversa, discutindo-se alvitres, desdobrando-se planos, um serviçal que estacionava como continuo nas escadas do predio, veio dentro, mysteriosamente, á sala, com ares assustados, communicar que um individuo desconhecido, d'aspecto sinistro, procurava com insistencia o sr. Luiz Barbosa.

Quem seria?

Áquella hora avançada — passava já da meia noite — receavam-se todos da espionagem da auctoridade e de diversos sicarios que, n'esses tempos já remotos, entravam em todas as pugnas eleitoraes com a logica pouco persuasiva, mas temerosa, de pesados cacetes.

Como, porem, eramos seis, e estavamos á sombra da

inviolabilidade do domicilio, ordenou-se ao continuo que desse entrada ao visitante incognito.

Ouviram-se passos pesados na sala anterior e, de repente, no quadro da porta de ingresso para aquella em que nos achavamos, appareceu um homem alto, de chapéu derrubado, lunetas negras, bigode hirsuto, com o rosto quasi todo coberto pelas dobras d'uma capa á hespanhola. Parou no limiar, emquanto todos os circumstantes o olhavam com surpresa. Descobriu-se então o homem, desembrulhou-se da capa e n'esta altura um brado d'espanto escapou dos labios de Luiz Barbosa:

— Pois és tu e por aqui?

Era Camillo Castello Branco.

O grande romancista entrou vagarosamente e foi, chorando, lançar-se nos braços do seu velho amigo.

Entretanto, todos nós, tomados de espanto, contemplavamos o illustre homem de letras, sem quasi nos lembrarmos de lhe apresentar as nossas homenagens.

Por fim, serenado um pouco o embaraço dos primeiros momentos, Luiz Barbosa apresentou-nos como seus amigos particulares e Camillo, então, embora agitado de espirito, como claramente se deprehendia do seu gesto, explicou o motivo da sua extraordinaria visita áquella hora.

— Que viera fugindo de S. Miguel de Seide — dizia — porque não podera supportar na manhã d'aquelle dia o desolador espectaculo da loucura d'um seu filho. Que se lembrava dos bellos e saudosos dias que vinte e tantos annos antes passára n'esta cidade, n'uma pittoresca casinha na encosta de S. João d'Arga, onde escrevera á *Carlota Angela*, e quizera então vir aqui retemperar-se em outros ares não só da sua enorme fraqueza physica como do seu profundo, e quiçá irremediavel abatimento moral.

O aspecto do grande escriptor era, em verdade, temeroso. Parecia um allucinado. Deante dos olhos já amortecidos pela amaurose incipiente bailava, constantemente, a imagem do filho considerado perdido nos accessos d'uma loucura terrivel, durante cujas crises maiores ameaçava de morte as proprias pessoas da casa.

Que se retirava — insistia — porque a sua permanencia em Seide, vendo o filho n'aquelle estado horroroso, seria capaz de o levar ao suicidio.

Todos nós, commovidos, procuramos consolar com palavras de carinhoso conforto o grande homem, mas eram

baldados os nossos esforços e Camillo proseguia sempre em phrases desconexas a lamentar plangentemente o seu infortunio.

A final, já de madrugada, como Camillo não quizesse, apesar das maiores instancias, acceitar a hospitalidade que tão affectuosamente lhe offerecia o seu velho amigo Barbosa e Silva, o dr. Arriscado de Lacerda e eu acompanhamos o desditoso romancista á hospedaria do João da Carroça, que então existia no caes, e onde elle anteriormente deixara as suas malas.

Conseguimos que elle se deitasse e quando vimos que uma especie de somno lethargico, cortado ainda de estremecções e de apostrophes tocantes, descera sobre elle, sahimos do quarto, pé ante pé, com a intenção amigavel de o deixar em socego, voltando a visita-lo nas primelras horas do dia.

Assim succedeu; mas quando Luiz Barbosa, Arriscado de Lacerda e eu volvemos á hospedaria ás 8 horas da manhã, Camillo tinha sahido da pousada, e inopinadamente, sem dizer nada a pessoa alguma, regressara automaticamente, como um somnambulo, a S. Miguel de Seide!

Vianna — Dezembro de 1908.

Silva Campos».

Como se vê pelo final d'esta narrativa, Camillo, apesar da noite agitadissima que passou, logo aos primeiros alvares da madrugada volveu a Seide. E de lá, effectivamente, escreveu elle a Matheus Barbosa a carta que passo a transcrever, datada de 4 d'Agosto de 1878:

VI

MEU PRESADO AMIGO E EX.^{mo} SR.

Estou soffrendo as consequencias da calamitosa noute que passei na tão formosa e p.^a mim tão cruel Vianna. Tenho dormitado uns somnos sobresaltados que parece me

fatigam m.^s do q̃ restauram. A isto cresce a falta de ar, q̃ é um dos m.^{tos} tormentos que me vão martyrisando a ve-
hice. O peor é eu fazer tambem martyres os meus amigos.
O nosso pobre Luiz Barbosa estará pagando a sua dedica-
ção? Queira V. Ex.^a pedir-lhe a elle e aos sen.^{res} Arriscado
e Campos que, p.^a se applaudirem da sua abnegação, se
considerem modelos na misericordia com que me atura-
ram. A esta hora deve V. Ex.^a estar inquieto com as coisas
da patria; mas eu sei que lhe não são menos interessantes
as dos amigos. Ella e eu estamos irremediavelm.^{te} podres
e perdidos.

De V. Ex.^{cia}
velho e obrig.^{mo} amigo

C. de V. Ex.^{cia}
Seide 4 de
Agosto 78.

Camillo Castello Br.^{co}

Por fim, a *Aurora do Lima*, no seu n.^o 3394, corres-
pondente a segunda feira 5 d'Agosto de 1878, publicou o
seguinte:

«Esteve na sexta feira n'esta cidade o nosso presado
amigo o sr. Camillo Castello Branco, distinctissimo escri-
ptor que todos conhecem e cuja fama litteraria está de ha
muito cimentada pelos seus livros admiraveis.

S. Ex.^a dignou-se de visitar a redacção da nossa folha,
de que em tempo foi o collaborador mais subido, congra-
tulando-se por vê-la ainda no mesmo posto, que ha vinte
e tres annos conquistou.

O nosso amigo retirou na madrugada de sabbado para
a casa da sua residencia em S. Miguel de Seide, por se
achar bastante incommodado, mas prometteu voltar em
breve com mais demora, a fim de visitar tambem outros
pontos d'esta provincia.»

Tal foi a penultima visita que o malogrado escriptor
fez a Vianna do Castello, visita tragica, na verdade, pela



Matheus José Barbosa e Silva
(1821-1882)

violenta tempestade moral que a motivou e pelas afflictivas circumstancias em que foi effectuada.

*

* *

Em 1882, a 27 de Janeiro, falleceu em Vianna Matheus José Barbosa e Silva, de character simples e bondosissimo, alma santa e bemfazeja.¹⁹ A proposito d'este funesto acontecimento de familia, o primoroso romancista, em 28 do mez seguinte, escreveu a Luiz Barbosa a sentidissima carta a que já me referi ao tratar da problematica visita de Camillo a Vianna pela pascoa de 1856, e que, agora, na sua integra, aqui transcrevo:

VII

MEU PRESADO LUIZ.

Logo q̃ li a noticia da morte de Matheus Barbosa, o meu primeiro pensamento foi procurar fóra d'este mundo um destino p.^a as almas como a de teu irmão, por q̃ a m.^a pergunta feita ao eterno mysterio, e aos 55 annos de idade, e todos de amargura, era tardia — era apenas a necessidade de procurar o q̃ quer q̃ fosse alem d'esta tristissima existencia. O q̃ é atrozmente certo é q̃ teu irmão não vive. Aquelle sancto coração que atravessou immaculado todas as corrupçoens do seu tempo, confunde-se na mesma podridão dos cerebros dilacerados pelas más paixoens. Lá estão todos os teus irmãos que eu d'aqui estou vendo no domingo de Pascoa de 1856, á tua mêsa, cheios de vida e

¹⁹ Veja-se a nota 6 á Carta III da Parte primeira, nota que a Matheus Barbosa diz respeito.

contentam.¹⁰ Mais alguns dos nossos amigos d'aquelle dia estão mortos. Vivemos tres ou quatro, n'esta dolorosa decomposição de uma velhice extemporanea. Eu por mim vou indo de rastos para a minha eterna noite, e só então espero descansar. E tu, meu querido amigo, golpeado por tantas saudades, na solidão em q̃ ficas, se poderes viver, ha de ser á custa de dissolver nas lagrimas a peçonha da paixão que verga os mais fortes. Eu não venho consolar-te; venho chorar contigo a perda do nosso Matheus Barbosa. Nem tu debes amar tanto a vida que busques em consolaçoens banaes o amparo d'ella. Se olhamos em volta de nós, já não encontramos se não raros d'aquelles q̃ nos poderiam chorar — dos que tiveram parte nas breves alegrias da nossa mocid.^e Parece-me que os mais infelizes são os que ficam para o fim. Estes são os que se vão sentindo morrer nas vidas que se apagaram, umas na flor da id.^e outras quando era inevitavel succumbir á tortura da doença. Que importa que teus irmãos sahisses da vida um ou dois, dois ou vinte annos adiante de nós? Na nossa id.^e, Luiz, encara-se a morte sem assombro, e ao passo que vemos desaparecer os nossos contemporaneos, quase q̃ o desejo de acabar é a unica e providencial consolação q̃ nos resta. Deus fez isto assim.

Meu querido Luiz,
abraça-se á tua saudade o teu velho am.^o

Camillo Castello Branco.

Seide, 28/2/82.

Em Agosto do mesmo anno, transporta-se Camillo pela ultima vez á ridente cidade do Lima, em visita ao seu amigo Luiz Barbosa e Silva, que, na propria expressão do primo-



Luiz Barbosa e Silva
(1825-1892)

roso escriptor, era «um dos poucos homens a quem se podia deixar ir o coração com as suas lagrimas.»²⁰

D'esta vez, porem, Camillo apresentava um estado de espirito muito calmo e sosegado. Acompanhavam-n'o D. Anna Placido e o filho Jorge, este louco, de olhar brando e dolente como que de visionario.

Hospedaram-se no Hotel Central.

O acaso fez com que os trez ou quatro dias de demora em Vianna coincidissem com um tempo magnifico.

Camillo, na companhia de Luiz Barbosa, percorreu vagarosamente a parte ribeirinha da cidade; e confidenciando os seus soffrimentos ao amigo, fazendo-o como que participante do seu desventurado viver, talvez momentaneamente conseguisse mitigar o proprio infortunio.

E' de crer tambem, que ambos se comprazessem em evocar entre saudades os extinctos companheiros d'outros tempos, rememorando antigos casos, episodios e alegrias, que tanto mais avultariam quanto mais carinhosamente exhumados da densa bruma do passado.

Esta visita de Camillo decorreu, pois, tranquilla e bonançosa; foi uma passageira tregua na desgraça do inditoso romancista, o qual, a 11 de Agosto, ainda em Vianna, intenta passar-se a Vizella, como do seguinte bilhete escripto do hotel:

VIII

MEU CARO LUIZ BARBOSA.

Resolvi ir para Vizella a fim de ver se com os banhos combato as dores de espinha que me dilaceram durante a noite. Quero aproveitar o tempo antes que se interponha o

²⁰ Extracto de uma carta de Camillo a Luiz Barbosa, escripta de S. Miguel de Seide e datada de 25 de Dezembro de 1866. A respeito de Luiz Barbosa, veja-se tambem a nota 5 á Carta III da Parte primeira.

inverno. Tenciono sahir hoje, mas ainda não sei a hora. Peço-te o favor de fazer publicar na *nossa* velha "Aurora," as linhas inclusas.

Teu do coração
velho amigo

C. Castello Branco.

(Vianna, 11 de Agosto de 1882.)

Não partiu, comtudo, n'esse dia, como tencionava; e só no seguinte fez jornada, offerecendo á despedida a Luiz Barbosa o seu retrato com uma dedicatoria autographa, datada de 12 de Agosto. Tambem por essa occasião, a seu pedido, lhe foi entregue por Luiz Barbosa uma photographia do fallecido Matheus.

Chegado a Seide, resolveu Camillo ficar lá e não persistir na sua ida a Vizella, o que participa a Luiz Barbosa em sua carta de 13 d'Agosto:

IX

MEU QUERIDO LUIZ BARBOSA.

Ficamos em Seide. Eu sentia-me sem vigor para continuar a jornada, e até reciei que os banhos, debilitando-me mais, exacerbassêem as nevralgias que me tem enfraquecido as pernas. De mais a mais, o Jorge estava saudoso das suas *visoens*, nos logares que frequenta. Desde q̄ chegou, ri-se sempre. Triste riso! que faz chorar os outros.

.....
Pungiu-me a saudade de Matheus Barbosa. Cá está n'este rosto aberto como a sua sancta alma o sorriso da

bondade ingenua. Vou collocal-o ao lado do José, e, se eu tivesse um filho com intelligencia, pedir-lhe-ia que te collocasse a ti entre os dois, e a mim ao lado d'estes trez amigos, quando todos dormissemos o somno infinito. Com que immensa amargura te escrevo, Luiz!

Anna Placido envia-te uma recordação de profunda amisade. Ella foi m.^{to}, m.^{to} amiga do José, e diz que vira em ti as feições e a alma d'elle.

Beija-te com amor fraternal

13.8.82.

C. Castello Br.^{co}

Finalmente, como do desejo de Camillo expresso em sua carta de 11 d'Agosto atraz transcripta, a *Aurora do Lima*, no seu n.º 4002, correspondente a segunda feira 14 do referido mez, publicou o seguinte na sua *chronica do dia*:

"Do illustre escriptor e nosso presado amigo o Snr. Camillo Castello Branco, recebemos o seguinte:

"Camillo Castello Branco vem agradecer aos seus amigos de Vianna do Castello as benevolas e repetidas provas que recebeu da sua generosa estima.

Hotel Central, 11 d'Agosto de 1882.

C. Castello Branco..

*

* *

Camillo nunca mais voltou a Vianna do Castello. Continuou em Seide a vida attribulada, facil de conjecturar, sabendo-se que as circumstancias, que o haviam levado ao desespero da sua penultima visita, todas se foram naturalmente aggravando e exacerbando, de modo que só deixavam ao infortunado escriptor poucas esperanças de restabelecimento. A cegueira, cada vez mais temerosa, ameaçava

inutilisá-lo em breve para todo o trabalho litterario; e os dous filhos, ambos irremediavelmente perdidos: o Jorge pela incuravel loucura, o Nuno pelo seu desordenado proceder!

Em 23 de Julho de 1885, ainda Camillo escreve a Luiz Barbosa, dando noticias suas e agradecendo recentes felicitações. Esta carta, escripta de S.^{to} Thyrso, onde Camillo então estava «forçado pela doença e pelo medico que o tratava», eloquentemente traduz o seu profundo desalento e incomportavel desconforto. Transcreve-la-hei, pois, na sua integra:

X

MEU CARO L. BARBOSA.

Estou em S. Thyrso p.^a onde vim forçado pela doença e pelo medico q̃ me trata. Poucas esperanças tenho de restaurar-me dos estragos da pobresa de sangue; mas considerações com a fam.^a e o instincto imperioso da conservação, p.^a aqui me baldearam e aqui estarei em q.^{to} o medico me não entregar ao coveiro.

Pergunto sempre por ti ás pessoas q̃ nos conhecem, e felizmente recebo boas noticias. O coração deixa-o saltar.²¹ Não ha viscera mais enganadora. Qualq.^r molestia reflexa do estomago nos faz sentir palpitaçoens alarmantes. Porem, meu am.^o, pois que forçoso nos é morrer, pouco importa saber por onde nos hade cessar a vida.

Agradeço as tuas felicitações pela chimera que juntaram ao meu velho nome do teu velho am.^o

(S.^{to} Thyrso, 23 de Julho de 1885.)

C. Castello Br.^{co}

²¹ Luiz Barbosa soffria de uma adiantada lesão cardiaca, de que veio a fallecer em 4 de janeiro de 1892.

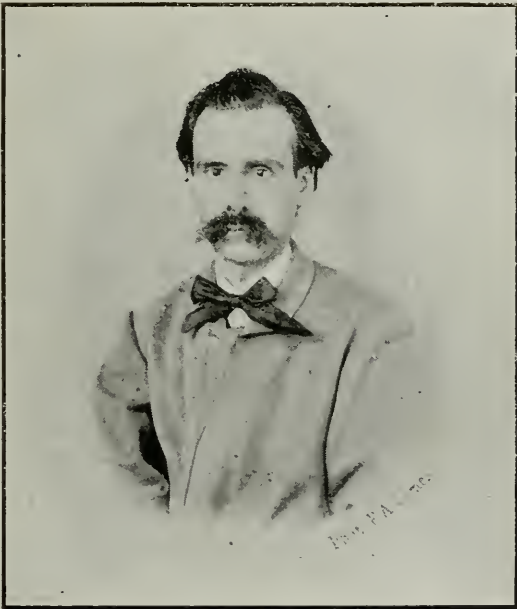
Quanto á *chimera* a que esta carta se refere, certamente visa o titulo de Visconde de Correia Botelho com que o glorioso escriptor fôra agraciado por decreto de 18 de Junho de 1885.

Ainda por mais 5 annos se prolongou o martyrio do inditoso Camillo. Por fim, perdidas todas as esperanças de recuperar a vista, pela tarde do domingo 1 de Junho de 1890, em S. Miguel de Seide, teve logar o terrivel accidente, que pôz um remate violento ao incomportavel viver do desgraçado romancista.

Correu rapida por todo o paiz a lugubre noticia. A consternação foi gèral e sincera; e, pela retumbancia do caso, desde logo se evidenciou a enormidade da perda.

Quando chegou a Vianna a nova do tragico successo, lagrimas de funda magoa borbulharam nos olhos de Luiz Barbosa; e essas — póde affirmar-se — não as teve mais sentidas nem mais piedosas o desventurado Camillo!

PARTE TERCEIRA



Camillo Castello Branco

PARTE TERCEIRA

ALGUMAS CARTAS DE CAMILLO A JOSÉ BARBOSA E SILVA,
VERSANDO DIVERSOS ASSUMPTOS INTERESSANTES
OU CURIOSOS

(1849 a 1862)

I

(Para a Formiga)

Ill.^{mo} Am.^o

Ô abraço, que se dignou transmittir-me, por via do nosso Carneiro, devo retribuir-lh'o, acompanhado destas quatro linhas fluentes e sem presumpção, se tantas são bastantes para affiançar a V. S.^a o m.^{to} apreço em que tenho os seus favores.

Vai esse jôven enamorado mendigar-lhe as suas distraçens: eu creio que lhe serão de grande proveito, e, por ventura, de instrucção, que elle parece desejar. Eu espero um dia livre para cumprir uma promessa. Os banhos de

mar, que a Medicina empyricam.^{te} me aconselha, estorvão-me o maior numero de outras occupaçoens: — verd.^e é, que das mais gratas ao coração, já tenho cedido a beneplacito de uma especie de sezão moral que me apouquenta.

Agradeço o emprestimo do livro. ¹

10 de Julho de 1849.

Desponha do
De V. S.^a am.^o verdad.^{ro}
Camillo Castello Branco

II

(Para Lisboa)

MEU VERDAD.^{ro} AM.^o

Eu tenho apenas um symptoma da tua existencia. São os teus escriptos. Recolheste das tuas viagens — deste-me parte — respondi com a effusão do contentam.^o — e depois — o silencio dos tumulos! Bem sei, Barbosa ... eu não tenho direito ás tuas considerações d'amigo ... Fui eu o que tolhi bem generosas vocaçoens que p.^r mim sentiste — Não posso ainda assim condemnar-me — E' o destino — a fatalidade — a desgraça ...

¹ Pelo tratamento ceremonioso d'esta carta, directamente enviada para a Formiga, vê-se que as relações entre Camilo e José Barbosa teriam começado pouco antes d'essa epoca, talvez nas ferias immediatamente anteriores. Á data da carta (10 de Julho de 1849) Camillo, que nascera em 16 de Março de 1825, contava pouco mais de 24 annos; e José Barbosa, nascido em 30 de Outubro de 1828, estava muito perto dos 21.

Na *Mulher Fatal*, refere effectivamente Camillo que «José Barbosa, em 1849, era alumno do collegio da Formiga, nos arrabaldes do Porto, onde estudava allemão.» Pag. 13 da 1.^a edição.

Eu admiro o teu ultimo folhetim — Não te perdão o mysterio do nome. Divulguei-o p.^r que havia interesse em conhecel-o. Tenho pena, porem, ã escrevas no N. onde actualmente rabiscam graves pulhas. Se quizessees escrever nos folhetins do *Jornal do P* — p.^r ventura o unico soffrivel *d'aquelle nome*, deverias enviar-me os manuscriptos. O teu passeio á *Italia* em ã ficou? Matou-te a preguiça as inspiraçoens?

Se me responderes, serei depois mais massador, queres ?

Teu do C. obrig.^{mo} Am.^o

Porto, 16 de M.^o de 1851.

Camillo C. Br.^{co}

III

(Para Lisboa)

MEU CARO B.

Remetto-te 8 exemplares das minhas Inspiraçoens, p.^a que tu destribas a fim de que algum teu amigo diga alguma cousa *bem ou mal*. Como estás amigo com os litteratos da *Semana* lembro-te estes.²

Dispõe do teu grato
am.^o

(Porto, 17 de Maio de 1851)

Camillo C. Branco.

² Sabendo-se que Camillo em 1850 fartamente collaborou na revista lisbonnense *A Semana*, sendo n'ella que começou a publicação do seu primeiro romance o *Anathema*, é até certo ponto estranhavel que elle, em 1851, indirectamente enviasse a sua producção aos redactores do referido semanario, em vez de elle proprio a offertar. Ponderadas, porém, as contrariedades que sobrevieram na sua estreia, salientando-se Silva Tulio, que em 1851 dirigia a *Semana*, pela forma aggressiva e violenta

IV

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA.

Parabens pela tua feliz chegada aos braços da tua fam.^a Deves trazer o coração a trasbordar d'inspiraçoens, e não prives o publico do m.^{to} que pódés communicar-lhe de tuas impressoens. Felicito-te pelo honroso encargo, que tens. É pena q̃ estejas ligado a estes inimigos de Portugal, mas pódés, sem incorrer nos defeitos britannicos, utilizar m.^{to} á tua patria, e desempenhar, como espero, as missoens q̃ te couberem.

Estudo Theologia—e no S. Lazaro tenciono tomar subdiacono. Aqui tens a m.^a vida em duas linhas. Fujo de recordar o passado, e pesso a D.^s coragem para me considerar um homem diverso, mas sempre teu obrig.^{mo} am.^o ³

(Porto, 13 de Novembro de 1851.)

C. C. Br.^{co}

com que em successivos artigos do 2.^o vol. da revista (pag.^s 311, 312, 340 e 350) flagellou o novel romancista, manifesta resulta a conveniencia que Camillo tinha de remetter os exemplares das suas *Inspirações* por intermedio de José Barbosa, que, no proprio dizer da carta acima transcripta, «estava amigo dos litteratos da Semana,» para assim ver se conseguia que qualquer d'estes dissesse da obra alguma coisa «bem ou mal.»

Sobre a publicação do *Anathema* na *Semana*, veja-se a nota que vai no fim do volume.

³ Regressára José Barbosa da visita que fez á exposição de Londres. Quanto a Camillo frequentar Theologia, como elle proprio refere, foi effectivamente de 1850 a 1852 que o grande escriptor cultivou os estudos religiosos no Seminario Episcopal do Porto. (Snr. Alberto Pimentel—Romance do Romancista — Pg. 200).

V

(Para Vianna)

MEU CARO B.

Avaliei os teus desgostos, quando li a tua ultima *revista*. Quando te forçaram a tanto, m.^{to} fel te vertêram no coração! Ha um dito popular, que é uma consoladora maxima para um escriptor — *antes mal de inveja ã mal de piedade*. Terras pequenas tem no seu pequeno espaço quanto ridiculo abrangem os muros de Pariz. Deus nos livre das *sociéd.^{es}* de soalheiro, que discutem na loja do mercador a vida do homem, como uma tribu d'arabes ociosos discutem o andam.^{to} da lua, ã elles la chamam fingari. Continua, menos colerico, por ã o desprezo é a melhor coroa do teu triumpho.

Eu cuidei ã o Ecco do Lima não era cousa tua. Se, contra os teus receios, o fizeres sahir do prelo, terei m.^{ta} honra em ser uma vez p.^r outra la admittido.

O prospecto, ã me mandas, vou dar-lhe a vida errante ã eu não posso ter com elle. Vivo m.^{to} retirado: caza e aula e convento—não tenho outra vida. J.^é Augusto ⁴ vive perto do Porto n'uma aldeia, e não posso comprehender-lhe o gosto. Misterios d'amor, e amores infelizes... Está no *paraiso* (é o nome da aldeia) mas penso ã lhe será *inferno*. *Quod Deus avertat...*

L. Cabral está em Lisboa, no ultimo degrau da posição social. Basta.

⁴ José Augusto Pinto de Magalhães. A seu respeito, veja-se a nota 9 á Carta XI d'esta Parte terceira.

O ultimo periodo da tua c. é o coração aberto d'um ver-
dad.º amigo.

Lembra-te algumas vezes do teu

(Porto, 22 d'abril de 1852.)

Camillo C. Branco

VI

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA.

Mando agora m.^{mo} ao Basto algumas linhas para serem
publicadas a respeito da falsa attribuição ã te fazem.

Eu vivo triste e só. O espirito enjojou-se com o m.^{to} pasto
que lhe dei *da m.^{ma}* impressão, e já não digere os *indigestos*
carinhos da E. F. Estou, p.^r tanto, viuvo, e preciso de segun-
das ou vigesimas (que sei eu!...) nupcias, aliás bestialiso-me.

Vaes para os bosques, fauno! Quem te viu formigar nos
saloens de Pariz, e no *boudoir* secreto das marquezas *filo-
sofas*, e te vir agora, Sa de Miranda de frak e luneta, nas
encostas da floresta!... Ei de eu ver-te d'uma maneira já que
não pude ver-te da outra.

Não sei quando te abraçarei; mas espero que seja breve.
Logo que tenha uma porção de manuscriptos ã me garan-
tam descanso d'um mez, vou gosar esse mez contigo.

Procurarei no Catholico a tua poesia p.^{ra} fazêl-a trans-
crever; mas não 'te esqueças de mandar os teus bellos es-
criptos: não precisam ser religiosos; basta ã sejam moraes—;
nem eu concebo ã possas escrever n'outro estylo. Recom-
menda-me aos teus, e aos nossos amigos.

Ad.^s

Sou teu grato e sincero am.^o

Porto, 3 de Maio de 1853.

Camillo C. Branco.

VII

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA

Quando comprehendí que o sacrificio dos meus interesses politicos ao partido legitimista nada lhe aproveitavam, ao passo q̃ me faziam a mim o mais grave dos prejuizos, resolvi, sem deshonra, ser empregado. O Barão do Bolhão lembrava-me diariam.^{te} a conveniencia de acceitar um emprêgo: reستي, em quanto a m.^a timorata consciencia resistiu; mas, quando me vi restringido ao suor do meu rosto, resolvi ser empregado. Coincidiu com a m.^a resolução a vacatura de command.^{te} de Guardas d'alfandega, n'esta cid.^e; — logar que rende 700\$ rs. livres, e m.^{to} independentes. Não obstante a concorrência de pretendentes, o teu am.^o Thomaz Norton, instigado pelo Barão e m.^{tos} amigos do Barão do B., alcançou-me do ministerio a preferencia. Espero a nomeação, trazida pelo Northon. Entendo que deves felicitar-me p.^r este arranjo, p.^r que — bem o sabes — as m.^{as} circumstancias não eram boas, nem as q̃ tinha, duradouras. ⁵

.....

Ad.^s, meu Barbosa. Se podes, sê ainda o anjo bom do teu.

(Porto, 22 de Agosto de 1853)

Camillo C. Br.co

⁵ Camillo commandante dos guardas da alfandega! É provavel que José Barbosa, d'esta vez, não felicitasse o amigo. De resto, era tal o desejo que Camillo nutria de se assegurar dos indispensaveis recursos, que, á primeira vista, todas as soluções lhe pareciam optimas: — uma illusão analoga á do naufrago extenuado, que com ancia se agarra á palha boiante, sendo esta, evidentemente, incapaz de o suster.

VIII

(Para Vianna)

MEU CARO B.

.....

Tenho estado todas as noutes com o Thomaz Northon. O Rodrigo quer-me elevar mais que as m.^{as} aspiraçoens. Penso, segundo o Northon, que vou ser chamado a Lisboa, p.^a escrever debaixo das inspiraçoens do Rodrigo. Já principiei a escrever *para lá* a resposta aos *éditos*. Por conselho do Northon, renunciei as pertençaens ao logar d'Alfandega. Veremos o que vou ser; — entre tanto creio que mudou a m.^a posição social. Ainda estou em tempo de ressarcir o m.^{to} tempo que perdi. Esta carta é confidencial — m.^{to} confidencial — p.^r que os meus art.^{os} em Lx.^a não quero que appareçam já debaixo do meu nome — e p.^r tanto guardo o segredo, menos p.^a ti, p.^{ra} o Northon, e p.^{ra} o Rodrigo.

Ad.^s, meu caro B. ⁶Tem-me como teu grato am.^o

(Porto, 30 de Agosto de 1853)

C. C. Br.^{co}

⁶ Deprehende-se que Rodrigo da Fonseca, avaliando m.^{to} bem o disparatado da pretensão, se propoz aproveitar o ensejo, para fazer ingressar no seu partido um tão brilhante escriptor. Era a pratica do tal dilemma "que faz os apostatas ou os volantins politicos," a que, Camillo, 4 annos depois, quando se viu obrigado a escrever politica no *Nacional*, se referia com desalento. (Veja-se a carta XLIV da Parte primeira). — Tambem, por sua vez, se illuiu Rodrigo: Camillo era um insubmisso, muito cioso da sua indepuencia, e, por indole, inteiramente avesso ao systematico facciosismo dos partidos; assim, «o esforço que elle fazia para torcer a alma no potro da politica era indisivel», como elle proprio confessava na carta supra-mencionada.

IX

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA

Escrevi um livro, que os amigos, não aduladores, me disseram que devia definir a minha reputação. Auxilia-me tu, com os teus am.os a publical-o, e permite-me que elle te seja offereido. É um poema, intitulado — Solidão. — Escrevi-o em dous mezes de divorcio completo com o mundo. Amo-o. E' a m.^a alma: devia offerecer-t'ó como a unica alfaia litteraria, que eu verdadeiram.^{te} aprecio. ⁷ Remetto-te quatro prospectos; não queria, e não sei m.^{mo} se não devia remetter-t'os: mas é forçoso que o imperio das circumstancias algeme a vontade. Recommenda-me aos teus, e faz-me justiça inteira.

(Porto, 29 de Julho de 1854.)

Teu *Camillo*.

X

(Para Vianna)

MEU CARO B.

Acceito os teus parabens, por que sinto pela m.^a e tua obra uma inoffensiva vaidade. Ao sahir do mundo da poesia para a realidade da economia politica, dolorosa methamorphose p.^r que estou passando, quiz deixar um pequeno padrão, na minha estrada, que diga «Aqui passou um poeta.»

⁷ Parece que Camillo se refere á publicação do *Um livro*; sendo assim, depreheende-se que elle premeditava intitulá-lo «Solidão».

A obra está já na imprensa, e dentro de mez e meio espero que a recebas. Terá 200 paginas.

E' verdade que venceste a occiosidade, meu caro B.? Escreveste para não esconder o talento na terra, como o avarento do Evangelho? Manda-me com presteza o teu escripto, q̃ estou ancioso pelo ver. ⁸ Como se explica o teu quasi silencio de 3 annos, depois q̃ o teu espirito se enriqueceu de impressões estranhas á vida positiva de Portugal?! Escreve, Barbosa, faz honra á tua intelligencia,
Recados aos amigos.

(Porto, 6 de Agosto de 1854)

Teu do coração

Camillo Castello Br.^{co}

XI

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA

Estou entregue da importancia dos exemplares. Se leste a obra, dá-me a tua opinião.

Que te parece a morte de José Augusto? Dentro d'um anno, rapta a mulher, casa, vê-a morrer de consumpção moral, e morre mez e meio depois! O infeliz deixou atraz de si uma opinião publica bem desvantajosa!... Querem ver o dedo providencial n'aquelle fim. Sei tudo — acompanhei

⁸ Supponho referir-se ao *Viver para soffrer*, romance de José Barbosa, que, effectivamente, sahiu a lume em 1855.

aquellas agonias até ao ultimo arranco, mas acho que a pedra que vae cobrir aquelles dous cadaveres é sagrada. Aquelle conto que principia "Alda," é essa mulher.— A ti o revello — e terás comprehendido metade do drama. As m.^{as} rellaçoens com J. A. expiraram dous mezes antes de morrer a Fanny Owen — anjo d'um dia, que chorou, e morreu. ⁹

Vai aqui fundar-se um jornal (espiculação de uma comp.^a em ã figura o Basto do *Nacional*) intitulado *Ecco do Occidente*. E' uma exploração ao Brazil; é um jornal todo feito para la, e de ã os empregarios esperam colher m.^{tas} vantagens, e eu creio que m.^{tas} hão de ter. Sei que o teu romance está destinado a sahir no *Nacional*, e no *Ecco do Occidente*. Sou um dos convidados a redigir, e faz-se-me

⁹ José Augusto Pinto de Magalhães e Fanny Owen. A respeito d'estas figuras Camillianas, podem consultar-se : o Snr. Alberto Pimentel no *Romance do Romancista*, pag. 166; o Snr. Antonio Cabral no *Camillo de perfil*, cap. V; *Fanny Owen e Camillo*, pelo Snr. Visconde de Villa Moura, Porto, 1917; e o proprio Camillo, no *Bom Jesus do Monte*, Porto, 1864.

Fanny Owen falleceu no Porto em 3 d'Agosto de 1854; e José Augusto, em Lisboa, logo a 24 do mez seguinte.

Pelo que concerne ao trecho do *Um livro* e que Camillo n'esta sua carta se refere, é elle, indubitavelmente, o XIII capitolo (pags. 117 e seguintes da 1.^a edição, Porto, 1854) que começa:

"Alda, eu, quando ouvi gemer o bronze,
Alem, pelas quebradas da montanha,
Perguntei se morreras."

A confidencia de Camillo, portanto, equivale a um precioso comentario, muito essencial para a boa comprehensão d'esse fragmento indeciso e vago, como, de resto, todos os outros poemas que entram na composição do *Um livro*.

uma proposta, que não acceito sem te ouvir. Querem dar-me 600\$ p.^r anno, com a condição de eu viajar em Espanha, e escrever de lá impressoens para o jornal. Não acceito sem ã tu me digas que estás disposto a sahir de Vianna no anno proximo, e viajar comigo. Nem vou só, nem com outra pessoa. Quem sabe se tu sentirás desejos de o fazer? Quem sabe m.^{mo} se as tuas tençoens eram essas? Tinha-mos um bello futuro, meu Barbosa. Viajar com economia, e com proveito intelectual, deve ser bello para q.^m se sente aquí morrer de asfixia! Dás-me esperanças de ir? Se não vais abrevia a tua resposta p.^r que deffinitivam.^{te} ficarei. Acredita ã eu sosinho cansava-me ao terceiro dia, e vinha como a mariposa voitar em redor d'esta luz da *candeia patria* ã me ha de queimar.

Ad.^s, meu bom am.^o

(Porto, 19 de Outubro de 1854.)

Teu do coração

Camillo C. Br.^{co}

XII

(Para Vianna)

MEU BARBOSA

Não me dás m.^{to} agradavel noticia da tua premeditada viagem por França; é o m.^{mo} ã dizeres-me ã não vou a Espanha, por que p.^a França ha exigencias ã um litterato *portuguez* não satisfaz. Paciencia. Continuarei a viajar na minha Thebaida... sabes o ã é a m.^a Thebaida? E' uma quinta em que vivo, dentro do Porto, mas como se exis-

tisse a 50 leguas do povoado. ⁴⁰ Ha um mez q̃ não conheço os progressos civilisadores d'esta terra, e espero passar um inverno de isolam.^{to} e trabalho. O teu romance, bem longe de ser embaraçoso p.^a a *Nacional* é esperado pelo Basto com prazer. Se te não tem respondido, é por que o Basto é um homem *sui generis*. Manda-m'õ, p.^r que tenho mais direitos a vêl-o que os outros, ~ não consinto q̃ sejam tão teus amigos, nem tão sinceros juises do teu talento.

A m.^a primeira obra, agora, são os *Mysterios de Lix.*^a — Está o primeiro volume brochado. Não pedi assignaturas, e se me aconselhares q̃ mande ahi pôr á venda alguns exemplares, remettel-os-hei a alg.^m q̃ me indicares. A obra está completa em manuscripto, com mais alguns dias de energia escrevinhadora. As outras annunciadas apparecerão breve. Este anno não escrevo Almanak. Se o quizeres publicar, eu dou-te p.^a elle um romance de algumas paginas.

Hoje escrevi a teu mano, e queixava-me do teu silencio. Retiro as expressoens.

(Porto, 9 de Novembro de 1854)

Teu do c.

Camillo C. B.

Recados aos rapazes... quando os tornarei a vêr?

¹⁰ Era a quinta chamada *do Pinheiro*, situada na rua do mesmo nome, proximo ao cimo das escadas que d'essa rua descem para o largo da Picaria.

XIII

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA.

Recebo a tua carta, e respondo ja no que é possível responder-te. As reflexoens, q̃ me fazes, a respeito da tua publicação, são desnecessarias. Eu não podia, sem pezar, consentir que a tua obra levasse uma linha que eu não accettasse, se m'a attribuissem.

Visto que vens, e queres uma hospedaria, lembro-me q̃ estarias optimam.^{te} na casa em que eu estou com o Abilio Rego, bacharel, de Caminha. É uma especie de *hotel garni*. Dás 480 rs. e tens um bom quarto p.^a dormir, um alimento frugal, a m.^a salla p.^a as tuas visitas, uma quinta para passear, e um profundo silencio em redor, e isto no *centro da cidade*.¹¹ Seria uma leviand.^e queres outra aposentadoria. Se accettas, responde depressa. Deves dizer-me terminantemente.^{te} o dia em que vens, p.^r que quero ir buscar-te n'uma sege onde ella possa chegar. Não me faltes a esta informação. Amanhan procura o Affonso; preciso primeiro saber onde mora o inglez.

Dá recados aos teus manos, e vem abraçar o teu am.^o

(Porto, 15 de Novembro de 1854.)

Camillo.

¹¹ A mesma quinta *do Pinheiro* a que Camillo já se referiu na carta immediatamente anterior. Portanto, mais uma moradia de Camillo no Porto (fins de 1854, principios de 1855) a juntar ás que já se acham apontadas na nota 37 á carta XLVII da Parte primeira.

XIV

(Para Vianna)

MEU CARO JOSÉ B.

Respondo tarde á tua carta por ã a m.^{to} seria aggressão d'um typho em spectativa me não tem deixado erguer a cabeça febril do travesseiro. A valentia medica do Dr. Ferr.^a debelou-o, e, se não vier uma rechida fatal, teremos p.^r m.^s algum tempo em effectivo serviço na miseravel milicia do mundo o teu am.^o C.

Mande, não obstante, dizer ao Braga ã me deixasse alguns exemplares que eu farei entregar em algumas redações.

Logo ã saia pedirei pela 4.^a vez ao L. Ribeiro ã me dê o teu album. O do N. Lima foi-lhe immediatam.^{te} entregue.

Dizem-me agora de Lx.^a ã estou despachado I addido p.^a o Brazil. ¹² Penso ã regeitarei, visto a m.^a arriscada saude. Veremos. Não posso mais. — Recommenda-me a teus manos m.^{to} do coração.

Teu sempre inalteravel am.^o

(Porto, 31 de Julho de 1855)

Camillo C. Br.co

¹² Camillo foi effectivamente nomeado addido honorario á legação portugueza na côrte do Rio de Janeiro, por decreto de 8 d'Agosto de 1855.

XV

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA.

Agradeço os teus cuidados, e os de teus manos. Não estou ainda restabelecido; mas, se não se der alguma fatal reincidencia da molestia, brevemente estarei no caso de levantar ancora deste porto empestado. A colera e os typhos lavram: por em q.^{to} as victimas são quintadas na classe faminta; mais tarde o açoute da providencia chegará ás gravatas brancas.

Manda-me o Ferr.^{ra} tomar banhos. Penso que vou tomal-os a Vianna. Se fôr, será breve. La fallaremos do meu despacho, que talvez chegue ámanhan ¹³. A m.^a duvida é ir. Soube que o Fernando Jacome vai fundar no Rio com o Henrique Correia um jornal litterario. Vê no que pararam os grandiosos projectos! Não dou nada pelos sonhados cem contos! Pela vereda tortuosa da litteratura, não encontra, de certo, o mediocre talento de F. J. o suspirado Potosi. Carece de fecundidade e de estylo. Ali é preciso um calor de imaginação superior ao do clima. O pobre moço não deu na Europa provas do que podia ser na America. A verd.^e é que o F. Novaes (que acaba de casar-se *misera-velm.^{te}*) e o Lousada foram convidados p.^a escreverem n'esse premeditado jornal. São pagos a 720 rs. por columna! É assim *q̃ se enriquece*.

¹³ A respeito do alludido despacho, veja-se a nota 12 á Carta immediatamente anterior; e tambem a outra nota 14, á Carta XVII d'esta Parte terceira.

Se me não tolherem as boas esperanças de convivermos alguns dias, serei o portador do teu album. Quando não, mandar-t'ó hei.

M.^{tos} abraços e recados em teus manos — e saud.^{es} ao Albuquerque.

Teu affectuoso am.^o

Porto, 6 de Agosto de 1855.

Camillo Cast.^o Br.^{co}

XVI

(Para Vianna).

MEU CARO BARBOSA.

Diz-me alguma cousa agradável de teu mano Luiz. O teu silencio tem-me dado suspeitas de ã os cuidados em tua casa se multiplicariam. Tira-me da duvida, que não é uma simples garatuja de formalid.^e banal. Eu estou, ha 9 dias, luctando inutilm.^{te} com uma teimosa desintheria. É um incommodo tão prozaico como inconveniente na presente quadra.

A molestia vae perdendo de moda; ainda assim, á maneira dos despotas nos ultimos dias do seu reinado, ceifa impetuosam.^{te} algumas cabeças. Está dando cuidados a Thomasia Cout.^o, cujo filho morreu.

Recados a teus manos, e aos amigos todos do teu dedicado

Porto, 2
de 7tb.^{ro} de 1855.

Camillo Castello Br.^{co}

XVII

(Para Vianna).

MEU CARO JOSÉ BARBOSA

Não tenho escripto esperando fazel-o com a remessa do Album. Já não tem conta as vezes q̃ o tenho pedido ao pedantesco Luiz Ribeiro. Hontem disse-me que era infallivel a remessa ámanhan. Em todo o caso, não está perdido.

Agradecendo os teus cuidados pela m.^a saude, ja vês q̃ não ha motivo tal para elles. A colera recrudescce, depois de amansar as furias alguns dias. Isto não fica aqui.

Veio-me ja o diploma de addido *honorario* p.^a o Brazil — com a promessa de effectivid.^e na primeira vacatura. Não me serve de nada o aviso, por que não vou: ha, porem, junto com o aviso alguma cousa mais *dyplomatica*, e menos *honoraria*: Dinheiro em perspectiva, a titulo de ajuda de custo. O que a politica é capaz de faser! ¹⁴

¹⁴ Como se refere em nota 12, á Carta XIV d'esta Parte terceira, por decreto de 8 d'Agosto de 1855, foi Camillo nomeado addido honorario á legação portugueza na Côrte do Rio de Janeiro. Constava, porem, do referido decreto que essa nomeação era *sem direito a vencimento algum ou accesso na carreira diplomatica*. Dada esta restricção, ao Sr. Alberto Pimentel no seu *Romance do Romancista*, pg. 227, afigura-se-lhe inexplicavel o decreto e alvitra que "o desejo de ir levar ao Brazil as produções do seu talento, um sonho de nababo litterario talvez", fosse o verdadeiro mobil de Camillo n'esta sua pretensão. A carta acima transcripta muito claramente exclue tal hypothese. E, de feito, quanto ás expressões do decreto, *sem direito a vencimento algum ou accesso na carreira diplomatica*, é curial não as tomar muito á letra; o proprio Camillo confessa que, junto ao aviso que recebera, "havia alguma cousa mais diplomatica e menos honoraria: Dinheiro em perspectiva, a titulo de ajuda de custo."

Tu não vens aqui no inverno? Julga-se q̃ sim, e eu, com q.^{to} o não garanta a ning.^m, creio, ca *no imo da conscienciosa crytica*, que virás.

Corre que o pai de Luiz de Lemos passou ao reino das sombras eternas. O Lemos escreveu de Almeida á mulher do Ferreira-medico participando-lhe q̃ o progenitor estava em ultimas contas com a existencia. Depois, por almocreves veio a confirmação da morte. Se assim é, temos brevem.^{te} no Porto um leão atropellando as ovelhas. Deus guarde as nossas familias!

Estou escrevendo um romance: *Como se é feliz*. Gosto do pensam.^{to} e da execução: os outros dirão o contrario. Vai naturalm.^{te} para o jornal do Fernando Jacome, que faz *excursões atraz das notas do banco*—palavras d'elle incomprehensíveis. Augusto Ferr.^a caza brevemente. É um anjo este rapaz; creio m.^{to} nas virtudes d'ella; mas não o vale. Toda a mulher está habilitada para tazer demonios, e nenhuma para manter puro o perfume da atmospherá em q̃ respira o anjo-de-calças.

Os festejos ao rei foram a borracheira mais palpitante de ridiculo de q̃ ha noticia nos festejos de Freixo de Espada á Cinta! Orou o Visconde da Trindade! *Proh pudor!* Houve fogo preso como na Maia á festa de S.^{to} Antonio, e na p.^{te}

Na conjuntura, portanto, inclino-me a crer que Camillo não tomaria posse do cargo, por não se resolver a sahir do Porto. Emfim, mais um caso da doentia impersistencia que o illustre escriptor punha em todos os seus propositos.

Pelo que concerne ao antagonismo que subsiste entre as clausulas restrictivas do decreto e a positiva realidade dos proventos, tem pleno cabimento a ironica exclamação de Camillo: "O que a politica é capaz de fazer!,"

gagoza do festejo nunca vi nada mais facundo para um folhetim em estylo de Novaes — ou padre Rabeção.

E nada mais, que valha a pena.

D. Eufrazia manda-te inclusivam.^{te} abraços — *Horribile dictu!* É sempre uma boa patrôa, pacientissima, e seductora no seu genero.

Recados e abraços a teus irmãos. Não esqueças um beijo ao Albuquerque.

(Porto, 19 de Setembro de 1855.)

Camillo C. Bran.º

XVIII

(Para Vianna.)

MEU CARO BARBOSA

Não me falles em bestialidade. Este frio, este dominó escuro que a natureza vestiu para jogar o entrudo com as creaturas (e com agua! pessimo gosto!) faz de mim um poeta da força de Donnas Botho, e um prosador, inveja de zoilos, e paredes-meias com o Holbeche Leal de Gusmão. Estou improductivo como as lesirias do Alem-tejo.

Queres q̃ te diga a verd.^{de} Não recebo parabens pelo dyplooma. Não sei de q̃ serve isto! Ainda assim, pintam-me que fôra e é m.^{to} difficil alcançar destas còusas! *Lerias*, em q.^{to} a mim... ⁴⁵

⁴⁵ Estas considerações de Camillo ainda a proposito do seu despacho para addido á legação portugueza na Côrte do Rio de Janeiro, não invalidam, antes parece confirmarem a explicação exarada na nota 14, á carta immediatamente anterior.

Fallas do F. Jacome, e eu entendo q̃ o melhor é mandar-te uma carta q̃ recebi. Lê, e diz o q̃ te parece essa offerta. Nota q̃ o jornal é semanal. Parece-me q̃ faria conta, visto q̃ me deixa livre o mais do tempo p.^a outras cousas.

O teu album está onde estava: em poder do L. R. Este energumeno está na Foz, escrevendo semsaborias, das quaes, a esta hora, é victima, na ausencia do dono, o teu album. Aqui diz-se q̃ vens ao Porto; eu tenho posto em duvida essa vinda. Se fallarmos, como supponho, dir-te-hei alguma cousa importante a respeito d'uma dama da Corte de Luiz XIV que amou a memoria d'um celebre pintor. O Evaristo anda por ahi. Os rapazes do Porto enojam. Esteve aqui hontem o Miguel da C.^a e o Costa — fallamos de ti. D. Eufrazia ralha e dorme, e faz regularm.^{te} a digestão. O A. Ferr.^a ama descabelladam.^{te}, e sonha com a bemaventurança. Eu, ai! *ehou! fugaces posthuma!*... sou um paria, um ilota, um parvo no meio d'este mundo!

M.^{tos} recados aos teus irmãos

do teu

Cordeal am.^o

Porto, 19 de
8.^{bro} de 1855.

Camillo C. B.

XIX

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA

Foi m.^{to} grave o prognostico da m.^a doença de olhos; mas hoje está averiguado que é effeito de venereo inveterado. Soffro ha 4 mezes uma diplopia (vista dupla). E' horrivel para q.^m não tem outra distracção alem da leitura. Tarde será o meu restabelecim.^{to}; mas, valham-me as espe-

ranças de não cegar, p.^r q̃ isto importava um inevitavel suicidio. ¹⁶ Agradeço os recados de teus manos, e acceitai todos os cordeaes sentim.^{tos} do teu

Porto, 28 de
Abril de 56

Camillo.

XX

(Para Vianna)

MEU QUERIDO BARBOSA

Não podia ser melhor o dia para em poucas horas nos recolher-mos ás nossas camas sem porcevejos. Era meio dia quando estavamos no Porto, e tu, naturalm.^{te} em Vianna, a grande aprazimento do nosso Luiz que para o fim já revelava bem o desagrado com que recebia as desventuras de uma viagem n'este *montanhoso* paiz. Aposto q̃ ninguem mais o tira de casa, e das margens do seu delicioso Lima! A maior parte do tempo, Evaristo e eu fallamos de vós. Imagina que maledicencia, e que satyra! Tomamos em V.^a Nova um pessimo chá, e fugimos como Eneas fugiu *crudeles terras et litus avorum*.

Quando eu dormia (dormi 8 horas não interrompidas desde q̃ cheguei a casa) disseram-me que viera um gallego, de mando do récoveiro, procurar o cão. O cão não apparecia. E' fatalidade! Eram 10 horas, e não tinha ainda vindo. São hoje 9' da manhã, e não apparece. Deve de estar preso;

¹⁶ 34 annos depois (1 de Junho de 1890, pelas trez horas e um quarto da tarde) em S. Miguel de Seide, morta a ultima esperanza, veio a consummar-se esta lugubre predicção!

mas, se o não levarem p.^a fora, não tardará que venha pela terceira vez procurar-me. Manda no proximo sabbado saber se está; e, se não vier, o ã não receio, m.^{to} me custará; mas apacientemo-nos ambos.

Vou breve p.^a a Foz: talvez 4.^a feira. Dizem-me que apparecem casos de colera, que os jornaes occultam p.^a não atterrar. Se assim é, mais depressa me retiro p.^a ahi.

Estou m.^{to} alquebrado. Logo ã o espirito se robusteça, vou começar o meu *trabalho* dos folhetins. P.^a isto quer-se facundia de gracejos, e sal ás pilhas. Estou insosso e salobro como aquelle espirito que *fizemos*, em mangas de camisa, na encosta do S.^r do Monte. ¹⁷ Sabes ã me veio de la uma suavissima saudade agora! Tomara-mo-nos nós na *mãe d'agua!* Não querias? Digo-te em verd.^{de} ã tenho m.^{ta} vontade de que ali passemos alguns dias. Fallaremos. Da-me um estremecido abraço no Luiz, e m.^{tos} recados a teus manos. A D. Eufrazia recommenda-se.

Teu de todo o coração
e p.^r toda a vida

Porto, 29 de
Junho. 56

C. C. Branco.

¹⁷ Esta carta foi evidentemente escripta no regresso d'aquelle passeio ao Bom Jesus do Monte tão humoristicamente descripto nas *Duas horas de leitura*. D'essa digressão conservou sempre Camillo gratissima lembrança. Ainda, em carta de 4 de Maio de 1877, escripta de Seide a Luiz Barbosa, diz o illustre romancista: «Luiz, vae morrendo tudo que nos viu rapazes. Quando releio aquelle *passeio* a Braga, com infinita saudade, espanto-me de te ver vivo, e de me ver a mim n'esta demorada agonia.»

XXI

(Para Vianna)

AM.º BARBOSA.

Se esta fôr a tempo de recommendares ao João das Neves que te trate bem o cãõ, não te esqueças de fallar-lhe, p.^r q̃ elle parte no sabbado.

Recados aos rapazes todos do

teu C.

Ha aqui um calor de esticar o resto da medula! D. Eufrazia transpira como uma esponja, e eu estou redusido a um osso enorme! Como estás? e teu cunhado? Morreu a a mulher do Nogueira Soares, tysica. Ha m.^{tas} mulheres obscuras nesta situação. D. Izabel está doente, mas não seriam.^{te} M.^a filha ¹⁸ começa a fazer versos! Irra! que annuncio! Boas noutes.

(Porto, 3 d'Agosto de 1856)

XXII

(Para Lisboa)

MEU CARO BARBOSA

Estamos pagos. O teu silencio em Lisboa deve ser censurado com o meu «salvé!» do Porto.

Como estás tu? Que novos amores te atassalham o co-

¹⁸ D. Bernardina Amelia Castello Branco. A seu respeito, veja-se a nota 13 á Carta V da Parte primeira. Esta filha de Camillo, á data da carta acima transcripta (3 d'Agosto de 1856) era educada no convento

ração? Em que seios tencionas derramar a amphora do Hymetho que te trasborda das visceras peitoraes?

Não te embriagues n'essa Papua das organisaçoens bem aventuradas p.^a os prazeres frivolos. Lembra-te de Perre ¹⁹ onde ha ceu azul, moitas de madre-silva, taboleiros de relva, fontes argentinas, murmurios de floresta, e cantares da calhandra. Compara estes enfeites d'uma natureza abençoada com os miasmas putridos da colonia fenicia, grega, ou que deabo foi e é; não te exponhas sem causa m.^{to} urgente ao mais ligeiro incommodo; deixa-te succumbir com heroica cobardia ao medo, e vem para o norte onde a particula aeria é nutriente e forte, e as bochechas das mulheres são atouxadas de fibra sadia e luxuriosa.

Soube do G. Infante que a tua viagem foi propicia. Que impressão faz Lisboa no am.^o Velloso? Recommenda-lhe toda a cautella com a *subida desses outeiros*, em que outros Vellosoz encontraram ínvias fragosidades, riscos pavorosos, e rasão sobeja para descer com pressa. ²⁰

de S. Bento da Ave Maria do Porto, e tinha muito pouco mais de 8 annos de idade.

¹⁹ A mesma quinta, em S. Miguel de Perre, a 5 kil. de Vianna, a que Camillo já alludiu na Carta II da Parte segunda. (Veja-se a nota 9 á referida carta). — Tambem propendo a crer que Camillo lá passasse algum ou alguns dias, quando da sua estada em Vianna pela pascoa de 1853.

²⁰ Presumo que o gracejo de Camillo se referiria a Antonio Augusto Cerqueira Velloso, intimo do romancista e primo muito amigo de José Barbosa. Estava então Velloso no vigor da idade (21 annos) e era essa a sua primeira visita á Capital, sendo de crer que a intentasse com o exuberante entusiasmo d'uma mocidade alegre e expansiva. Antonio Augusto Velloso era irmão mais velho do Dr. Rodrigo Velloso, o illustrado bibliophilo fallecido em 1913; e pai do Sr. José Maria de Queiroz Velloso, actual Director e ornamento da Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa.

Não te esqueças das minhas duas cadeiras.

Estou trabalhando com vontade e é pena que as bossas intellectuaes não correspondam a tão excellente disposição.

O barão do Corvo deu um baile á M.^a Loureiro. Não fui. Dizem-me que esteve optimo com 50 senhoras, que jogavam todas.

Recados da D. Eufrasia. Recommenda-me ao Velloso.

(Porto, 10 de Março de 1853).

Teu *Camillo*.

XXIII

(Para Lisboa)

MEU CARO BARBOSA

A tua requisição do collete veio desatar um no gordio, do qual e para o qual eu tinha sido um Alexandre tão desasado quanto vais ver da exposição d'um joguinho em que tu perdeste, como o boticario do Tolentiuo.

Foi o caso. Entre o meu fato apparecia um colete preto que revellava uma barriga como a que eu tenho sonhado nas minhas ambiciosas aspiraçoens de presidente de camara em S. Thyrso onde espero comprar quatro courelas q̄ me deem censo e senso.

Perguntei dez vezes á D. Eufrazia e á estúpida filha que deabo de colete era aquelle. Responderam-me que tal qual viera n'um dos meus bahus de Lisboa. Teimei que não era meu; redarguiram-me que eu talvez por engano o enfaixasse com a m.^a roupa. O engano parecia-me parvoinho; porem, como á sahida do Hotel Central o meu bahu foi arranjado

por uma creada, suppoz que algum hospade pagou a inadvertencia da creada.

N'estas conjecturas, tomei posse do colete, e mandei-o enfaixar com outra rôpa condemnada a uma venda ingloria e obscura em caza de onzeneiro adello. Tristissima sorte foi a do teu collete, meu caro Barbosa. Chora-o, como eu o chorei, quando o adello me mandou ha pouco dizer que um passageiro incognito lh'o comprára. Sabes agora a esperanza ã me resta? é engordar sufficientemente para servir de molde ao alfaiate, e mandar-te fazer um collete que desbanque o outro na finura do lemiste, e na *recherche* da abotoadura. Entretanto fulmina com toda a tua iracundia a estupidez da filha da D. Eufrazia, á qual a mãe ja transmitiu quatro solemnes bofetadas por causa do colete. Se me não levas a mal, escreverei um necrologio ao tão ignobilm.^{te} perdido colete, depois de lhe teres fadado tão alto distincto, como o de apparecer no Chiado, e rossar as colchas adamascadas d'alguma condessa *de porcelana*, ou de *biscuit* ã é mais delicado.

.....

Escrevi-te depois da tua pergunta no tocante ás cadeiras, e admiro escreveres-me no dia 17 sem ter recebido a minha carta. Na m.^{ma} data escrevi ao Alm.^{da}; naturalm.^{te} perderam-se as cartas. Cadeira manda-me so uma, e essa ã seja boa.

A *Aurora*, como terás visto, economisa bastante o romance. De maneira, que nunca será demorado o romance p.^r m.^a causa.

Pouco tenho escripto. A m.^a vida corre tanto ou q.^{to} dissipada

Vejo que estás contente, e a mim assusta-me esse contentam^{to}. Queira Deus que não estejas inviscado em alguma

esparrella amorosa quando te for preciso levantar vôo para melhores ares.

Estou firme no proposito de te acompanhar para Perre. Para la reservo duas ideas que hão de dar dois livros, talvez soffríveis, por que tenho tempo largo para pensal-os.

É longa a estopada? Tem paciencia, e desconta-a pelos prazeres peccaminosos em que estás atascado n'esse lago de immundicie, que eu abomino de todo o meu coração.

Dá um abraço no bom Almeida, e diz-lhe ã venha reanimar um bello corpo morto; mas ã não supponha que esse corpo aliás bello é o do

(Porto, 21 de Março de 1858.)

teu *Camillo*.

XXIV

(Para Lisboa)

MEU BARBOSA

Está a partir o correio e so poderei dizer-te duas palavras, sobre um importantissimo negocio.

Será exequível o meu pensamento de ir ás Camaras? Conviria ao governo a minha candidatura? Pensa n'isto um bocadinho, e manda-me á tabua se a idea fôr uma asneira.²¹

(Porto, 26 de Março de 1858.)

Teu *Camillo*.

²¹ Pode absolutamente affirmar-se que Camillo, ao escrever a carta acima transcripta, não era suggestionado por qualquer ambição de predominio politico; o que de continuo e muito fundamente o preocupava era a extrema penuria de meios a que se via condemnado pelo exclusivo cultivo das letras.

XXV

(Para Lisboa)

MEU BARBOSA

Escrevi-te hontem uma 2.^a carta que é uma asneira no fim de tudo. Cuidava eu que pagando 6\$ rs. de decima estava recenceado como elegivel; mas o senso são 24\$ rs. Tolice e inadvertencia p.^r conseq.^{te} Volta as tuas diligencias para o lado da bibliotheca, se vires que ellas são proveitosas. Teu do C.

27 de Março de 1858.

Camillo Cast.^o Br.^{co}

XXVI

(Para Lisboa)

MEU BARBOSA

Não falles ao José Passos no meu negocio, p.^r que sei que é elle o maior obstaculo q̃ eu tenho para ser despachado. Velhacamente se me offereceu, para entrar nas minhas intençoens, e vingar-se d'uns quatro art.^{os} em q̃ o empallei no *Nacional*. Não rosses por essa besta, á qual eu espero fazer no Porto uma recepção condigna.

O Ant.^o Felisberto não tem cessado de escrever ao Avila, e portanto a tua solicitação é sempre oportuna.

Agradeço-te a promessa do logar de Vianna. Fallarei na creação da bibliotheca, seg.^{do} as tuas indicaçoens, e mandar-

te-hei trez n.^{os} do jornal onde falar, q̃ talvez seja o *Nacional*, p.^r ser o m.^s *insuspeito*.²²

Estou cheio de dores ostiocopas. Tomo iodureto com pequenas vantagens, e escrevo um romance. De Vianna disseram-me os rapazes q̃ a demora da *Carlota A.* é causada pela falta de papel. Queria eu ia publicar este romance q̃ estou escrevendo, mas o outro pouco mais tem de um terço publicado, creio eu. Irá p.^a o Cout.^o, por que o meu cofre está marasmado com as sangrias mal applicadas q̃ lhe dei. Vou entrar n'um banho para ver se acalmo as dores, q̃ me fazem gritar, e blasfemar.

Teu do coração

Porto, 2 d'abril
de 1858

Camillo.

XXVII

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA

Muito estimei a boa nova que me dás da prespectiva eleitoral. Pelo que ella a tí respeita, ainda mais a preso. Eu não faço encarecimentos ao teu merito, dizendo que a carreira politica é a tua vocação. Quando digo vocação não olho o fito onde levam a mira os politicos. Refiro-me á prohib.^o com que farás valiosa a tua intelligencia ao bem do teu districto, q̃ tu estimas com tanto amor como lucidez. Verás como as tuas modestas apprehensoens se desvanecem.

²² A proposito d'esta combinação, veja-se a nota 14 á Carta III da Parte segunda.

Dou como certo o bom exito da tua candidatura, e estou capaz de me anticipar ja d'aqui a felicitar-te, não pelo brilho da posição, mas pela confiança e accordo dos constituintes.

Eu passo melhor dos meus incommodos, e vou trabalhando. N'um dos proximos correios te mando a *Carlota*, e estimo bem que a publicação se faça com regular presteza.

Recommendei-te ao Almd.^a e Adolpho, p.^a que me recommentes aos teus manos e m.^s amigos.

Teu do C.

(Porto, 18 d'Abril de 1858)

Camillo

XXVIII

(Para Vianna)

MEU BARBOSA

Pois estiveste assim doente, meu amigo? Deus queira que te não venha a molestar mais gravemente alguma inquietação provinda da politica. Logo que esta meretriz desenvolta avassala os animos, imagino os m.^{tos} dissabores que ella hade fazer ao amante com as suas infidelidades.

Ainda bem q̃ estás restabelecido para arcares com a lucta decisiva do domingo. Dizem, á ultima hora, q̃ o governo ganha aqui as eleiçoens, por que o commercio não levou por diante o plano de incorporar-se na urna, e eleger gente sua. Formigavam os ambiciosos, formavam-se ranchos, e era ja impossivel o accordo.

.....
Disse-me J. Passos q̃ é certo o vencim.^{to} d'aqui até Coimbra. O governo, ou o J.^e L. Pinto tem andado pessimam.^{te} em

nomeações de adm.^{es} de con.^o *ad hoc*. Veja-se o ant.^o red.^{or} do *Timbre* e o *Alvaro Ramos*, q̃ ainda ha pouco sahiu coberto de feias nodoas d'um tribunal. Agora vejo q̃ habilitações se ha mister nesta terra para ser-se empregado sem incommodar os ministros.

É este o melhor dos mundos; e eu sou um dos teus mais verdad.^{tos} e agradecidos amigos.

(Porto, 29 d'Abril de 1858.)

Camillo.

P. S. O Almeida felicita-te pelas tuas melhoras. Dá recados a teus manos, e aos rapazes.

XXIX

(Para Vianna)

MEU BARBOSA

Muito te agradeço a tua disvellada participação. Não foi novid.^e para mim, p.^r que desde as onze horas da manha do dia de hontem se sabia ou presumia que foras eleito, e com grande satisfação os rapazes fallavam na tua candidatura. Do coração te dou os parabens da tua popularid.^e e, não do teu encargo. Este é mais p.^a sentimentos, por q̃ m.^{tas} vezes te hade pesar; os constituintes hão de apoquentar-te, e os amigos tambem.

Resolves ir ja para Lisboa, ou passas o estio e o outono em Perre? Se ficares, conta comigo por ahi algum tempo.

Sabes o que eu m.^{to} queria? era ir no verão para ca não

tornar. Seg.^{do} me disseste, com o triumpho do governo é possível alcançar-se a bibliotheca, e o augmento do jornal. Decerto a minha vida mudará de face se me encartares nas duas coisas. ²³

Eu estou doente, posto que fora da cama. Padecimentos physicos vieram ingravescer uma phase de profunda melancolia com que me sinto succumbido. Nunca a idea do suicidio me visitou tão galharda e seductora. Isto vem assim a acabar, e *bom é acabar*, como dizia o Affonso de Albuquerque q.^{do} as injustiças humanas o poseram á beira da sepultura.

Vou agora tentar escrever alguma cousa da *Carlota*. Mal m'ó permittirá a cabeça; mas farei que o esforço e a necessidade vençam.

A Henriqueta Azuil ²⁴ entrou hontem no convento. O Almeida Campos ²⁵ diz q̃ vai depois de manhan p.^a Ingla-

²³ Como já se referiu em nota 14 á Carta III da Parte segunda, a idea a que José Barbosa e Camillo na conjunctura se atinham, parece ter sido a da criação de uma bibliotheca regional em Vianna do Castello; devendo Camillo ser nomeado seu bibliothecario, e accumular depois esse cargo official com os proventos de redactor da *Aurora do Lima*: as taes *duas coisas* a que allude a carta acima.

²⁴ Alguma interessante heroína d'esses tempos românticos. Camillo tambem a ella se refere em outra carta, chamando-lhe Henriqueta Azuil (Mendonça). É de notar que o sobrenome Azuil (talvez transformação de Aziul, por involuntária deslocação do ponto sobre o i, muito facil de commetter na rapidez da escripta) é o anagramma de *Luiza*. Henriqueta Azuil (ou Aziul?) antes de entrar no convento, se é que n'elle chegou a entrar, fôra amante de alguns famosos leões portuenses da epcoa; e, em certa occasião, á entrada do theatro, havia sido apunhalada n'uma espada, pelo cunhado, *ciumento e doudo de profissão*, consoante o relato de Camillo.

²⁵ Sobre Almeida Campos, veja-se a nota 13 á Carta III da Parte segunda.

terra. Recommenda-se-te o Evaristo, e D. Izabel felicita-te cordealm.^{te} pela tua eleição.

Recados aos nossos am.^{os} e um abraço de expansão e amor do teu

(Porto, 4 de Maio de 1838).

Camillo.

XXX

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA

Parece-me que eu te disse que aceitara o difficil commettimento de traduzir o *Genio do Christianismo* de Chateaubriand. Fiz uma loucura, por que tal obra me empata o tempo sobejo para escrever seis volumes originaes. Entendi que devia fazer uma traducção m.^{to} portugueza, purgada até do sabor da frase franceza, não digo somente do gallicismo grosseiro. Tenho trabalhado com tanto zelo como nunca empreguei em escriptos originaes. Mais de vinte vezes (tu decerto o crês) tenho desanimado, e dado de mão á tarefa: depois olho com pena p.^a o trabalho feito, e refaço-me de brio e animo para recommear. O que mais me desfalece é a idea do preço que justei, ou que me marcaram: 200\$ rs. Trabalho de seis mezes, o minimo, p.^r tal preço é impossivel. Hontem fiz sentir ao Coutinho a pequenez da paga e a grandeza do trabalho; respondeu-me q̃ não podia dar mais p.^r que em estampas e typographia gastava 1.200\$ rs. Sahi de todo descorçoado, e incapaz de escrever mais uma linha. Agora, olhando com magua para alguns cadernos de papel escriptos com inglorio esmero, e

para a introdução da m.^a lavra que tanto me custou, lembrou-me consultar-te.

Se a *Aurora do Lima* augmentasse de formato, parece-te que uma obra de tamanho porte, e credits tão solidos, prenderia a attenção do assignante?

Não sei se já lestes o *G. do Christianismo*. O titulo não convida, por que faz presumir que o livro será alguma arida estopada de theologia, mas, em verd.^{de}, não é. Pode-se m.^s chamar um curso de litteratura profana, á mistura com as bellas da eschola christan, em todas as suas ramificações.

Não temos versão alguma que mereça ser lida. Ha uma de Lisboa, cujos cinco primeiros livros (50 paginas) traduziu o Castilho Antonio; o resto é uma vergonha de ã eu tenciono aproveitar-me para folhetins facetos. É de crer que uma traducção cuidadosa e fiel fosse bem acolhida, e, não o creio, mas diz o livreiro que o meu nome, como traductor e algumas vezes annotador, lhe daria credito. ²⁶

Se tu me disseres que a *Aurora* me compraria os volumes de quatro centas paginas esta traducção, dedico-me a ella com ardor. Se não, deixo-a, p.^r ã não posso dar-me a um trabalho de tanta demora, ã me obriga a consummir o estipendio antes de o finalizar.

A publicar-se la, depois da *Carlota Angela*, conviria arranjar typo mais pequeno, por ã o do folhetim actual enche muito, e o *Genio do Christianismo* não devia exceder a tres volumes de 400 paginas cada um.

²⁶ A traducção do *Genio do Christianismo* a que n'esta carta se allude, sahiu a lume em 1860. Não obstante, Camillo tão somente traduziu os capitulos preliminares.

O preço racional, em harmonia com as posses das em-
prezas litterarias, deve ser de 100\$ rs. o volume.

Com a tua resposta, decidirei o progresso ou suspensão
d'esta obra.

Pensa e responde ao teu do c.

(Porto, 12 de Maio de 1858)

Camillo.

XXXI

(Para Vianna)

MEU PRESADO BARBOSA

Dar-te-hei mais minuciosas explicaçoens ácerca da mi-
nha catastrophe equestre. Eram dez horas da noute. O ceu
estava no seu logar. A lua balouçava-se, segundo o seu
costume, na corda bamba, que os poetas lhe imaginam
Eu entrava triumphalm.^{te} na rua das Hortas, onde o cora-
ção desde m.^{to} me presagiava catastrophe. O cavallo, ao
entrar n'aquella nesga de Africa, resfolegou o aroma da
verguinha e da estopa. Levantou as patas, deu galoens tre-
mendos, e atirou-se ao chão, quando perdeu as esperanças
de me atirar a mim. Quando me ergui tinha a cara partida
em tres partes. Montei, vim soldar os fragmentos da cara,
e estava bom, só um pouco mais feio ã d'antes, quando ás
dez horas da noite recebi a tua pergunta de bom amigo.
Esse dia tinha-o eu passado em casa de ***. Se não che-
gasse tão *alquebrado*, iria á estação do telegrapho respon-
der; mas, meu caro Barbosa, eu sentia o coração pesado, e
as pernas fracturadas. Precizava regenerar-me pelo somno
de doze horas.

Ora aqui tens. Vai um meio folhetim da C. A. Amanhan irá mais. Agradecim.^{tos} aos am.^{os} e saudades a teu mano do

(Porto, 27 de Julho de 1853),

teu *Camillo*.

XXXII

(Para Lisboa)

MEU BARBOSA

Os trez nomes que vão na lista são o meu,²⁷ Alfredo Allen, e Antonio Ferreira Girão. Nenhum é qualificado em 1.º logar. O primeiro apresenta certidoens de linguas, o segundo cartas de bacharel em philosophia. Eu não apresento nada, por que so poderia apresentar as minhas obras. O *joven pensador*²⁸ reparará na nudez com ã o meu nome

²⁷ Propõe-se Camillo candidato ao logar, então vago, de 2.º bibliothecario da Bibliotheca Publica do Porto, solução logica e satisfatoria, tanto para o primoroso romancista como para o mencionado estabelecimento. Para Camillo, porque, sem se ausentar do grande centro ao qual estava preso pelo habito e pelas relações, conseguia os indispensaveis recursos, exercendo a sua actividade mental de perfeita concordancia com as naturaes disposições a que o seu espirito sempre fôra inclinado: — a imperiosa paixão dos livros; a paciente tarefa de os manusear, de os ler, de os catalogar, de os commentar e de os anotar. Para a Bibliotheca do Porto, porque recebia ao seu serviço o eminente cultor das letras patrias e um dos mais abalisados bibliophilos.

Vê-se tambem que n'esta sua pretensão teve Camillo a valiosa e decidida protecção de A. Herculano, o que mais se accentua pelas duas cartas (a XXXIII e a XXXIV) que em seguida vão transcriptas.

²⁸ Na giria politica d'aquelle tempo, o *joven pensador*, era o ministro Antonio José de Avila, que, annos depois, veio a ser chefe dos moderados e duque d'Avila e de Bolama. Oliveira Martins, no seu *Portugal Contemporaneo* (segunda edição—Lisboa, 1883—Tomo II—pag. 339) como que paraphraseando a conceituosa alcunha, escreve: «Apesar de moço, Avila sempre fôra velho no pensar».

se infileira ao pé dos bachareis?! Parece-me que não. E' possível que tu, com a decidida protecção de Herculano consigas ensinar ao rei a natureza do logar que peço. Prende q.^{to} poderes o ministro, e faz que não medeie m.^{to} tempo entre a chegada da proposta e a nomeação. As coisas podem levar um tombo; e, na tua ausencia, nada espero. Cada vez sinto mais a precisão deste logar. A imaginação elanguescce-me, e d'aquí a pouco so poderei produzir trabalhos de maduro pensar q̃ o publico decerto me não compra. Depois, vejo ao pé de mim esta creança, e começa a inquietar-me o futuro d'ella. A tua alma é uma segura balança p.^a pesares estas horas de profundo desgosto com que se me antolha o futuro. Possue-te bem da m.^a situação para advogares como irmão esta causa que ainda considero em risco.

Começa a entrar-me o fastio de *tudo*. Se isto não é uma crise, devida a outras moraes, o coração despe as galas imprestadas, e torna á velha nudez.

.....

.....

Logo q̃ venhas para a provincia, havemos de viver juntos dois mezes. Tenho esta idea como uma esperança carinhosa.
 Responde quando possas ao teu

(Porto) 21 de Nov.^{bro}
 de 1858.

Camillo.

XXXIII

(Para Lisboa)

MEU CARO BARBOSA

Hontem appresentei em Camara o meu requerim.^{to} São 13 os pretendentes; mas parece fora de duvida q̃ o meu

nome vai na proposta, ou o lugar é abolido, ou defferida a proposta p.^a m.^{to} tarde, até affastar a protegida pretenção de um tal José Peri negociante fallido côm pessima nota, como saberás. Na classificação não ha ordem. O plano é inscrever trez nomes, sem que algum tenha a primazia. Isto pode ser-me conveniente até certo ponto. O Alex.^{dre} Herculano prometteu-me ahi todo o favor q̃ poder prestar-me, não por si, mas pelos seus amigos, amigos do Loulé. E' na tua protecção que eu mais me abono e confio. O que tu não conseguires, será impossivel aos outros cujo interesse em meu favor não passará de uma mediocre homenagem prestada ao meu nome. "Eu não tenho fé no Avila. Se elle quizesse collocar-me, já o tinha feito. Creio que o J.^é Passos me hostilizará, p.^r que protege um analphabeto doudo q̃ concorre tamb.^m

Sabes q.^{to} isto me convem, e que eu p.^a mais nada sirvo. ²⁹ Vê se podes prender o comprommisso do ministro, e não debes prolongar a resolução, p.^r q̃, se o ministro cae, ou tu te ausentas, o meu nome só de per si nada impõe a essa gente, para q.^m o saber escrever é um defeito abominavel.

.....
Adeus, meu Barbosa, escreve ao teu

(Porto) 10 de Dez.^{bro}
1858.

Camillo.

²⁹ «Eu para nada mais sirvo»; phrase que duplamente impressiona, pela simplicidade e pela modestia. O proprio Camillo corrobora assim o que já fica exposto na nota 27 á carta immediatamente anterior.

XXXIV

(Para Lisboa)

MEU CARO BARBOSA

Li as linhas do *Commercio*, transcriptas na Aurora. Hoje me escreve o A. Herculano dizendo-me que são d'elle. Valem mais q̃ o despacho.³⁰

³⁰ A *Aurora do Lima*, no seu n.º 451, sahido em quarta-feira 22 de Dezembro de 1853, havia inserido na segunda pagina:

"Do *Jornal do Commercio* de Lisboa transcrevemos o seguinte artigo, que tracta do provimento do logar de bibliothecario do Porto.

"São tão sensatas e tão verdadeiras as considerações do nosso respeitavel collega, que não hesitamos um instante em dar-lhes o mais pleno assentimento, fazendo iguaes votos para que a camara municipal do Porto e o governo não commettam a flagrante injustiça de propôr e nomear para aquelle importante cargo outro individuo que não seja o distincto e fecundo litterato o sr. Camillo Castello-Branco, que se não fôra um dos concurrentes ao logar, deveria ser convidado a occupal-o; tendo nós por incontestavel que muita honra proviria de semelhante resolução para quem n'ella tomasse a iniciativa.

"Não crêmos que o municipio do Porto sacrifique o seu bom nome, sacrificando n'este assumpto o de Camillo Castello-Branco, que é uma das suas maiores glorias litterarias.

"A Bibliotheca do Porto "

"Por morte do bibliothecario Gandra, a camara municipal do Porto tem por lei o encargo de propôr ao governo o individuo que deve ser provido n'aquelle logar.

"A lei é má. Conferir a uma camara a designação de um individuo proprio para funções litterarias é o mesmo que encarregar um conselho de administração regimental da escolha de um bispo, ou a faculdade de theologia da escolha de um commandante em chefe. Na camara municipi-

Falla-se em supressão do logar, por que receiam que eu seja o nomeado, e elles não podem deixar de propor-me. Diz o Herculano q̃ faria com q̃ o governo *se esquecesse* de nomear até vir nova camara. De q̃ serve isso? Eu não espero da que hade vir mais do que d'esta. A demora da proposta já é uma torpe velhacada.

.....

Tem alegria e paz.

(Porto, 26 de Dezembro de 1858).

Teu *Camillo*.

pal do Porto é possível que haja homens abalisados em letras; que o sejam todos os vereadores; mas a indole do serviço que lhes incumbem, nem o exige nem o presuppõe. O ridiculo a que a lei expõe um corpo que deve ser respeitado, é grande. A camara deve, no interesse da instituição e no dos individuos que a compõem, procurar, por todas as prevenções que a prudencia lhe suggerir, evitar o que é peor que um erro, o ser um objecto de escarneo. Consta-nos que entre os concorrentes se apresenta o Sr. Camillo Castello Branco. Se no Porto ha um vislumbre de respeito ao talento, nem a camara pôde deixar de o apresentar ao governo como candidato, nem o governo de o revestir das funcções que sollicita. A imprensa não é uma coisa absolutamente insignificante n'este paiz, e a imprensa não podia abster-se de protestar contra o escandalo da exclusão. O Sr. Camillo Castello Branco é um dos escriptores mais fecundos do paiz, e, indisputavelmente, o primeiro romancista portuguez. Em toda a parte ha numerosas instituições creadas com o unico intuito de dar uma situação aos homens de letras; só em Portugal, onde é quasi impossivel subsistir exclusivamente do trabalho litterario, não as ha, ou são rarissimas. Os cargos superiores das bibliothecas são dos poucos a que se pôde attribuir esse character. Privar d'elles os escriptores, não é um roubo á face da lei, mas é um roubo perante uma coisa que moralmente a val, a consciencia publica. A rejeição do sr. Camillo Castello Branco seria um verdadeiro abuso, uma prevaricação municipal.

“Nós entendemos que o governo não pôde privar a camara do Porto do direito que a lei lhe dá. Mas o governo tem tambem o seu direito. O de examinar se a camara, nos actos que pratica, offende as regras mais triviaes da justiça e da boa administração. A camara pode ennodar-se

XXXV

(Para Lisboa)

MEU CARO BARBOSA

Está o corr.º a sahir, e apenas posso dizer-te que faças com que o ministro mande propor a Camara, por que ella não propõe sem ordem do Governo. Suppoem-se que o 1.º biblioth. já participou ao Governo o falecim.º do 2.º

Teu do c

(Porto, 27 de Dezembro de 1858.)

Camillo C. B.º

XXXVI

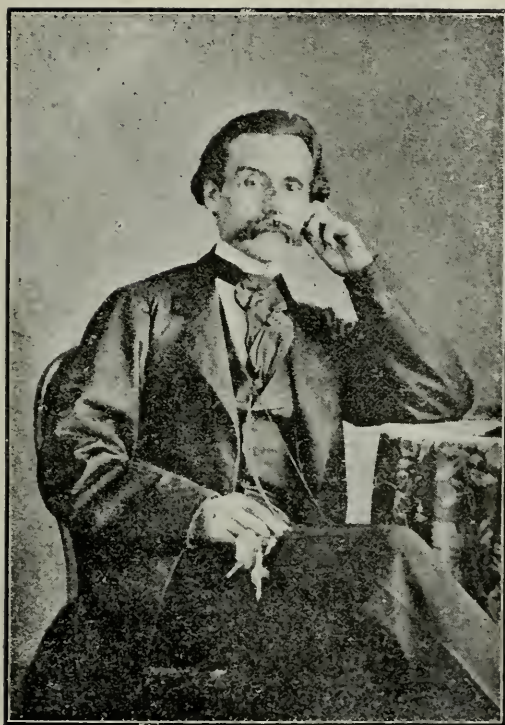
(Para Lisboa)

MEU CARO BARBOSA

Lança do teu cuid.º o meu negocio. A camara reuniu hoje, e decidiu não me propor. Todos haviam promettido.

propondo alguma obscuridade com preferencia a um dos homens mais notaveis do paiz, mas não póde, sem praticar um acto indigno, occultar ao governo a pretensão do sr. Camillo Castello Branco. Ao ministro pertence então avaliar os titulos ineditos do candidato destinado a offuscar o nome do sr. Castello Branco. Depois d'essa avaliação incumbe-lhe despertar paternalmente no espirito da camara o sentimento do proprio dever. Recommendamos ao governo a vigilancia n'este negocio, por honra sua, da segunda cidade do reino, e d'este paiz, que conforme o que geralmente se crê, pertence ao gremio das nações civilisadas.„

Pela carta acima, prova-se que o artigo transcripto, a despeito de não se achar assignado, era da auctorisada penna de Alexandre Herculano, o grave historiador e austero homem de letras, *cujas linhas valiam mais*



Camillo Castello Branco
(1860)

e excepto um negaram-me todos o seu voto. Por causa d'esse *um*, foi addiada a votação; mas, ainda assim, é escusado esperar bom exito desta delonga.³¹ Hoje só poderia valer-me uma lei que tirasse ás camaras o alvitre da proposta. Isto é inexequivel, talvez; mas, se ella se propozesse, havia de ter grande apoio.

Teu do c.

(Porto) 24 de Janeiro de 1859.

Camillo C. B.^{co}

XXXVII

(Para Vianna)

MEU AM,^o

Eu ainda estou prêso, meu caro Barbosa, e os presos não dão passeios recreativos até á gentil Vianna. Tenho sahido, mas a maxima distancia é a Foz. Ja vês que te enganaram. E como prova do engano, te bastaria não te ter eu procurado. O companheiro que me deram, (Ant.^o da C) não o conheço. Como as caras bonitas são vulgares, cuidaram q̃ era eu.

que o despacho, consoante a espontanea confissão do agradecido romanista.

³¹ Não resta duvida que os vereadores portuenses hostilizaram ferozmente a pretensão de Camillo, excluindo-o de um cargo tanto da sua competencia. Depois de todos haverem promettido, todos, excepto um, lhe negaram o seu voto! E, apesar d'este insolito procedimento, da carta acima não transpira o despeito da vaidade ferida (movimento natural, que, até certo ponto, seria desculpavel no prestigioso escriptor) mas tão somente n'ella se entremostra um amargo desalento pela flagrante injustiça com que o tinham aggravado.

Ha dias, a pedido do V. de Castro, mandei-te uns livros para *exposição industrial* no Escriptorio da *Aurora*, (q̃ não recebo ha dois annos)

A D. Anna vive e estuda.

Está marcado o 3 de Outubro p.^a o julgam.^{to} ³² Creio que serei condemnado e ella absolvida. Acho acertado o paracer do jury, se assim fôr. O q̃ eu queria era tiral-a d'este supplicio. Eu depois soffro um terço dos desgostos.

.....

Vi o manifesto do Ant.^o Per.^a Desejava ver o q̃ respondeu áquillo a *Aurora*. Padeço m^{to} do estomago, do peito e dos olhos. Apenas tenho saude no pancreas.

Eden
7 de 7tem.bro 61

Teu do c.

C. C. Br.^{co}

XXXVIII

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA

Auxilia essa publicação. A D. Anna quer crear uma independencia dos meus pobres recursos. E' tentativa inutil n'esta terra; mas eu deixo-a nutrir a illusão, e hei de fazel-a persuadir que o jornal lhe dá os meios. Tracto apenas de

³² Camillo só foi julgado e absolvido no 1.^o districto criminal do Porto, conjunctamente com D. Anna Augusta Plácido, no dia 17 de Outubro de 1861. Consequentemente, o *Eden* que o romancista menciona ao datar esta sua carta, designa elle, por antíphrasis, a cadeia da Relação.

grangear assignaturas que orcem pelas despesas. Se as conseguir, a pobre senhora viverá n'um engano que lhe deve tirar do coração grande parte do pezo do seu infortunio.

Faz o que poderes.

27 de 9.^{bro} de 1861.

Teu do c.

Camillo.

XXXIX

(Para Vianna)

MEU AM.^o

Esqueceu-te o meu pedido dos taes n.^{os} da *Aurora*?
Vê se m'os remettes.

A D. Anna está no mesmo estado doentio, e eu, como sabes, sempre valetudinario. No meado do corrente mez, recolho-me á casa da saude, á Estrella.

Faz por ter saude e alegria.

(Lisboa) 2 de Junho de 1862.

Teu do c.

Camillo.

XL

(Para Vianna)

R.^{bi} a tua carta, meu Barbosa. E já tinha recebido os n.^{os} da *Aurora*. Continuo a padecer, e vou p.^a a casa da saude depois do dia 15.

A D. Anna passa gradativam.^{te}, e não tem esperanças de sahir pelos meios ordinarios — quero dizer com o consentim.^{to} dos barbaros. O Campos escreveu ao A. R. Ferr.^a; mas não ha ainda resposta.

Ja ves q̃ tudo isto é triste, mas corrente e natural na m.^a vida.

Recados d'ella; e meus aos teus manos e rapazes.

(Lisboa, 14 de Junho de 1862)

Do coração

C. C. Br.^{co}

XLI

(Para Vianna)

MEU CARO BARBOSA

Eu estou ha doze dias no hospital. Isto é ordinario, e pouco tempo poderei demorar-me. Não tenho conhecido melhora, nem tão pouco me fazem tractam.^{to} Estão na spectativa. A D. Anna obteve licença p.^a usar as caldas do arsenal ou do Lino, e começa a tomal-as em banhos na proxima semana.

Parece incrível que vacilles em ajuizar da opinião publica a resp.^{to} da honrosa nomeação! Eu creio que so ao talento e desinteresse se dão estas missoens; mas raro é o talento que se não impõe para encargos em que as honras estejam ao par dos lucros.

Olha q̃ tenho os olhos regorgitados d'estas poucas linhas q̃ te escrevi.

Recommendame a teus irmãos. Eu não sei como te hei de dar uma idea do meu desalento, e desejo de morrer.

(Lisboa, 28 de Junho de 1862,)

Teu sempre do c.

C. C. Branco.



Camillo em 1870

XLII

(Para Vianna)

MEU AMIGO

R.^{bi} a tua carta. Queria poder chamar-lhe consoladora, mas a minha afflicção repelle todos os alivios que lhe são dados em nome da razão. Deus te dê em venturas o q̃ desejas p.^a o meu bem estar.

A D. Anna começa a sentir os bens da misericordia divina. Está mais tranquilla, e, passados dias, estará contente. Absolutamente desgraçado sou eu só. Sobre mim demora-se mais o castigo.

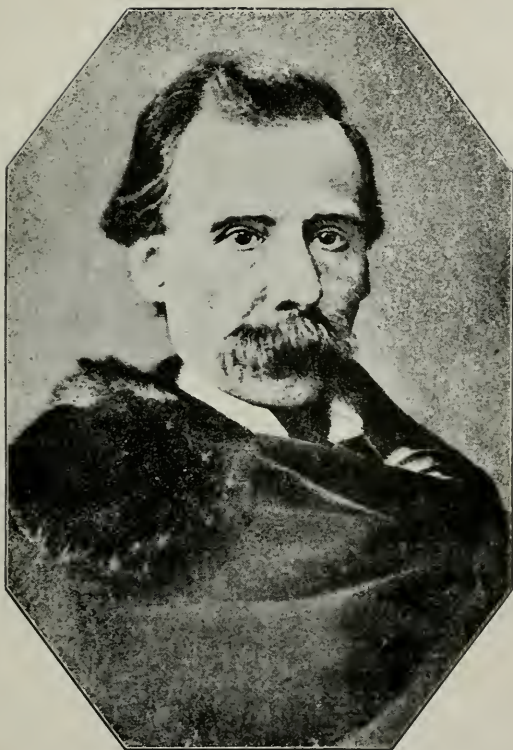
Sahi hontem pela primeira vez, e vi a Ant.^a Pareceu-me acabada.

O Ferr.^a tem-me (falo do medico) em uso de leites e musgo islandico de manhan e de tarde. Logo que me sinta com forças, vou não sei p.^a onde. Adeus — lembra-te de mim, e lembra-me a teus irmãos.

(Porto, 5 de Julho de 1862)

Teu *Camillo*.

FIM



Camillo Castello Branco
(1870)

NOTA FINAL

CAMILLO PUBLICA EM 1850 O SEU PRIMEIRO ROMANCE O "ANATHEMA", NA REVISTA LISBONNENSE "A SEMANA", ATÉ QUASI AO FIM DO XV CAPITULO. — TIRAGEM DO ROMANCE EM SEPARATA PELO EDITOR DO SEMANARIO. — FICA ESSA SEPARATA INTERROMPIDA NA 13.^a FOLHA, A PAG.^s 208. — DESCRIÇÃO BIBLIOGRAPHICA DAS 13 FOLHAS SAHIDAS.

Como se refere em nota 2 á Carta III da Parte terceira, Camillo começou a publicação do seu primeiro romance o *Anathema* na revista lisbonnense a *Semana*; e este facto, tão simples de per si, prende-se não obstante com uma obscura particularidade da bibliographia Camilliana, que nos propomos esclarecer, por possuirmos a rarissima especie a que o pormenor diz respeito.

Eis o caso:

A publicação do *Anathema* principiou de feito no n.º 18 da *Semana*, correspondente ao mez de Maio de 1850, proseguindo depois regularmente nos n.ºs subsequentes até quasi ao fecho do XV capitulo. Ahi, porem, por motivos hoje ignorados, o romance ficou interrompido, faltando-lhe por conseguinte os 10 capitulos restantes, os quaes só posteriormente vieram a sahir a lume na 1.^a edição (Porto — 1851) onde esses capitulos occupam de pag.^s 143 a 130

No entanto, no mesmo n.º 18 da *Semana*, onde a referida publicação teve começo, na secção *Expediente*, declarou-se:

“O romance original — *Anathema* — que vem hoje adorando as columnas d’este Jornal, foi offerecido pelo seu auctor, o ill.^{mo} sr. Camillo Castello Branco, á empreza do mesmo Jornal; agradecendo tão apreciavel dadiva cumprenos por esta occasião dar um publico testemunho do meu sincero reconhecimento, pela delicada como generosa offerta, que o mesmo senhor me acaba de fazer, de o poder imprimir em volume, e vender, revertendo a meu favor o seu producto.

— “O Empresario”

E, a seguir, como complemento da declaração anterior :

“Vai publicar-se este romance ás folhas de 8.º portuguez, em bom papel, e passado pela prensa hydraulica, a 20 rs. cada uma. Assigna-se em todas as lojas do costume, e no Escriptorio d’este Jornal». (Pag. 144 do 1.º vol. da *Semana*).

Posto isto, chegou tal publicação a effectuar-se?

O Snr. Alberto Pimentel nenhum esclarecimento dá sobre este assumpto; e o Snr. Henrique Marques, na sua apreciada “*Bibliographia Camilliana*”, pag.s 9 e 10, depois de descrever a edição do *Anathema* de 1851, refere :

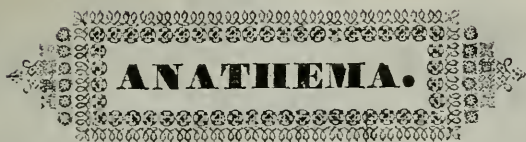
“Antes de sahir em volume o *Anathema*, vieram publicados na revista lisbonnense *A Semana* (1850-1852) quasi 15 capitulos d’este romance, a pag.s 139, 146, 157, 165, 172, 180, 189, 195, 204, 211, 221, 226, 245, 252, 260, 277, 294, 309, 318. — Ainda n’um dos numeros d’esta mesma revista vi annuciado que o seu editor ia publicar em volume o

"*Anathema*; não me consta, porem, que desse á estampa "tal volume."

Ora o volume que o Snr. Marques põe em duvida foi effectivamente tentado; constituiria uma como que separata da *Semana*, aproveitando-se a composição do romance, que muito regularmente ia apparecendo no semanario, mas dando-se-lhe o formato de in-8.º. D'elle sahiram pelo menos 13 folhas (que tantas são as que eu possuo) de 16 paginas cada uma, impressas em optimo papel; não chegando a concluir-se o volume, bem como na revista tambem o romance ficou sem seguimento. Emfim, uma edição suspensa e inutilisada, um caso semelhante ao que, vinte e dous annos corridos, em 1872, succedeu com a *Infanta Capellista*.

Por completamente desconhecida dos Camillianistas, passarei a descrever com minudencia esta curiosa especie bibliographica:

Folha de ante-rosto (correspondente a pag.^s 1 e 2, mas sem numeração explicita) tendo impresso no centro da 1.^a pag. o titulo *Anathema*, emoldurado n'um pequeno ornato typographico, como da reprodução que segue.



Verso da folha em branco. 1

Folha de rosto (pag.^s 3 e 4, mas também sem numeração explícita),
com o frontispício assim disposto:

ANATHEMA.

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

LISBOA

IMPRESA NACIONAL.

—
1850.

Verso da folha em branco.

Segue outra folha (pag.^s 5 e 6, ainda sem numeração explicita), que tem na pagina da frente, a 5.^a, a seguinte dedicatória do editor:

A SEU IRMÃO

ANTONIO PAULO DE SOUSA

EM TRIBUTO

de verdadeira amizade

D. O. e C.

O EDITOR

J. A. de Sousa.

Verso da folha em branco.

Nova folha, pag.^s 7 e 8, a segunda das quaes já com a numeração impressa. Na pagina da frente:

ANATHEMA.

IDÉAS PRELIMINARES

Em que o auctor dá a razão do seu dicto.



Não queremos enviosar peripecias milagrosas de palavras eufonicas ao cansado véo de mystérios com que por ali se enfaixa o romance chamado *da época*. Filho legitimo da litteratura *palpitante de actualidade*, chamam-lhe uns: outros dizem que não é nada, ou por muito favor — uma gymnastica de contursões difficultosas de estylo, opulenta de pontinhos e *ahs!* e *ahs!*

Não subscrevemos a alguma das opiniões. A primeira é um revoltante empyrismo da sciencia.

Vae esta especie de prologo de pag.^s 7 até pag.^s 12.

Começa o romance na pagina seguinte e vae até pag.^s 208, ficando interrompido quasi no fim do capitulo XIV, onde se diz: “Não ha duvida — era um ente racional, e,, (6.^a linha da pagina 123 da edição de F. G. da Fonseca — Livreiro e editor — Porto, 1851, — considerada a primeira).

*

* *

É de notar que na *Semana* o romance vae até pouco antes de terminar o capitulo seguinte, o XV; mas, como facilmente se deprehende, a separata tinha de seguir algo atrasada, por causa da differença de formato e da paginação independente do volume, sendo indispensavel que o texto disponivel dêsse margem á impressão d’uma folha completa, isto é de 16 paginas. Portanto, é muito provavel, se não certo, que mais nenhuma folha sahisse publicada, alem das 13 a que me tenho referido.

De resto, estas folhas, de incontestavel interesse bibliographico, devem ser de extrema raridade, se é que outros exemplares d’ellas existem, porque de outras não tenho eu noticia. De feito, em 1850, ainda Camillo estava longe de attingir a celebridade e o prestigio que mais tarde conseguiu alcançar como primoroso romancista e insigne prosador; não sendo, pois, de admirar que as folhas do *Anathema*, sahidas n’esse mesmo anno e sem esperanças de virem a ser completadas, não tivessem entusiastas que religiosamente as recolhessem e conservassem, como aconteceu com as da *Infanta Capellista* dadas á estampa em 1872.

Uma excepção houve, porem, em 1850; e a essa excepção devo eu o exemplar que possuo, o qual me facultou o esclarecimento que n’esta nota fica exarado.

INDICE

	Pag.s
PROEMIO	V a XI

PARTE PRIMEIRA

Camillo collaborador e redactor da <i>Aurora do Lima</i> , (Fins de 1855 a meados de 1859).....	3 a 65
---	--------

PARTE SEGUNDA

Visitas de Camillo a Vianna do Castello: algumas positivamente effectuadas (1853, 1857, 1878 e 1882) uma duvidosa (1856) e outras que não passaram de projecto (1855 e 1858).....	69 a 97
---	---------

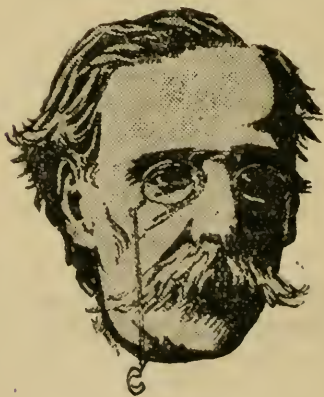
PARTE TERCEIRA

Algumas cartas de Camillo a José Barbosa e Silva, versando diversos assumptos interessantes ou curiosos (1849 a 1862).....	101 a 147
--	-----------

NOTA FINAL

Camillo publica em 1850 o seu primeiro romance o *Anathema*, na revista lisbournense a *Semana* até quasi ao fim do XV capitulo. — Tiragem do romance em separata pelo editor do semanario. — Fica essa separata interrompida na 13.^a folha, a pag.^s 208. — Descrição bibliographica das 13 folhas sahidas.....

149 a 156





PQ
9261
C3Z53
1919

Castello Branco, Camillo
Cem cartas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
14 13 12 041 1
39 11